



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF

**BRINCADEIRAS DE MÃOS CANTADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
ACOLHENDO E DIVULGANDO AS CULTURAS INFANTIS NA ESCOLA**

TIAGO FERRAZ THOMÉ

**Rio Claro – SP
2024**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - PROEF

**BRINCADEIRAS DE MÃOS CANTADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA:
ACOLHENDO E DIVULGANDO AS CULTURAS INFANTIS NA ESCOLA**

TIAGO FERRAZ THOMÉ

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Física
Orientadora: Dra. Daniela Bento-Soares

**Rio Claro – SP
2024**

T465b Thomé, Tiago Ferraz
Brincadeiras de mãos cantadas nas aulas de educação física :
acolhendo e divulgando as culturas infantis na escola / Tiago Ferraz
Thomé. -- Rio Claro, 2024
174 p. : il., tabs., fotos + objeto educacional

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Daniela Bento-Soares

1. Brincar. 2. Brincadeiras cantadas. 3. Culturas infantis. 4.
Educação Física escolar. 5. Escola. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: BRINCADEIRAS DE MÃOS CANTADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ACOLHENDO E DIVULGANDO AS CULTURAS INFANTIS NA ESCOLA

AUTOR: TIAGO FERRAZ THOMÉ

ORIENTADORA: DANIELA BENTO SOARES

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em Educação Física, área: Educação Física Escolar pela Comissão Examinadora:

Daniela Bento Soares

Profa. Dra. DANIELA BENTO SOARES (Participação Presencial)
Departamento de Educação Física / Instituto de Biociências UNESP Rio Claro

Elaine Prodocimo

Profa. Dra. ELAINE PRODÓCIMO (Participação Presencial)
FEF-UNICAMP / Universidade Estadual de Campinas / SP

Flavio Soares Alves

Prof. Dr. FLAVIO SOARES ALVES (Participação Presencial)
Departamento de Educação Física / UNESP Instituto de Biociências de Rio Claro SP

Rio Claro, 25 de março de 2024

Dedico este trabalho a todas as crianças do mundo, especialmente aos/as "esfarrapados" e "esfarrapadas", os/as condenados/as da terra, cujo acesso ao direito fundamental de brincar é frequentemente negado pelas circunstâncias adversas que enfrentam (Freire, 2021; Fanon, 2022). Em especial, aos meninos e às meninas da Palestina. Que este trabalho possa contribuir, de alguma forma, para promover a conscientização e buscar soluções que permitam a todas as crianças, independentemente de suas condições sociais, culturais ou econômicas, a oportunidade de exercer plenamente seu direito inalienável de brincar e vivenciar uma infância plena de experiências enriquecedoras.

AGRADECIMENTOS

Expressar minha gratidão é uma jornada através do tempo. É como uma colcha de retalhos atemporal, onde cada um/uma colocou um pedacinho, pedacinho de saberes, de incentivos, de puxões de orelha, mas principalmente de amor.

Aos/as companheiros e companheiras de curso do ProEF, em especial a Tassiana, Anderson, Helen e Danilo, os meus sinceros agradecimentos.

A todos os professores e todas as professoras do ProEF.

Ao meu amigo e professor de línguas Bene Rubini.

Aos professores e professoras da escola Professora Maria Aparecida, em especial aos professores/as Rafael, Marcos, Everton, José Ricardo, Sheila e Mariana.

Ao professor Flávio Soares e a professora Elaine Prodócimo, pelas orientações e direcionamentos na qualificação.

À minha avó Ivana, (*in memoriam*), pelo imenso amor às coisas simples da vida.

Agradeço ao meu pai, Carlos, por me ensinar o dom da paciência.

À minha mãe, Sônia, cujo incentivo constante à educação tornou tudo isso possível.

Ao meu irmão Rafael, melhor amigo desde sempre.

À minha amiga e esposa, Dayane, pela paciência, cuidado e todo seu amor.

À minha filha, Nicolle, meu primeiro amor.

Ao meu filho, Miguel, com quem aprendi que para o amor não existe barreiras.

Agradeço também ao meu filho do coração, Ryan, por me presentear com um netinho lindo, o Rafa.

E em especial à professora Daniela Bento-Soares, que, com muito carinho cuidou de cada detalhe, imprimindo seu olhar atento e dedicado em cada página deste trabalho.

Agradeço os meninos e as meninas da turma do 4º ano A, por me ensinarem o verdadeiro sentido de ser criança.

Brincar é o maior exercício de liberdade que podemos ter.

(Lydia Hortélio, 2008, n.p.)

RESUMO

As brincadeiras de mãos cantadas fazem parte da cultura do brincar das crianças, que além de vivenciá-las, transformam e ressignificam seus múltiplos jeitos de se brincar. O objetivo desta pesquisa foi conhecer/mapear as brincadeiras de mãos cantadas que fazem parte da pluralidade dos jeitos de se brincar dos/as alunos/as da EMEIEF “Professora Maria Aparecida Fernandes Leite”, bem como, de forma específica, observar as diferentes formas de brincar a depender do local de origem das famílias das crianças, ressaltando as influências das culturas locais; investigar como as brincadeiras de mãos cantadas constituem-se elementos disparadores e acolhedores das culturas infantis nas aulas de Educação Física escolar; construir formas de registro com os/as alunos/as sobre as brincadeiras de mãos cantadas apresentadas durante as aulas; e analisar a problematização das brincadeiras apresentadas pelos/as alunos/as. Mas, brincar para quê? Brincar para brincar! Brincar já é o próprio universo! Na Educação Física escolar, é fundamental adotar práticas que superem a relação opressor-oprimido e que vão além da transmissão de conhecimentos para promover uma educação para todos/as, democrática e emancipadora. Pois o brincar é resistência, é reconstrução de mundo, é liberdade, é permitir que meninos e meninas se apropriem de seus próprios corpos e imaginários, descubram o mundo e, nessa relação, se humanizem. Para isso, foram convidados/as a participar da pesquisa meninos e meninas do 4º ano A, bem como seus/as responsáveis. Este estudo teve como desenho a pesquisa participante, utilizando os seguintes instrumentos de pesquisa de campo: entrevista com adultos/as responsáveis pelos/as crianças, ou seja, para conhecimento das rotinas das famílias e do brincar das crianças, diário de campo e filmagens das aulas e das rodas de conversa pelo professor-pesquisador, para análise da proposta pedagógica. Os dados foram analisados de forma qualitativa, através do método da análise temática. A pesquisa gerou inéditos viáveis importantes, ressaltando a importância de uma prática pedagógica dialógica que não silencia a voz de meninos e meninas, mas que permite, além da valorização das suas experiências, a possibilidade de criar, recriar e transformar os jeitos de se brincar. Compreendemos que, como em um telefone sem fio atemporal, as brincadeiras passam de geração a geração e que hoje temos outras formas de aprender sobre elas, com a utilização das mídias digitais. Ao problematizarmos as brincadeiras “Meleca” e “Fui ao Botequim”, atuamos na leitura de mundo, enriquecendo juntos/as nossa compreensão sobre temas importantes, como a diversidade religiosa e o respeito aos animais. Os diários do pesquisador possibilitaram uma análise profunda sobre meu quefazer pedagógico, mostrando o quão importante é a constante práxis no “ser professor/a”.

Palavras-chave: Brincar; Brincadeiras cantadas; Culturas infantis; Educação Física escolar; Escola.

RESUMEN

Los juegos de canto son parte de la cultura lúdica de los/as niños/as, que, además de experimentarlos, transforman y dan nuevo significado a sus múltiples formas de jugar. El objetivo de esta investigación fue comprender/mapear los juegos de manos cantados que forman parte de la pluralidad de modos de juego de los/as estudiantes de la EMEIEF "Profesora María Aparecida Fernandes Leite", así como, específicamente, observar las diferentes formas de jugar según el lugar de origen de las familias de los/as niños/as, destacando las influencias de las culturas locales, investigar cómo los juegos cantados constituyen elementos desencadenantes y acogedores de las culturas infantiles en las clases de Educación Física escolar, construir formas de registro con los/as estudiantes sobre los juegos cantados presentados durante las clases y analizar la problematización de los juegos presentados por los/as alumnos/as.. ¿Pero por qué jugar? ¡Juega para jugar! ¡Jugar ya es el universo mismo! En la Educación Física escolar es fundamental adoptar prácticas que superen la relación opresor-oprimido y vayan más allá de la transmisión de conocimientos para promover una educación para todos, democrática y emancipadora. Porque jugar es resistencia, es reconstrucción del mundo, es libertad, es permitir que los niños y las niñas se apropien de su propio cuerpo y de su imaginación, descubran el mundo y, en esa relación, se humanicen. Para ello, se invitó a participar en la investigación a niños y niñas de 4to grado A, así como a sus tutores. Este estudio tuvo un diseño de investigación participativa, utilizando los siguientes instrumentos de investigación de campo: entrevistas a adultos/as responsables de los/as niños/as, es decir, para conocer las rutinas familiares y el juego infantil, diario de campo y filmaciones de clases y círculos de conversación por parte del docente-investigador, analizar la propuesta pedagógica. Los datos fueron analizados cualitativamente, mediante el método de análisis temático. La investigación generó importantes innovaciones viables, resaltando la importancia de una práctica pedagógica dialógica que no silencia la voz de los niños y niñas, que permita, además de valorar sus experiencias, la posibilidad de crear, recrear y transformar las formas de jugar. Entendemos que, como un teléfono inalámbrico atemporal, los juegos se transmiten de generación en generación, y que hoy tenemos otras formas de conocerlos, utilizando los medios digitales. Al problematizar los juegos "Meleca" y "Fui ao Botequim", actuamos en la lectura del mundo, enriqueciendo juntos nuestra comprensión de temas importantes, como la diversidad religiosa y el respeto a los animales. Los diarios del investigador permitieron un análisis profundo de mi quehacer pedagógico, mostrando lo importante que es la praxis constante en "ser docente".

Palabras clave: Juego; Juegos de canto; Culturas infantiles; Educación Física Escolar; Escuela.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese do referencial teórico desta pesquisa.....	20
Quadro 2 – Roteiro de mediação das aulas	54
Quadro 3 – Fases da análise temática.....	56
Quadro 4 – Semelhanças e diferenças na brincadeira trem maluco	68
Quadro 5 – Semelhanças e diferenças na brincadeira Popeye.....	68
Quadro 6 – Percepções dos/as alunos/as sobre ensinar e aprender.....	77
Quadro 7 – Brincadeira problematizada “Meleca”	83
Quadro 8 – Brincadeira problematizada – “Fui ao botequim	84

LISTA DE FIGURAS E IMAGENS

Figura 1 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Ana Banana	12
Figura 2 - Brincadeira de mão inspiração e apresentada pelos/as alunos/as - Tricilomelo.....	16
Figura 3 - Brincadeira de mão apresentada pelos/a alunos/as - Pikachu	21
Figura 4 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Popeye caveira	28
Figura 5 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Babalu	34
Figura 6 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Pararaparati	41
Figura 7 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Maria Helena.....	55
Figura 8 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Copo de leite	58
Figura 9 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Adoleta	64
Figura 10 - Brincadeira de mão apresentada/transformada pelos/as alunos/as - Fui ao botequim	76
Figura 11 - Percepções sobre as aulas.....	78
Figura 12 - Brincadeira de mão apresentada/transformada pelos/as alunos/as - Meleca	81
Figura 13 - Brincadeira de mão criada pelos/as alunos/as - Bom retiro.....	88
Figura 14 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Suco gelado	92
Figura 15 - Brincadeira de mão apresentada/transformada pelos/as alunos/as - Popeye	97
Imagem 1 – Entrada principal da escola.....	43
Imagem 2 – Quadra poliesportiva.....	43
Imagem 3 – Bosque	44
Imagem 4 – Campo.....	44
Imagem 5 – Local utilizado para realizar as brincadeiras	45
Imagem 6 - Impressão sobre o projeto da aluna Dandara	137
Imagem 7 - Impressão sobre o projeto do aluno Evaristo	138
Imagem 8 - Impressão sobre o projeto da aluna Conceição	139
Imagem 9 - Impressão sobre o projeto da aluna Djamila	140
Imagem 10 - Impressão sobre o projeto da aluna Maria	141
Imagem 11 - Impressão sobre o projeto da aluna Marielle	142
Imagem 12 - Impressão sobre o projeto da aluna Lydia	143
Imagem 13 - Impressão sobre o projeto do aluno Paulo	144
Imagem 14 - Impressão sobre o projeto do aluno Júlio.....	145
Imagem 15 - Impressão sobre o projeto da aluna Zilda.....	146
Imagem 16 - Impressão sobre o projeto do aluno Antônio	147
Imagem 17 - Impressão sobre o projeto do aluno Betinho.....	148
Imagem 18 - Impressão sobre o projeto do aluno Chico	149
Imagem 19- Impressão sobre o projeto do aluno Moacir.....	150
Imagem 20 - Impressão sobre o projeto do aluno Carlos	151
Imagem 21 - Impressão sobre o projeto do aluno Luis.....	151
Imagem 22 - Impressão sobre o projeto do aluno Frantz	153
Imagem 23 - Impressão sobre o projeto da aluna Carolina	154
Imagem 24 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Popeye”, feito pela aluna Dandara.....	155
Imagem 25 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Popeye”, uma variação, feito pela aluna Dandara ..	156
Imagem 26 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Pikachu”, feito pelo aluno Evaristo	157
Imagem 27 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Babalu”, feito pela aluna Djamila	158
Imagem 28 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Tricilomelo”, feito pela aluna Dandara	159
Imagem 29 - Registro em diário de bordo da brincadeira “O trem maluco”, feito pelo aluno Paulo	160
Imagem 30 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Ana banana”, feito pela aluna Lydia.....	161
Imagem 31 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Babalu é caramelo”, feito pela aluna Maria	162

Imagem 32 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Pararaparati”, feito pela aluna Dandara	163
Imagem 33 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Meleca”, feito pela aluna Marielle	164
Imagem 34 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Adoleta”, feito pela aluna Marielle	165
Imagem 35 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Fui ao botequim”, feito pela aluna Marielle	166
Imagem 36 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Copo de leite”, feito pela aluna Marielle.....	167
Imagem 37 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Bom retiro”, feito pela aluna Zilda	168

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
A HISTÓRIA DESSA PESQUISA.....	16
2 OBJETIVOS.....	18
A. OBJETIVOS GERAIS	18
B. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
3 PRODUTO EDUCACIONAL	19
4 BRINCAR, VALORIZAR, CANTAR E LER O MUNDO	20
A. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O BRINCAR: CONTRIBUIÇÕES DO OLHAR DE PAULO FREIRE	21
B. ACOLHIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS INFANTIS NA ESCOLA.....	28
C. AS BRINCADEIRAS CANTADAS E AS BRINCADEIRAS DE MÃOS CANTADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	34
D. O BRINCAR E A BNCC.....	38
5 PERCURSO INVESTIGATIVO	41
A. UNIVERSO DA PESQUISA	42
<i>a.1 Realidade social da população atendida</i>	<i>46</i>
<i>a.2 Participantes</i>	<i>47</i>
B. DESENHO DA PESQUISA.....	49
C. INSTRUMENTOS	50
<i>c.1 Entrevistas</i>	<i>51</i>
<i>c.2. Filmagem das aulas e das rodas de conversa</i>	<i>51</i>
<i>c.3. Diário de bordo</i>	<i>52</i>
D. PROCEDIMENTOS DA PESQUISA DE CAMPO	53
E. ANÁLISE DE DADOS	55
6 RESULTADOS: O OLHAR DO PROFESSOR ATRAVÉS DO OLHAR DAS CRIANÇAS	58
A. BRINCAR É O PRÓPRIO UNIVERSO!	64
<i>a.1 Influência dos locais de morada no brincar de mãos</i>	<i>66</i>
<i>a.2 Momentos de brincar em família</i>	<i>69</i>
<i>a.3 De ontem para hoje e as influências das tecnologias</i>	<i>70</i>
<i>a.4 Para além do quintal, meninos e meninas criando e transformando os jeitos de se brincar - O olhar menino.....</i>	<i>72</i>
B. EU GOSTEI DE APRENDER, PESQUISAR E ENSINAR	76
C. BRINCADEIRAS PROBLEMATIZADAS: “MELECA” E “FUI AO BOTEQUIM TOMAR CAFÉ”	81
D. MEU QUEFAZER PEDAGÓGICO: DIÁRIOS DO PESQUISADOR	88
8 INÉDITOS VIÁVEIS	92
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	99
APÊNDICES	106

1 Introdução

Figura 1 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Ana Banana



Ana Banana Splish Fabiana
Vinte e quatro horas
Bebendo coca-cola
Na frente da escola
Splish...

Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



Ao iniciarmos o Mestrado Profissional, nos deparamos com um mundo novo de muitas possibilidades e desafios. Passamos a questionar mais nossa atuação profissional e os problemas enfrentados em nosso dia a dia, buscando uma melhor compreensão daqueles aspectos que muitas vezes parecem difíceis de resolver.

O caminho que percorri no Mestrado me possibilitou uma nova consciência, uma abertura de olhos diante do tamanho da responsabilidade que é ser professor/a. Essa experiência me proporcionou um enriquecimento da prática pedagógica, um olhar para além, um olhar que transcende o ambiente escolar e dialoga com os problemas inerentes à nossa sociedade: uma aula em que utilizamos, por exemplo, do futebol para falar sobre igualdade de gênero, da capoeira para lutarmos por uma sociedade antirracista, das brincadeiras de mãos para a valorização e transformação dos jeitos de se brincar da cultura infantil, da importância e do como avaliar em nossas aulas, das danças dos povos originários para compreendermos nossas origens, buscar uma educação de qualidade que possa transformar a sociedade em um lugar melhor para todos/as/es.

Esse olhar encontra suporte em Paulo Freire (2020), que em seu livro *Educação e Mudança*, fala da capacidade do/a professor/a em atuar, operar e transformar a realidade. Para tanto, o/a educador/a pode refletir sobre o agir em constante práxis, de forma a construir uma educação de caráter libertador das relações entre opressor/a e oprimido/a (Freire, 2020). A educação deve, portanto, atuar nesse processo de conscientização, nesse processo de mudança e transformação social, **a educação deve ajudar o/a aluno/a a ler o mundo**.

Nós, professores/as, temos essa tarefa, que é tão bela e de uma importância sem tamanho para a vida das nossas crianças: temos um mundo de possibilidades pedagógicas, que podem influenciar pensamentos, valores, ações e transformações. Para tanto, devemos conhecer primeiro a partida, a morada de nossos/as alunos/as, para depois trilhar novos caminhos, agregar outros saberes e experiências, e, assim, mudar, transformar e conscientizar, colocando-os/as no lugar de destaque, lugar onde todos/as/es deveriam estar.

Cabe a nós, professores/as, percorrermos essa jornada com ouvidos bem atentos e curiosidade aguçada, lendo, pesquisando, analisando, dialogando com os/as pares, aceitando e fazendo críticas, atentos/as a cada palavra dos/as colegas, utilizando novas ferramentas, refletindo sobre nossas inquietações. E foi por uma dessas inquietações, algo que sempre me deixou encantado e que faz parte do universo temático (Freire, 2021) dos/as alunos e alunas da minha escola, que decidi por pesquisar as brincadeiras de mãos cantadas. Encantado e inspirado pelas palavras de Lydia Hortélio (2008, s/nº), temos o encaminhamento da problemática principal de nossa pesquisa: “Mas o vasto repertório da cultura da infância no Brasil está encoberto, esquecido. Então o meu trabalho, o meu interesse, a minha alegria, é ir atrás dessas coisas”.

Ir atrás para descobrir! De onde vem essas brincadeiras? Como elas surgem? Como são transmitidas de geração em geração? A missão tornou-se compreender suas variações nos jeitos de se brincar e, a partir daí, criar um ambiente acolhedor,

um ambiente que valorize as diversas formas de brincar pelo nosso país, em que cada criança se sinta representada.

Nos últimos anos, as brincadeiras que fazem parte da cultura infantil vêm perdendo espaço para novas formas de se viver a infância. Infelizmente, essa essência de ser criança tem sido suplantada pelo que o sociólogo Zygmunt Bauman (2001) chama de “modernidade líquida”, caracterizada pela presença crescente de tecnologia e do consumo nos lares familiares. Além disso, as escolas, como nos alertou Paulo Freire (2021), muitas vezes falham ao não acolher, valorizar e potencializar as infâncias, limitando-se a transmitir conhecimentos baseados em certos saberes hegemônicos, desconhecendo as crianças como seres históricos, como seres que **são e estão sendo**. As brincadeiras de mãos cantadas fazem parte da cultura do brincar das crianças, que além de vivenciá-las, transformam e ressignificam seus múltiplos jeitos de se brincar. Manoel de Barros (2018, p. 31) nos diz em “achadouros” que “as pedras do nosso quintal são sempre maiores que as outras pedras do mundo”, e nesse emaranhado de fios que atravessam as mais diversas infâncias, encontramos o brincar e as brincadeiras infantis como um valioso patrimônio do nosso quintal, transmitido e transformado de geração em geração, refletindo a identidade de uma comunidade.

De acordo com Brougère (1997), toda brincadeira está imersa no contexto social, em um processo de relações interindividuais; portanto, não existe um modo natural de brincar, toda brincadeira é uma aprendizagem social, uma aprendizagem cultural:

Considerado como parte de uma cultura popular, o jogo tradicional guarda a produção espiritual de um povo em certo período histórico. Essa cultura não oficial, desenvolvida sobretudo pela oralidade, não fica cristalizada. Está sempre em transformação, incorporando criações anônimas das gerações que vão se sucedendo (Kishimoto, 1995, p.15).

Tomemos, por exemplo, as seguintes brincadeiras cantadas: Popeye, Babalu, Ana banana, Maria Helena. O que elas têm em comum?

São brincadeiras de mãos que fazem parte da cultura do brincar de nossas crianças e trazem em sua essência expressões culturais, aspectos sociais dos locais por onde passam, são ressignificadas e transformadas a todo instante pelas crianças, que criam, recriam, inventam, tornam a brincadeira algo vivo, um elo entre passado, presente e futuro (Silva, 2019).

Conforme Freire e Guimarães (2011), a espontaneidade, a capacidade de inventar e criar coisas que jamais foram imaginadas, a expressividade de si, do e para o mundo fazem parte da infância da criança e não podem ser negadas em prol de uma educação disciplinadora intelectual. Mas, que crianças e quais infâncias chegam até a escola?

Começemos com a curiosidade expressa no poema que abre o livro “Exercícios de ser criança”, de Manoel de Barros:

No aeroporto o menino perguntou:
 -E se o avião tropical num passarinho?
 O pai ficou torto e não respondeu.
 O menino perguntou de novo:
 -E se o avião tropical num passarinho triste?
 A mãe teve ternuras e pensou:
 Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?
 Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?
 Ao sair do sufoco o pai refletiu:
 Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.
 E ficou sendo. (Barros, 2021, p. 6)

As crianças são sujeitas e produtoras de cultura, agem e interpretam o mundo a sua volta, criam e ressignificam seu modo de ser único, sendo a cultura infantil o mais importante aspecto de diferenciação entre uma criança e outra (Barbosa, 2014).

Brincadeiras cantadas e de roda, pela própria tradição oral e popular, se transformam com o tempo e pelo tempo, se recriam e ganham significados diferentes em cada contexto – de tempo e de espaço (Mosca, 2018). O jeito de brincar é transformado a todo instante, novas palavras, movimentos, ritmos, uma brincadeira é misturada com outra, brinca-se sozinho/a, em duplas, trios, grupos.

Toda criança tem seu modo de ser único no mundo, mas que é formado por pedacinhos, pequenos retalhos das pessoas e de um mundo de possibilidades que a envolve. Juntando os pedacinhos, temos uma linda colcha de retalhos, que nunca será terminada, sempre serão acrescentados novos retalhos, agregando e formando novos saberes. Lydia Hortélio relata que:

No vasto espectro de manifestações da Cultura da Criança, ou seja, das práticas do ser-humano-ainda-novo, há um bloco significativo de brinquedos, onde música, palavra, movimento e o outro formam um todo indivisível, um organismo, do qual nenhuma parte pode ser subtraída sem vir a perder o sentido, sua feição, funcionalidade e completude. (Hortélio, 2017, p. 32)

Como as brincadeiras de mãos cantadas podem ser resgatadas e valorizadas nas aulas de Educação Física de forma a promover a preservação da diversidade do brincar infantil, a partir do olhar das crianças?

Ainda para a pesquisadora Lydia Hortélio (2008), “só se aprende liberdade brincando. Brincar é o maior exercício de liberdade que a gente pode ter”. Assim, a infância é uma fase preciosa, que está guardada dentro de cada um/a, que muitas vezes se encontra escondida, mas que pode florescer com um “empurrãozinho” de um/a professor/a. Antes de qualquer coisa, nossas aulas serão sobre isso, sobre brincar.

A história dessa pesquisa

Figura 2 - Brincadeira de mão inspiração e apresentada pelos/as alunos/as - Tricilomelo



Tricilomelo
Auantchu celo
Tricilomelo si
Auantchu celo si
Trici, trici
Tricilauêi

Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



O ano era 2007 e eu desenvolvia atividades de estágio em um projeto que atendia cerca de 100 crianças em situação de abrigo e de vulnerabilidade social. Ali foi minha primeira experiência como educador, onde tive meu primeiro contato com as brincadeiras de mãos cantadas, através de uma aluna chamada Daniela, que enquanto brincava de maneira espontânea, no ônibus, durante o percurso escola-projeto, cantava “tricilomelo”.

Eu achei fascinante aquela brincadeira! Apesar de pouco entender de onde tinha saído “auantchucelo”. Com o passar dos anos, ministrando aulas em uma escola rural, notei que muitos/as alunos/as traziam consigo esse rico conhecimento: ao brincarem de mão, brincavam de jeitos diferentes, com letras diferentes, em ritmos diferentes. Brincavam nos recreios, nas aulas de Educação Física, na entrada e saída das aulas.

A escola em questão, denominada EMEIEF “Professora Maria Aparecida Fernandes Leite”, é considerada a maior escola rural do estado de São Paulo. Localizada no município de Porto Feliz, recebe aproximadamente 650 alunos/as da Educação Infantil ao Ensino Fundamental, anos finais. A comunidade, por conta dos períodos de entressafra da produção rural da região, recebe meninos e meninas de diversos lugares do Brasil, que trazem sua rica bagagem cultural proveniente de conhecimentos locais. Envolvido nesse contexto, percebi o quão rico é o conhecimento sobre as brincadeiras de mãos cantadas e como cada criança coloca um pedacinho de si nesse brincar, criando, recriando e transformando os jeitos de se brincar pelo Brasil.

Em busca de criar um ambiente acolhedor nas aulas de Educação Física escolar, que valorize a diversidade das culturas infantis e todos os quintais que chegam até a escola, considerando o brincar e a brincadeira como um espaço-tempo de construção de aprendizagem, de construção de resistência, essa pesquisa procurou responder alguns questionamentos: Como as crianças brincam de mão? Como ocorrem as mudanças e transformações nos jeitos de se brincar de mão? Como novos elementos são acrescentados às brincadeiras, enriquecendo-as, tornando únicos seus jeitos de se brincar? Como criar um ambiente acolhedor, valorizando essa diversidade de brincar de mãos que chegam até a escola? Como as aulas de Educação Física podem contribuir para a valorização da diversidade do brincar nas culturas infantis? Como o brincar contribuir para problematizarmos o mundo em nossa volta?

2 Objetivos

a. Objetivos Gerais

Conhecer/mapear a diversidade das brincadeiras de mãos que fazem parte da pluralidade dos jeitos de se brincar de meninos e meninas nas aulas de Educação Física da EMEIEF “Professora Maria Aparecida Fernandes Leite”.

b. Objetivos Específicos

Investigar como as brincadeiras de mãos cantadas constituem-se elementos disparadores e acolhedores das culturas infantis nas aulas de Educação Física escolar.

Observar as diferentes formas de brincar a depender do local de origem das famílias das crianças, ressaltando as influências das culturas locais.

Construir formas de registro com os/as alunos/as sobre as brincadeiras de mãos cantadas apresentadas durante as aulas.

Analisar a problematização das brincadeiras apresentadas pelos/as alunos/as.

3 Produto Educacional

O produto educacional resultante desta dissertação de Mestrado assumiu a forma de um livro digital (Apêndice I), em versos, que busca contar a história de todo o processo de construção da pesquisa, se propondo a explorar os entremeios, os caminhos, as nuances e os detalhes.

Um jogo de cartas, contendo as brincadeiras, acompanha o livro digital. O jogo de cartas possui um QR-Code, que direciona o/a leitor/a para os vídeos das brincadeiras que foram apresentadas, transformadas e criadas pelos/as alunos/as participantes desta pesquisa. Este material busca inspirar professores/as a conhecer os quintais de meninos e meninas de suas escolas, quintais nos quais mora uma rica diversidade de brincadeiras que fazem parte do patrimônio da cultura infantil.

4 Brincar, valorizar, cantar e ler o mundo

Para dar início as discussões pertinentes às brincadeiras de mãos cantadas, se faz necessário discorrer sobre o brincar nas aulas de Educação Física. Para tanto, iremos buscar pistas nos estudos de Paulo Freire, estabelecer um diálogo entre a diversidade e a importância do brincar nas culturas infantis, para então chegar na morada, no cerne da nossa pesquisa, as brincadeiras de mãos cantadas.

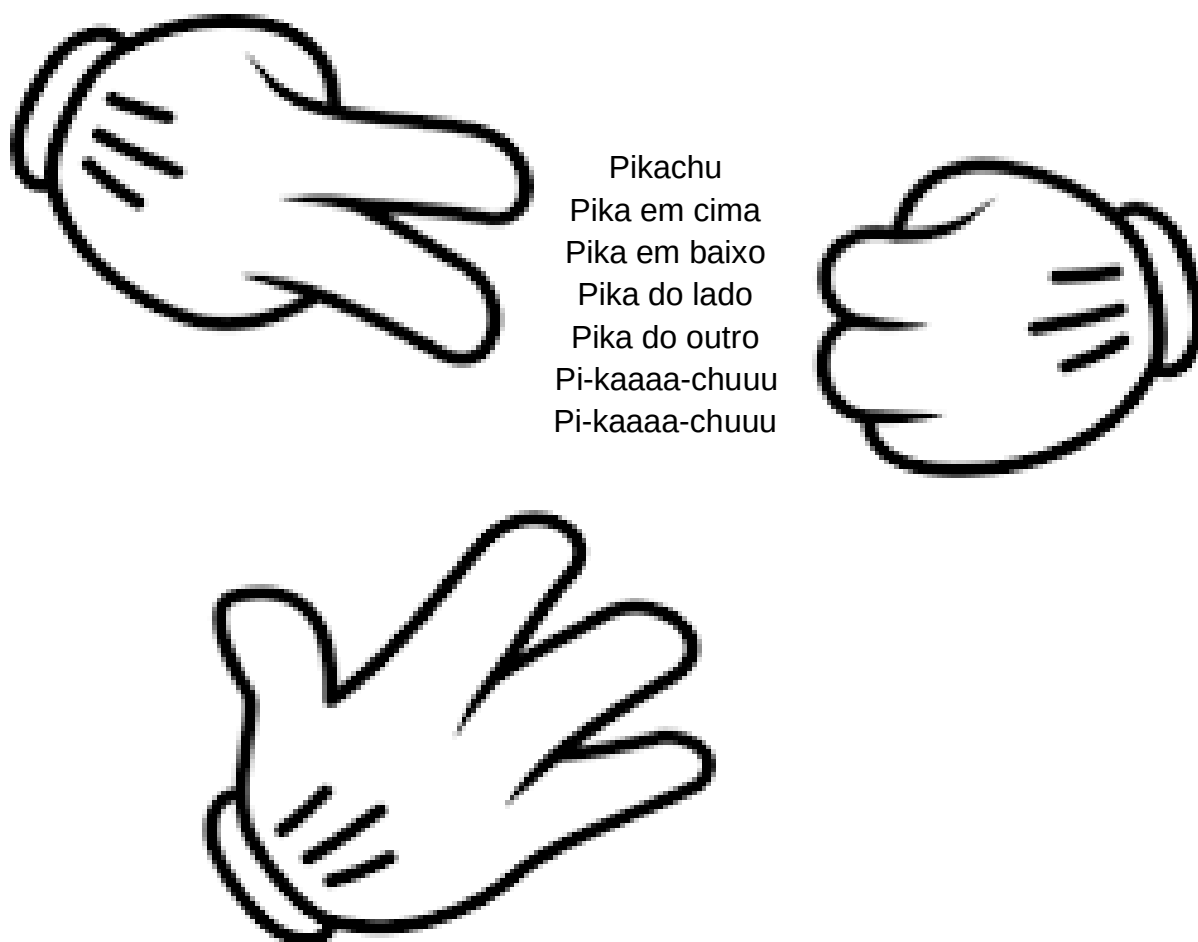
Quadro 1 – Síntese do referencial teórico desta pesquisa

Educação Física escolar e o brincar: Contribuições do olhar de Paulo Freire	Acolhimento e valorização das culturas infantis na escola	As brincadeiras cantadas e as brincadeiras de mãos cantadas nas aulas de Educação Física
Este subcapítulo explora o papel do brincar na Educação Física escolar à luz das contribuições e perspectivas de Paulo Freire (2000, 2014, 2015, 2020, 2021, 2022). Ao utilizar suas principais obras, artigos e publicações relacionadas à Educação Física, destaca-se a importância de uma prática pedagógica humanizadora, baseada na relação dialógica entre todos os/as envolvidos/as.	O subcapítulo aborda a influência do ambiente na infância, exemplificado pelo documentário "A Invenção da Infância" (2000). Destaca as diferentes realidades de crianças em situações precárias e com sobrecarga de atividades. Reflete sobre a contemporaneidade brasileira, alertando para os impactos das políticas neoliberais. Destaca a necessidade de compreensão e acolhimento das diversas experiências infantis na escola, valorizando suas culturas.	O subcapítulo destaca a grande importância das brincadeiras cantadas na cultura infantil, ressaltando sua riqueza cultural e influências diversas. Lydia Hortélio (2008, 2014, 2017) destaca a música da cultura infantil como expressão autêntica, transcendendo fronteiras culturais e conectando crianças de diferentes origens. Ela enfatiza o papel essencial dessas brincadeiras no crescimento e aprendizado das crianças, alertando para seu desaparecimento na infância contemporânea. O brincar é apresentado como crucial para a formação da identidade cultural.

Fonte: Adaptado pelo autor (2023)

a. Educação Física escolar e o brincar: Contribuições do olhar de Paulo Freire

Figura 3 - Brincadeira de mão apresentada pelos/a alunos/as - Pikachu



Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



Um fotógrafo-artista me disse outra vez: Veja que pingo do sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho na mão de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes.

(Manoel de Barros, 2018, p. 43)

Este capítulo discorrerá sobre o brincar através das contribuições, dos ensinamentos e do olhar de Paulo Freire. Para isso, utilizaremos suas principais obras, artigos e demais publicações, que foram bases de seu pensamento para discussões da Educação Física escolar.

Paulo Freire é educação, amor, liberdade, práxis, criticidade, esperança, emancipação, cultura, transformação, resistência, dialogicidade, problematização, inéditos viáveis, luta. E, como não podia deixar de ser, seu pensar (2021) se destaca por uma prática pedagógica mais humanizadora, uma prática em que se estabelece uma relação dialógica permanente entre todos/as/es.

O/a professor/a tem na educação libertadora de Paulo Freire a possibilidade de refletir criticamente sobre a realidade, refletir criticamente sobre o universo da cultura infantil, o universo do brincar, o universo da cultura corporal de movimento. Tal reflexão acontece através de uma prática educativa que leve a ação transformadora em constante diálogo, práxis (Bossle, 2019). Essa práxis se dá em um processo de reflexão e ação de meninos e meninas sobre e com mundo, para que possam agir e transformá-lo. Sem a práxis, torna-se impossível superar a relação opressor-oprimido (Freire, 2021).

A escola tem papel essencial em ajudar nessa leitura de mundo, mas que historicamente tem contribuído na perpetuação dessa relação opressor/a e oprimido/a, se pautando na transmissão de conhecimentos, tendo na figura do/a professor/a o/a detentor/a dos saberes e nos/as aluno/as como meros/as receptores/as. Ainda de acordo com Paulo Freire (2021, p. 80):

A narração, de que o/a educador/a é o/a sujeito/a, conduz os/as educandos/as à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão.

Essa sociedade que oprime tem na escola uma aliada, quando temos na ação educativa o ato de transferir, o ato de colocar como prioridade certos conhecimentos e valores, o ato de ver no/a aluno/a um grande depósito e no/a professor/a o/a único/a detentor/a desses saberes.

As escolas brasileiras são constituídas, ainda, por princípios e padrões hegemônicos de educação, responsáveis pela manutenção do modelo neoliberal, o qual historicamente aprisiona, aliena e desumaniza as experiências e conhecimentos populares (Correia; Marques; Miranda, 2019, p. 33). Grande parte das instituições escolares brasileiras ainda se pautam em modelos de ensino com características europeias, especialmente advindo de um período colonial (Souza, Costa, Ehrenberg, 2021).

Essa escola que deposita, que transfere saberes definidos pelo mundo neoliberal como “mais importantes”, colonialista, está contribuindo para uma prática educativa emancipatória ou para a formação de alunos/as críticos/as? Essa escola pode ser considerada uma escola para todos/as/es?

Em seu estudo, Souza, Costa e Ehrenberg (2021) apresentam uma perspectiva para uma Educação Física decolonial. Tendo como referências as obras de Paulo Freire e Frantz Fanon, os autores e a autora buscam repensar a Educação Física sob uma abordagem crítica e decolonizadora, reconhecendo a importância de questionar as estruturas historicamente enraizadas que perpetuam relações de poder e opressão. A proposta de Educação Física decolonial destaca-se pela necessidade de uma reflexão profunda sobre as influências eurocêntricas presentes no currículo e nas práticas educativas, buscando resgatar as epistemologias locais e valorizar as diversas manifestações culturais e corporais existentes.

Ainda, Souza, Costa e Ehrenberg (2021) ressaltam a importância de repensar o papel do corpo na Educação Física decolonial, propondo uma reconexão entre corpo, cultura e sociedade, superando abordagens tradicionais que compreendem a área. Ao considerar as contribuições de Paulo Freire e Frantz Fanon, essa abordagem desafia paradigmas, buscando uma transformação profunda na forma como entendemos e praticamos a Educação Física, rumo a um modelo mais inclusivo, justo e verdadeiramente emancipador.

Logo, é possível afirmar que as escolas necessitam conhecer e valorizar seu território, seu terreno, o chão de conhecimentos que envolve sua comunidade. Partir do passarinho na mão da criança, ajudar o/a aluno/a se situar historicamente como sujeito de sua história, perceber e analisar a realidade de forma crítica e emancipatória e mediar sua leitura do mundo (Correia; Marques; Miranda, 2019).

Como afirma Freire (2021, p. 94), perceber-se no mundo, problematizando suas relações com ele:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Essa iniciativa é fundamental para uma educação que não se limite a “encher” os/as indivíduos/as com conteúdo, mas os/as encoraje a se tornarem “corpos conscientes”, que interagem intencionalmente com o mundo. Para Freire (2021), em uma visão libertadora da educação, o objeto de estudo parte e nasce dos alunos/as; por isso, a investigação temática é o ponto de partida do processo educativo e da dialogicidade.

As aulas de Educação Física escolar contemplam o ensino e a aprendizagem de jogos, brincadeiras, lutas, danças, esportes, ginásticas, ou seja, todo um rol de conhecimentos e saberes acumulados ao longo da história pertencentes a cultura de movimento. Logo, o brincar de mãos cantadas constitui o saber de meninos e meninas. Conhecer e problematizar tudo que envolve esse rico patrimônio da cultura infantil, compreender e valorizar os saberes locais é um quefazer necessário a prática pedagógica de professores/as. Nesse contexto, de acordo com Freire (2021), a

educação problematizadora emerge por meio da práxis e do diálogo, representando uma poderosa ferramenta dialógica para dismantelar as relações de poder impostas pelos opressores.

A educação problematizadora

[...] reconhece a historicidade do ser humano, o caráter provisório e de construção de saberes, o desvelamento da realidade, a desmistificação de falsas consciências do mundo. A proposta da concepção problematizadora é questionar, colocar a realidade a luz de critérios, em busca da libertação de qualquer forma de autoritarismo, dominação e opressão. Portanto, problematizações como “por quê?”, “como?”, “para quê?”, “o quê?”, “o que acham disso?” possibilitam o exercício de construção e reflexão coletiva entre os/as educandos/as e docentes (Prodócimo; Spolaor; So, 2019, p. 73).

Para conhecermos e valorizarmos os conhecimentos das crianças sobre as brincadeiras de mãos cantadas, é necessário adotarmos uma educação que, a luz do pensar de Paulo Freire, promova a problematização, o diálogo e a escuta. Isso envolve não apenas reconhecer suas experiências, mas também incentivar a expressão de suas percepções, contribuindo assim para uma educação mais enriquecedora e libertadora.

A educação problematizadora contrapõe-se à educação bancária, através da dialogicidade; ou seja, valorizando o diálogo, atenta aos locais de fala de alunos/as, em uma relação que se desenvolve horizontalmente, ouvindo sobre os mundos vividos e, a partir deles, construindo novas pontes (Prodócimo; Spolaor; So, 2019).

Os/as meninos/as são seres do quefazer, e se são, é porque

(...) seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação de mundo. E, na razão mesma em que o fazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O que fazer é teoria e prática. É reflexão e ação (Freire, 2021, p.167-168).

O quefazer das crianças, seu brincar, transcende o movimentar-se, é um ato que envolve ação/reflexão/ação... A práxis do brincar é, de fato, uma forma de transformação do mundo ao seu redor, algo vivo e pulsante que é seu próprio mundo. O brincar, então, não é apenas uma atividade lúdica, mas uma manifestação da essência humana, em constante busca por compreensão, autenticidade e transformação.

O brincar dos/as meninos e meninas vai muito além do se-movimentar, pois brincando transformam o mundo ao seu redor e criam seu próprio universo. Em uma educação libertadora, brincar é liberdade, resistência, luta e amor. Nesse contexto, o/a professor/a desempenha um papel fundamental na promoção de uma educação libertadora. A reflexão e o diálogo são elementos essenciais nesse processo e o/a educador/a imerso nesse universo deve dar destaque a uma prática dialógica e criar um ambiente propício para o pensamento crítico e para a emancipação dos/as alunos/as. Isso envolve conhecer e reconhecer a importância desse conhecimento sobre o brincar das crianças como parte integrante desse processo de

desenvolvimento e aprendizado. Assim, ao reconhecer o valor do brincar como uma forma de resistência e expressão das crianças, o/a professor/a pode fortalecer sua prática pedagógica, promovendo não apenas a aprendizagem, mas também a emancipação. O brincar é, em si mesmo, rico e valioso e transcende seu próprio valor, contribui para a formação de pessoas capazes de compreender, questionar e transformar o mundo ao seu redor.

Além disso, é no brincar que as crianças têm a oportunidade de assumir diferentes papéis, resolver conflitos e construir relacionamentos significativos. Ali, meninos e meninas exploram, experimentam, criam, cooperam, imaginam, constroem, compreendem tudo ao seu redor, demonstrando a importância desse processo na formação de sua identidade e visão de mundo. Sobre isso, Paulo Freire (2021, p. 214) destaca que a “revolução cultural” toma a sociedade em reconstrução em suas totalidades e é precisamente através desses processos de exploração, experimentação e construção do conhecimento durante o brincar que as crianças começam a contribuir para essa revolução cultural.

No entanto, a transformação da sociedade não ocorre em isolamento, mas em sua totalidade. Assim, cada brincar, diálogo e ato reflexivo contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Sobre isso, ainda complementa:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-prática é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “Outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu (Freire, 2021 p. 42).

Deste modo, a assunção de si mesmo não exclui os/as outros/as; ao contrário, é a interação com o “não eu”, ou seja, com os/as outros/as, que nos permite entender profundamente nosso próprio eu. É um chamado para a empatia, a compreensão e a conexão, que são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Souza (2019), pensando em uma educação antirracista, anticolonial e justa, disserta sobre a importância de uma Educação Física que lute contra o preconceito e dê espaço ao corpo negro/a em suas aulas, valorizando e respeitando a cultura afro. Privilegia, portanto, uma Educação Física que combate a estratificação social que distingue e oprime pessoas, por classe, gênero e cor. Com isso, destaca que as aulas de Educação Física se configuram como um poderoso agente de transformação social, ativamente engajado na luta contra desigualdades e na promoção da justiça social, por meio do brincar, que dá lugar aos conhecimentos do nosso quintal. Em outras palavras, uma Educação Física contra hegemônica, que respeita e valoriza a pluralidade de identidades e culturas étnicas.

O/a professor/a desempenha um papel fundamental nessa luta. Como valorosamente nos ensina a professora Djamilia Ribeiro (2020, p. 107.), em seu livro

"Pequeno Manual Antirracista": "Sejamos todos antirracistas!" A educação torna-se uma ferramenta poderosa para libertar nossos/as meninos e meninas dessa opressão racista da nossa sociedade, tendo o potencial de não apenas de combater o mal que tanto tem machucado, mas também de criar um ambiente em que a justiça, a igualdade e a valorização da diversidade de identidade presentes na escola se tornem parte constante de nossas aulas. Portanto, o/a professor/a desempenha um papel essencial na construção desse futuro mais justo e igualitário, por meio de uma educação refletida e intencional. Esse processo de luta contra a opressão é essencial, principalmente na atualidade, com grande avanço de políticas neoliberais e conservadoras no Brasil, em países da América Latina (como é o caso da Argentina) e em vários lugares do mundo.

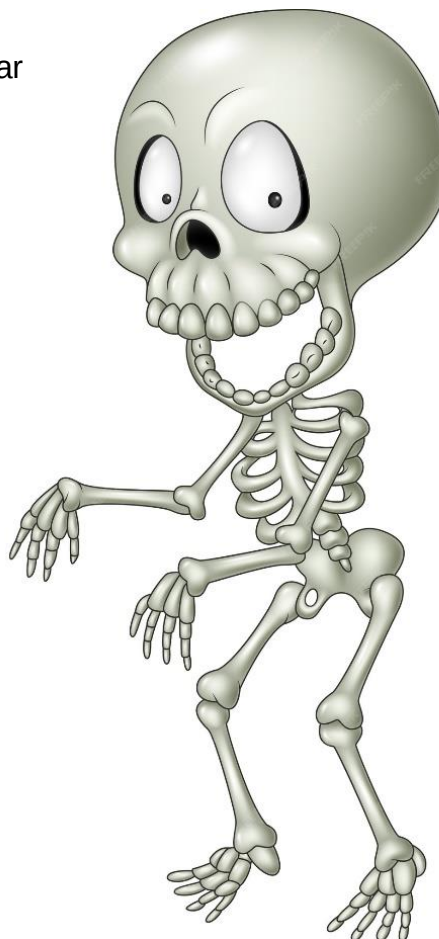
Dessa maneira, conforme afirma Nogueira (2019, p. 165),

Entendo que aproximar a Educação Física da pedagogia de Paulo Freire é entendê-la como o componente curricular que relaciona as práticas corporais a vida cotidiana dos sujeitos, ao passo que questiona a validade dos conteúdos universais como os exercícios padronizados e o esporte institucionalizado. Ao nos apropriarmos da obra freireana teremos chance de propagar uma educação problematizadora, que objetiva a criatividade, a autonomia, a libertação e o desenvolvimento do senso crítico dos/as estudantes rumo a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Ao pensarmos e repensarmos Paulo Freire na Educação Física, estamos adentrando em um território para uma transformação profunda no ensino e na aprendizagem, ao valorizarmos o conhecimento dos/as alunos/as, reconhecemos sua diversidade cultural e suas experiências. Aproximar a Educação Física dessa pedagogia significa ir além de uma aula tecnicista, de conteúdos previamente selecionados sem qualquer participação e conexão com a realidade dos/as educandos/as. Significa buscar uma alternativa para a relutante insistência em priorização dos esportes hegemônicos, buscando assim uma educação que promova a criatividade, a autonomia e a libertação dos/as estudantes. Isto é, uma educação que valorize o quintal, o território das nossas crianças, incentivando o desenvolvimento de seu pensamento crítico. Ao fazê-lo, contribuímos para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual, em que a educação se torna uma ferramenta poderosa para a mudança/transformação social e a igualdade de oportunidades para todos/as/es. Um lugar em que as mulheres possam ocupar todos os espaços em igualdade e que possam viver livres, sem medo; lugar onde nenhuma pessoa morra de frio debaixo de um viaduto; um lugar em que policiais não abordem pessoas pela cor da pele; um lugar onde as pessoas LGBTQIA+ possam viver como quiserem e não sejam mortas por expressarem sua sexualidade; um lugar em que palestinos/as possam ter sua identidade enquanto país respeitada; lugar onde nenhuma criança seja privada dos seus direitos a alimentação, moradia, educação, amor e brincar.

b. Acolhimento e valorização das culturas infantis na escola**Figura 4 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Popeye caveira**

Popeye foi a feira não sabia o que comprar
Comprou uma cadeira para a Olívia se sentar
A Olívia se sentou, a cadeira esborrachou
Coitadinha da Olívia, foi parar no corredor
Corredor estava sujo, sujo de poeira
Coitadinha da Olívia foi parar na geladeira
Geladeira estava suja, suja de mingau
Coitadinha da Olívia foi parar no hospital
Hospital estava sujo, sujo
Sujo de remédio, coitadinha da Olívia
Foi parar no cemitério
Era meia noite, noite, noite, noite
Vi uma caveira, veira, veira, veira
Era vagabunda, bunda, bunda, bunda
Quem se mexer vai virar um esqueleto
De olhos vermelhos e dentes pretos



Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



No descomeço era o verbo. Só depois é que veio o delírio do verbo. O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos. A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor, mas para som. Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira. E pois, em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos. O verbo tem que pegar delírio.

(Manoel de Barros, 2015, p. 83)

O documentário "A Invenção da Infância" (Sulzbach, 2000) deixa evidente como crianças de contextos diversos tem suas infâncias profundamente influenciadas pelo ambiente em que crescem. Embora tenha sido produzido há algum tempo, as lições extraídas ainda ressoam fortemente em relação ao Brasil de hoje.

De um lado, o documentário retrata crianças em situações de extrema pobreza, cujas vidas são caracterizadas pela necessidade de contribuir para o sustento de suas famílias desde uma idade precoce. Nesse contexto, o brincar representa um breve alívio em meio a uma rotina exaustiva de trabalho. Por outro lado, o documentário destaca crianças com melhores condições financeiras, mas que estão sobrecarregadas por uma agenda repleta de atividades e responsabilidades pré-determinadas. O brincar genuíno é frequentemente substituído por atividades estruturadas, o que limita a experiência do brincar pelo brincar. Em ambas as situações, as crianças são, de alguma forma, tratadas como adultas, quer seja devido à necessidade de contribuir com o trabalho, quer seja ao excesso de atividades impostas sobre elas.

E hoje? Ao refletirmos sobre esse cenário tão chocante, quais parecem ser as infâncias ao nosso redor? Que meninos e que meninas, com quais histórias vêm para a escola? Estamos, de fato, acolhendo essas crianças? O que estamos fazendo com essas infâncias?

Miguel G. Arroyo (2019), em seu livro "Vidas Ameaçadas", nos convida a refletir sobre as infâncias ao nosso redor, levantando questionamentos profundos sobre que "tipo" de crianças chegam às escolas e se estas estão sendo verdadeiramente acolhidas. Ele aborda a preocupação sobre como as condições sociais, econômicas e políticas impactam as vidas dessas crianças, influenciando suas experiências na escola. Diante desse cenário, Arroyo (2019) nos desafia a pensar sobre o que estamos fazendo com essas infâncias e como podemos promover um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor. Em sua obra, destaca a urgência de políticas públicas que garantam a proteção e o desenvolvimento pleno de nossos/as alunos/as, enfatizando a necessidade de uma abordagem inclusiva e humanizada na educação, além de apontar para a necessidade de transformações sociais que enfrentem as ameaças à vida e à dignidade das crianças e jovens em situações de vulnerabilidade. Pensando nisso, somos convidados a refletir, a olhar de maneira mais profunda e sensível para as infâncias de nossas crianças enquanto escola:

Para refletir sobre a escolarização das crianças brasileiras contemporâneas é preciso compreender as dimensões do ser criança e viver a infância neste momento histórico e neste país; conhecer as novas estruturas familiares e suas culturas que estão sendo cotidianamente vividas e praticadas pelas crianças, como também repensar a legitimidade dos conhecimentos escolares e dos modos convencionais de socialização da escola, numa sociedade onde a multiplicidade de socializações pressupõe o confronto e o entrelaçamento entre as culturas (Barbosa, 2007, p. 1062).

Cada menino e cada menina é único/a, repleto de histórias e de situações vivenciadas, que nem sempre podem ser consideradas como saudáveis. Esse/a

aluno/a vem para a escola carregado de expectativas, de medos, de frustrações, de conquistas. A escola, apesar e independentemente das demandas que já possui, precisa urgentemente olhar para essa criança com muito carinho.

Nesse processo de acolhimento, é fundamental que nossa atenção seja minuciosa com relação às políticas públicas em todas as suas instâncias, inclusive no que diz respeito ao Projeto Político-Pedagógico da escola, documento que orienta e embasa todo o trabalho da equipe escolar. Devemos estar atentos/as em relação às políticas voltadas para as nossas crianças, desempenhando um papel ativo no diálogo e na criação de iniciativas educacionais que incentivem uma infância saudável, enriquecedora e que respeite as diversas identidades culturais e individuais das crianças. Ainda, de acordo com Candau (2020) *apud* Filgueiras e colaboradores/as (2022, p. 1128.),

O intenso retrocesso nas políticas sociais e educacionais brasileiras, impetrado por grupos conservadores que ascenderam ao poder a partir do golpe jurídico parlamentar de 2016, tem ameaçado os direitos das crianças, instando pesquisadores comprometidos com a Educação Infantil a se unir em torno da defesa das infâncias invisibilizadas e subalternas, historicamente oprimidas e desconsideradas nas políticas educacionais.

O texto destaca um problema importante e crescente no Brasil: a influência das ideias neoliberais nas políticas sociais e educacionais, o que tem levado a retrocessos significativos, resultando em mudanças que ameaçam os direitos das crianças, em particular das infâncias mais vulneráveis e marginalizadas (Arroyo, 2018).

Felizmente, conseguimos uma vitória política importante a nível nacional para os anos de 2023 a 2027, possibilitando um respiro de esperança e resistência na luta por políticas mais inclusivas e igualitárias para as crianças. No entanto, é fundamental permanecer atento/a, uma vez que os desafios persistem e a defesa desses direitos é uma tarefa contínua e essencial para o futuro.

Pensando na promoção de políticas mais inclusivas e igualitárias para as crianças, é relevante considerar a influência da cultura em suas experiências e perspectivas, conforme destacado sobre a reprodução interpretativa de Corsaro (2009, p. 31):

O termo interpretativa captura os aspectos inovadores de participação na sociedade, indicando o fato de que as crianças criam e participam de suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças. O termo reprodução significa que as crianças não apenas internalizam a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e a mudança cultural. Significa também que as crianças e suas infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros.

Ao absorverem valores e serem afetados/as pelo mundo adulto que está ao redor, meninos e meninas criam e recriam o seu próprio universo por meio do brincar, se apropriando das informações de maneira lúdica, atendendo às suas próprias necessidades e dando forma à cultura infantil de forma única e criativa. De acordo

com Barbosa (2014), as crianças produzem sua própria cultura nos seus fazeres do dia a dia, sozinhas e/ou com outras crianças e com os/as adultos/as. É nesse terreno do brincar, na pureza da infância que as crianças constroem seu conhecimento.

O extenso repertório dos brinquedos de criança se forma no livre exercício da infância, ou seja, no convívio natural, espontâneo das crianças entre elas mesmas, e carrega em seu bojo, necessariamente, os arquétipos da cultura de origem, elementos da natureza do lugar, os traços do tempo histórico, tecidos na alegria e inventividade das crianças. E são as experiências vividas por meio desses brinquedos que formam o “território sagrado da infância” — o lugar dentro, onde as artes encontram substrato e fincam suas raízes, potencializando a manifestação criadora. (Hortélio, 2017, p. 32).

Ao explorarmos as brincadeiras de mãos cantadas, estamos não apenas reconhecendo a importância do território sagrado da infância, conforme descrito por Hortélio (2017), mas também ampliando a compreensão de como esse território se relaciona com o aprendizado e o desenvolvimento dos/as alunos/as. Assim como os brinquedos das crianças carregam os arquétipos da cultura de origem e elementos da natureza do lugar (Hortélio, 2017), as brincadeiras de mãos cantadas são uma rica expressão cultural que reflete as tradições e histórias das comunidades em que são praticadas.

Barbosa (2007) comenta que as crianças se desenvolvem no coletivo, ou seja, em um processo cultural que acontece continuamente durante o faz de conta e nas brincadeiras. Relata ainda que as culturas infantis não são independentes das culturas adultas, das mídias, de tudo que é utilizado no dia a dia, mas se organizam de maneira diversa:

A infância como a modernidade procurou produzir, una, igual, obediente, dependente, silenciosa, temerosa, subordinada, restrita culturalmente e eternamente vigiada, não existe mais. A infância rompe, promove rupturas. As crianças se misturam, assimilam e produzem culturas que provêm da socialização tanto das culturas dos videogames, das princesas, das redes, dos CDs, como também da cultura dos amigos, do futebol, dos laços de afeto, da vida e grupo na escola e na família, tudo em um mesmo espaço e tempo social e pessoal (Barbosa, 2007, p. 1068-1069).

Dentro do universo das redes sociais, dos vídeos na internet, dos memes, dos programas de televisão e de todos os elementos que estão em volta, meninos e meninas se encontram imersos/as em uma experiência de infância cada vez mais multifacetada e interconectada, moldando sua visão de mundo e sua identidade de maneira complexa e dinâmica. Assim, é preciso olhar com cuidado para esse novo tipo de infância, a fim de não cometer o erro de achar que suas configurações atuais estão declinando. São novas crianças, com novas experiências, novos jeitos de ver e de abstrair o mundo externo; uma pluralidade de jeitos de se viver a infância. Quer numa linguagem conhecida e facilmente decodificável, quer numa de suas múltiplas linguagens, com a escola ou os professores/as, escutando-as ou não, elas manifestam suas singularidades (Barbosa, 2007; 2017).

Sobre isso, Barbosa (2014) questiona, apoiado nas contribuições de Gilles Brougère, Manoel J. Sarmiento e William A. Corsaro: Crianças pequenas constroem cultura? Existe autonomia nessa construção cultural? O que caracteriza as culturas infantis? Os três autores concordam que os/as pequenos/as são os/as atores/as, protagonistas de sua história, interagem com as pessoas e com o mundo que os/as rodeiam, formulando seus modos de viver. De acordo com suas ideias, a cultura infantil não tem autonomia frente a cultura dos/as adultos/as, seja na família, escola, mídia, religião, pois estas já formam suas mentes; entretanto, as culturas preservam-se, misturam-se e transformam-se.

Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental ao promover uma abordagem pedagógica que, ao reconhecer a riqueza também das brincadeiras contemporâneas, busca equilibrar, fazer um contraponto ao uso das tecnologias, com espaços e tempos destinados ao brincar, permitindo que as crianças explorem, criem e desenvolvam habilidades essenciais para a sua formação integral.

A escola, enquanto agente ativa nesse processo, deve manter um olhar sensível e aberto para as múltiplas formas de expressão das crianças, promovendo um ambiente que valorize as diversas culturas infantis. Diante dos desafios contemporâneos, é essencial que a escola se torne um espaço de acolhimento, empoderamento e diálogo, promovendo políticas educacionais que respeitem e valorizem as diversas identidades culturais e individuais das crianças. A defesa contínua dos direitos das crianças, em face de retrocessos e ameaças, é uma responsabilidade coletiva que exige atenção constante e ação ativa de todos/as.

Ao abraçarmos uma abordagem educacional que reconhece e celebra a diversidade cultural das infâncias contemporâneas, estamos contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais enriquecedor, inclusivo e alinhado com as necessidades e realidades das crianças do século XXI.

c. As brincadeiras cantadas e as brincadeiras de mãos cantadas nas aulas de Educação Física

Figura 5 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Babalu



Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



O “Atirei o pau no gato...” não acontece, simplesmente, se não nos damos as mãos, cantamos a cantiga girando na roda e, ao final, abaixamos todos conjuntamente para dizer “Miau!”, em feliz algazarra...

(Lyda Hortélio, 2017 p. 32)

A música e as brincadeiras cantadas fazem parte da cultura infantil e precisam ser vividas, brincadas em sua integralidade. É nesse território do brincar que as brincadeiras cantadas ganham vida e esse território pertence às crianças, são elas que reproduzem, criam, transformam, dão novos sentidos e significados.

Hortélio (2017, p. 34) nos presenteia com uma vida dedicada ao estudo das brincadeiras da infância e a magia acontece, nos dizeres dela: “Neste reino do imprevisível, inesperado, da graça e inventividade das manifestações da infância”. Hortélio (2017) explora as raízes das brincadeiras cantadas, consideradas o âmago da nossa cultura, as quais carregam influências dos povos originários, europeus, africanos e diversos outros, incorporando também características específicas de nossas distintas regiões, abrangendo do norte ao sul, das áreas rurais às urbanas. As músicas, como as cantigas de roda, formam a base da cultura de um povo; em seu cerne, encontram-se os arquétipos da língua, nossa alma ancestral (Hortélio, 2014).

Essa diversidade cultural presente nos brinquedos e nas brincadeiras cantadas de meninos e meninas enriquece ainda mais a experiência do brincar. Cada elemento, seja ele indígena, ibérico, africano ou de outras influências, traz consigo uma história rica que se entrelaça com a identidade brasileira. As brincadeiras cantadas, ao incorporarem essas diversas influências, permitem que as crianças explorem e aprendam sobre a pluralidade cultural do nosso país enquanto vivem o brincar em sua integralidade. Quando voltamos o nosso olhar para a infância, devemos compreender que

(...) as experiências, as descobertas, o fazer das crianças entre elas mesmas, buscando a si e ao outro em interação com o mundo, ou seja, toda multiplicidade e riqueza dos brinquedos de criança, teremos que buscar a compreensão da Música da Cultura Infantil dentro desse mesmo contexto, como parte que é de um mesmo corpo de conhecimento, de um conhecimento com o corpo, nele incluídas, naturalmente, a sensibilidade, a inteligência e a vontade, como dimensões da vida na complementaridade e inteireza (Hortélio, 2017, p. 32).

Assim, somos instigados a enxergar a cultura infantil como um universo vasto e interligado, no qual as brincadeiras cantadas desempenham um papel essencial. Elas não são apenas atividades lúdicas, mas sim parte integrante do processo de crescimento e aprendizado das crianças.

É importante destacar que as brincadeiras cantadas não apenas refletem a cultura infantil, mas também desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das crianças. Elas contribuem para o desenvolvimento da linguagem, da coordenação motora, das habilidades sociais, da criatividade, do ritmo e da imaginação. É também através dessas brincadeiras que as crianças exploram e compreendem o mundo ao seu redor. E qual é o papel da escola senão mostrar/ajudar a criança a ler e interpretar o mundo?

Nesse contexto, a música da cultura infantil se revela como uma expressão autêntica da infância, uma linguagem que transcende as fronteiras culturais e conecta as crianças de diferentes origens. Através das canções das brincadeiras de mãos cantadas, as crianças compartilham suas experiências. A música na cultura infantil não apenas transcende fronteiras culturais, mas também se torna algo poderoso na formação da identidade cultural. Ao promovermos essa prática, nutrimos o solo fértil da identidade cultural, permitindo que meninos/as se conectem com suas raízes e compreendam a importância das brincadeiras cantadas enquanto patrimônio cultural, que deve ser compartilhado com todos/as/es. Assim, contribuímos para o enriquecimento da diversidade cultural e para a valorização do que é nosso, do que está logo ali e que muitas vezes nos esquecemos de quão rico é. As brincadeiras das nossas crianças, além de evocarem profundamente nossa ancestralidade, estão sempre em constante movimento, transformando-se por todos os lugares onde passam, na mão de meninos e meninas criam vida, criam histórias, movimentos únicos.

Ao refletirem as sociedades e suas culturas, as cantigas de roda e as brincadeiras cantadas se fazem presentes na história. No Brasil, essa tradição musical abrange diversas melodias e ritmos, fruto da influência de uma rica diversidade de grupos étnicos, como por exemplo, destacamos os povos indígenas, com cantigas de roda ritualísticas; os povos africanos, com seu ritmo, expressões corporais e brincadeiras infantis; e povos europeus, colonizadores/exploradores, com suas tradições vocais. Contudo, podemos afirmar que o Brasil é como uma colcha de retalhos, uma mistura criativa que engloba todas essas influências, criando assim uma identidade única, musical, rica e de grande diversidade (Mosca, 2018).

Nessa mistura de sons, cores e sentidos, temos a cultura tradicional da infância, que pode ser conceituada como o conjunto de brinquedos e brincadeiras que atravessam os tempos, lugares e gerações, perpetuando e transformando-se, num movimento de tradição, reinvenção e adaptação. Assim,

Brincar é a ação da infância para compreender a realidade, agir sobre ela e que representa grande influência para o desenvolvimento infantil. As brincadeiras cantadas constituem o acervo musical infantil, que incide sobre a realidade vivida e trespassa a vida da criança. Assim, a brincadeira – cantada e/ou de roda – acompanha a criança em diferentes movimentações e maneiras de brincar: em filas, em rodas, com objetos ou não, de maneira livre ou com regras mais definidas no desenvolvimento do cantar/brincar/rodar (Mosca, 2018, p.154).

O brincar com música, seja numa roda, em duplas, trios ou grupos, faz parte da infância das crianças e as acompanham por toda a vida (Brito, 2013). Para além da vida pessoal de cada criança, essas cantigas e brincadeiras são pontes para o passado, conectando a infância de outrora com a das crianças de hoje, mantendo viva a essência de um Brasil que canta, que cria, que brinca, que vive.

No entanto, Hortélio (2014) nos alerta sobre o crescente desaparecimento da cultura da criança, causada pelo isolamento das crianças e pelo uso excessivo de

dispositivos eletrônicos, como videogames e celulares, que as afastam das brincadeiras tradicionais:

O desaparecimento da CULTURA DA CRIANÇA é um fenômeno característico do nosso tempo. O êxodo rural, o afastamento da Natureza, a vida nas cidades grandes, a falta de planejamento urbano e equipamentos inteligentes destinados à expressão e intercurso das Crianças entre elas mesmas, a televisão e os jogos eletrônicos, tudo isto vem dificultando o convívio das Crianças entre elas mesmas e desarticulando a CULTURA DA CRIANÇA. (Hortélio, 2014, p. 279)

Essa situação nos faz refletir sobre o importante papel que a escola desempenha na preservação e valorização do conhecimento relacionado a essas brincadeiras. Ao incorporar as cantigas e brincadeiras tradicionais em seu currículo, a escola não apenas enriquece a experiência das crianças, mas também contribui para assegurar a continuidade dessas tradições, garantindo que sejam transmitidas às gerações futuras (Mosca, 2018).

d. O brincar e a BNCC

Infelizmente, o brincar nas escolas comumente não é olhado com o cuidado, o carinho e a importância que merece. Muitas vezes é visto como uma atividade sem benefícios, como perda de tempo ou é tratado com caráter utilitário, como por exemplo para ensinar tabuada ou as letras do alfabeto (Spolaor et al., 2019).

Hoje temos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) um dos principais documentos norteadores da prática pedagógica do/a professor/a. Sua criação, prevista na Constituição de 1988 (Martineli et al., 2016), teve participação da comunidade, professores/as, gestores/as e demais membros da sociedade civil em todas as etapas de sua construção, em maior ou menor grau ao que foi planejado inicialmente.

No contexto a Educação Física, a BNCC (Brasil, 2017) reconhece a importância das práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social. Essa abordagem vai além da visão tradicional que limita a disciplina apenas às atividades esportivas convencionais. A concepção de que o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura destaca a necessidade de compreender as práticas corporais como expressões das possibilidades expressivas dos/as sujeitos/as, moldadas pela diversidade cultural e social ao longo da história. No entanto, apesar dos notáveis avanços, o documento não está isento de críticas (Neira, 2018) visto que, diante do golpe da então presidenta Dilma Rousseff, nas palavras de Lemos e Fontes (2023, p. 5), “após o impeachment da presidenta, demandas conservadoras se fortaleceram durante a construção da base”. Entre essas demandas, houve a supressão de parte do documento, alterando consideravelmente seu conteúdo. Ainda, sobre as versões do documento, citam as autoras:

Essas duas primeiras versões foram apresentadas ainda durante o governo da Presidenta Dilma, em um contexto marcado pela intensa crise política que se agravava. A segunda versão da BNCC foi divulgada apenas alguns dias antes do afastamento de Rousseff da presidência. Nessas versões, há ainda uma disposição de abarcar questões sociais com a inserção de debates que se vinculam às demandas por igualdade e justiça social, diferentemente das versões posteriores, apresentadas após o início do governo de Michel Temer (2016) (Lemos; Fonte, 2023, p. 5).

Ao excluir partes do documento que abordavam questões sociais, como igualdade e justiça social, o governo de Temer revelou uma visão estreita e excludente da educação, ignorando a diversidade cultural e social do país. Essa abordagem reducionista comprometeu a capacidade da BNCC de promover uma educação inclusiva e plural, essencial para construir uma sociedade mais justa e democrática. Entretanto, apesar dessas limitações consideráveis, é esse documento que temos como base para nos guiar enquanto professores e professoras no caminho do nosso planejar.

E quanto ao brincar? Como o brincar é visto pelo documento?

A unidade temática Brincadeiras e jogos explora aquelas atividades voluntárias exercidas dentro de determinados limites de tempo e espaço, caracterizadas pela criação e alteração de regras, pela obediência de cada participante ao que foi combinado coletivamente, bem como pela apreciação do ato de brincar em si. Essas práticas não possuem um conjunto estável de regras e, portanto, ainda que possam ser reconhecidos jogos similares em diferentes épocas e partes do mundo, esses são recriados, constantemente, pelos diversos grupos culturais. Mesmo assim, é possível reconhecer que um conjunto grande dessas brincadeiras e jogos é difundido por meio de redes de sociabilidade informais, o que permite denominá-los populares (Brasil, 2017, p. 214).

As brincadeiras de mãos cantadas, ao serem consideradas como uma manifestação intrínseca do ato de brincar, reforçam a ideia presente na BNCC (Brasil, 2017) sobre a apreciação desse fenômeno em si mesmo. Sua natureza não regimentada, sem um conjunto estável de regras fixas, ressoa com a compreensão da BNCC (Brasil, 2017) acerca das práticas brincantes. Essas brincadeiras, muitas vezes transmitidas oralmente de geração em geração, são flexíveis e sujeitas a adaptações, permitindo que cada grupo cultural as recrie e personalize de acordo com suas vivências e tradições.

O reconhecimento da ausência de regras rígidas nas brincadeiras de mãos cantadas alinha-se à concepção da BNCC (Brasil, 2017) de que tais práticas são constantemente reinventadas pelos diversos grupos culturais. A fluidez e adaptabilidade dessas brincadeiras refletem a diversidade cultural, possibilitando que sejam reinterpretadas e compartilhadas de maneira única em diferentes contextos e comunidades.

Em síntese, as brincadeiras cantadas revelam-se como um tesouro cultural enraizado na infância, transformando-se ao longo do tempo e entre diferentes

comunidades. A pesquisa de Hortélio (2017) nos leva a mergulhar nesse reino do imprevisível, onde a graça e inventividade das manifestações infantis florescem. A riqueza das brincadeiras cantadas, permeada pela diversidade cultural do Brasil, cria um vínculo profundo entre as crianças e suas origens, fomentando uma compreensão mais ampla da identidade cultural.

Entretanto, a contemporaneidade apresenta desafios à preservação dessas práticas lúdicas. O alerta de Hortélio (2014) sobre o desaparecimento do brincar na infância, impulsionado pelo isolamento e pela influência dos dispositivos eletrônicos, destaca a necessidade iminente de valorizar e incorporar o brincar nas aulas de Educação Física. A escola, conforme preconizado pela BNCC (Brasil, 2017), possui um papel crucial na promoção do brincar como parte integrante do desenvolvimento infantil, contrapondo-se à visão utilitária muitas vezes atribuída a essa prática.

As aulas de Educação Física assumem um papel de destaque ao transformar o brincar em uma peça essencial, conectando de forma harmoniosa passado, presente e futuro, e celebrando a rica diversidade que encontramos nos quintais do nosso Brasil.

5 Percurso Investigativo

Figura 6 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Pararaparati



Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



a. Universo da pesquisa

Esta dissertação de mestrado recebeu a carta de anuência pelo diretor da escola, em (Apêndice A) e a aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com número de registro CAAE: 68073123.7.0000.5465 (Anexo A). Foi desenvolvida na EMEIEF “Professora Maria Aparecida Fernandes Leite”, escola municipal de Educação infantil e Fundamental, localizada na área rural da cidade de Porto Feliz, interior de São Paulo.

Segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2021, o município de Porto Feliz conta com uma população estimada de 53.698 habitantes e está localizado a 120 quilômetros da capital paulista. A comunidade local tem na agricultura a principal atividade, especialmente com o cultivo de uva, acerola, laranja e cana de açúcar, além do destaque na avicultura e pecuária. Muitas dessas atividades são sazonais; algumas famílias estabelecem moradia na região apenas para os períodos de safra e acabam deixando a área conforme necessidade, o que justifica a alta taxa de entrada e saída de alunos/as da escola.

A EMEIEF “Professora Maria Aparecida Fernandes Leite” atende por volta de 650 alunos/as, da educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. Para o ano letivo de 2024, a escola conta com 30 turmas, seis pertencentes a Educação Infantil e 24 ao Ensino Fundamental. Além das disciplinas que compõe o currículo escolar, a escola conta com aulas de fanfarra e robótica educacional.

A escola possui quadra poliesportiva coberta, uma pequena quadra de vôlei e um amplo espaço aberto (campo de futebol e bosque), 16 salas de aula, laboratório de informática, sala de professores/as, sala de recursos, sala de psicologia e sala de leitura.

Imagem 1 – Entrada principal da escola



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Imagem 2 – Quadra poliesportiva



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Imagem 3 – Bosque



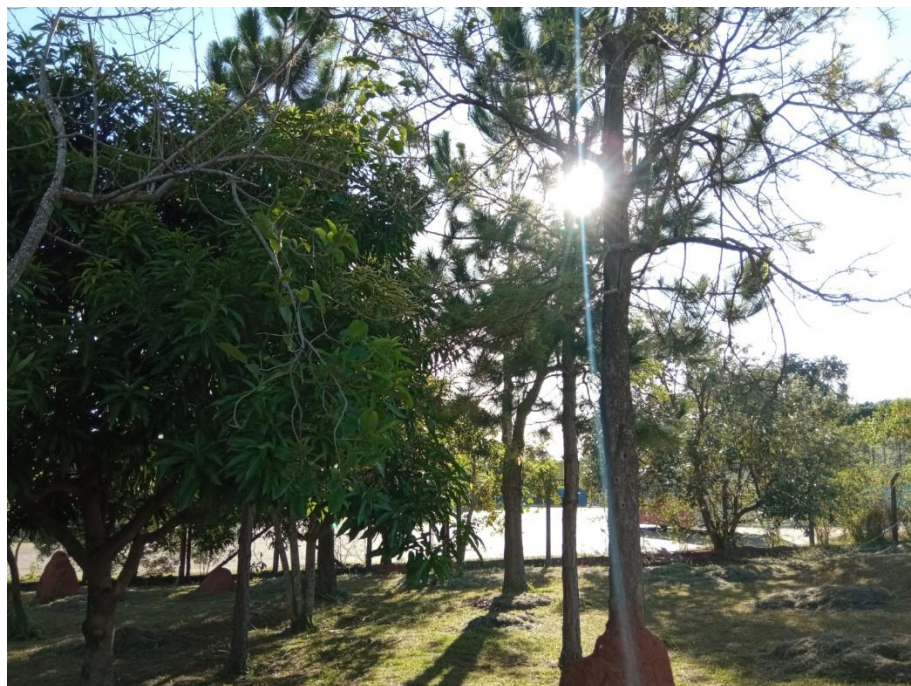
Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Imagem 4 – Campo



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Imagem 5 – Local utilizado para realizar as brincadeiras



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

a.1 Realidade social da população atendida

Para descrever a realidade social da comunidade escolar, optei em analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola (2020). O PPP é um documento político, emancipatório, complexo, que propicia a experiência democrática necessária envolvendo a participação de todos/as da comunidade e seu entorno (Eça; Coelho, 2021).

Sobre isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei nº 9394 de 1996, em seu artigo 12, afirma: “Os estabelecimentos de ensino respeitando as normas comuns e as dos seus sistemas de ensino, terão a incumbência de elaborar executar sua proposta pedagógica”. Assim, o PPP se estabelece, portanto, como um guia fundamental para qualquer instituição de ensino ao abordar a construção de sua identidade e a implementação de ações pedagógicas ajustadas às necessidades particulares de cada unidade escolar. Dessa forma, é essencial que o/a gestor/a adote uma abordagem democrática na elaboração desse projeto, integrando ativamente professores/as, alunos/as e toda a comunidade escolar. (Eça; Coelho, 2021).

É indispensável reconhecer a necessidade de uma atualização constante do PPP, especialmente após os impactos da pandemia de COVID-19. A dinâmica educacional e as demandas da comunidade escolar sofrem alterações significativas, e a revisão do PPP é essencial para garantir que as estratégias e ações estejam alinhadas com as atuais realidades e desafios enfrentados pela escola. Em minha realidade, posso afirmar que esse debate nem sempre acontece. Como sou professor da unidade escolar desde o ano de 2013, tenho observado há ausência de diálogo e envolvimento dos diversos membros/as da comunidade escolar na elaboração e revisão do documento. Apesar das constantes indagações realizadas pelos/as professores/as sobre a necessidade dessa conversa, apenas os/as gestores/as participam desses momentos, e, inclusive, tive muita dificuldade em acessar o material. A participação ativa e informada de todos/as os/as membros/as da comunidade, incluindo alunos/as, é crucial para assegurar que o PPP seja eficaz, refletindo as expectativas e aspirações coletivas. Portanto, seria benéfico promover uma discussão mais aberta e inclusiva sobre o PPP, permitindo uma construção mais democrática e representativa das necessidades da escola.

A seguir, apresento algumas informações obtidas do referido documento, que, por sua vez, teve sua última versão escrita em 2020, o que nos faz considerar esse documento desatualizado.

A EMEIEF "Professora Maria Aparecida Fernandes Leite" foi criada pela Lei Municipal nº 4429, datada de 10 de janeiro de 2007. Situada na zona rural, a escola oferece acesso fácil, atendendo especialmente à população que se identifica como "trabalhadores/as do campo", incluindo assalariados/as das lavouras, sítios e chácaras da região, além de trabalhadores/as domésticos/as dessas propriedades. Assim, em relação à moradia, observa-se que 98,5% dos/as alunos/as residem na zona rural. Dentre essas famílias, 48% habitam em residências cedidas por parentes

ou proprietários/as das áreas onde trabalham, enquanto 16,6% alugam moradias e 34,5% possuem casa própria (PPP, 2020).

Com relação a escolaridade dos/as responsáveis, apenas 30% concluíram o Ensino Médio; em contrapartida, apenas 2% deles/as não foram alfabetizados/as (PPP, 2020). Apesar da demanda pleiteada pelo diretor, a escola ainda não conta com Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Para frequentar os estudos, estes/as familiares devem frequentar uma escola na área urbana da cidade, o que dificulta o acesso. Quanto a renda familiar, 27,6% vivem apenas com um salário mínimo, 55,7% possuem renda entre 1 e 3 salários e 16,7%, renda de 3 a 6 salários, sendo que quase 70% dos/as moradores/as moram com mais de 4 pessoas na casa (PPP, 2020).

A realidade atendida pela escola não difere muito de boa parte da população brasileira, que acaba necessitando de programas assistenciais do governo para conseguir suprir suas necessidades básicas. Um salário mínimo atualizado para o ano de 2024 é de R\$ 1.412,00. Em uma família em que 4 pessoas residem na mesma casa, temos uma renda de apenas R\$ 353,00 por pessoa. Para se ter uma ideia do quão insuficiente é este valor, em uma pesquisa de 2018 sobre o salário mínimo ideal para uma família de 4 pessoas, Lima, Schreiber e Gabbi (2018), no ano de 2018 concluíram que este deveria ser de R\$ 3.700,22, considerando apenas critérios como alimentação básica, saúde e moradia. Assim, é possível perceber que a vulnerabilidade social é uma situação constante nessa escola, infelizmente.

A busca por uma construção coletiva e democrática do PPP é crucial para garantir a eficácia das políticas pedagógicas e para a promoção de uma educação para todos/as/es.

a.2 Participantes

Participaram da pesquisa 11 meninos e 8 meninas, totalizando 19 alunos/as matriculados no 4º ano A do Ensino Fundamental da EMEIEF “Professora Maria Aparecida Fernandes Leite”. Estes/as meninos e meninas possuíam entre nove e dez anos de idade e cursavam as aulas do período vespertino.

Foram utilizados como critérios de inclusão para participação na pesquisa serem alunos/as matriculados/as no 4º ano A e ter 100% de presença nas aulas que envolveram o projeto. Ainda, foi considerado como critério de exclusão serem alunos/as que foram matriculados/as e/ou transferidos/as no decorrer da pesquisa. Uma aluna foi matriculada no decorrer do projeto e, apesar de ter participado ativamente das aulas, seus relatos não foram considerados para análise.

A escolha pelos/as alunos e alunas do 4º ano A fundamentou-se na constatação de que o brincar de mãos era uma prática comum vivenciada constantemente entre eles/as nos espaços escolares. Assim, ao iniciar o projeto de brincadeiras de mãos, baseado na observação das práticas dos/as alunos/as na escola, identifiquei o tema gerador como a própria brincadeira de mãos.

A presente pesquisa também incluiu a participação dos/as responsáveis pelas crianças, os/as quais foram convidados/as a colaborar respondendo um questionário

abrangente, composto por perguntas tanto abertas quanto fechadas. O questionário abordou temas relacionados ao histórico de vida, mas principalmente sobre como as crianças brincam em suas residências, com quem elas brincam, como eram os momentos de brincar em família e como os/as responsáveis entendem a utilização de celulares e outros aparelhos tecnológicos durante o brincar.

No intuito de preservar a identidade das crianças envolvidas nesta narrativa, optei por atribuir a elas nomes que reverenciam figuras históricas que dedicaram suas vidas à construção de um mundo mais justo e igualitário. A escolha desses nomes visa destacar a importância da luta por direitos humanos, liberdade e justiça social.

Entre os/as pequenos/as anônimos/as, alguns/as foram batizados com nomes de homens e mulheres notáveis que deixaram um legado de resistência e transformação. Nelson Mandela, símbolo da luta contra o apartheid na África do Sul, Dandara, que se destacou na luta contra a escravidão no Brasil colonial, e é uma representação da força e coragem feminina. Betinho, incansável defensor dos direitos humanos, lutou incansavelmente por um Brasil sem fome.

Djamila Ribeiro, intelectual e ativista contemporânea, destaca-se por suas contribuições para a discussão sobre feminismo e igualdade racial. Carlos Marighela, Paulo Freire, Luiz Gama e Angela Davis são nomes que ressoam na história pela luta contra a opressão, seja através da resistência, da educação libertadora ou da luta pela liberdade.

Frantz Fanon, defensor da descolonização e crítico das estruturas coloniais, Chico Mendes, defensor incansável da preservação ambiental e dos direitos dos povos indígenas.

Maria da Penha, símbolo da luta contra a violência doméstica, Júlio Lancelotti, engajado na defesa dos direitos dos mais vulneráveis luta diariamente pelas pessoas em situação de rua. Carolina Maria de Jesus, voz da favela, uma das mais importantes escritoras negras da literatura brasileira, Lydia Hortélio, referência na pesquisa e divulgação do brincar.

Evaristo Arns, Moacir Gadotti, Zilda Arns e Antônio Gramsci são nomes que refletem a importância da educação, da solidariedade e da resistência intelectual na construção de uma sociedade mais justa.

Por fim, Marielle Franco, figura extraordinária marcada por sua coragem e incansável defesa dos direitos humanos, encerra essa seleção de nomes que almejam inspirar as gerações futuras. Sua atuação como vereadora no Rio de Janeiro, sua incisiva voz contra a violência policial e em prol da igualdade racial, além de seu comprometimento inabalável com a justiça social, deixam um legado de transformação e resistência. Marielle Franco permanece como um farol, guiando a busca por um mundo mais justo, inclusivo e compassivo para todos/as/es. Marielle Franco presente!

b. Desenho da pesquisa

Este estudo teve como desenho de pesquisa a pesquisa participante, a qual, conforme Brandão e Borges (2007):

(...) atribue aos agentes populares diferentes posições na gestão de esferas de poder ao longo do processo da pesquisa, assim como na gestão dos processos de ação social dentro da qual a pesquisa participante tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica ou um momento de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política, quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa.

O ponto de origem da pesquisa participante deve estar situado em uma perspectiva da realidade social, tomada como uma totalidade em sua estrutura e em sua dinâmica (Brandão; Borges, 2007). Para tanto, partimos de um ponto que reside no conhecimento prévio dos/as alunos/as sobre as brincadeiras de mãos cantadas. A partir disso, a pesquisa tomou forma, sempre considerando esse mergulho que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, em um mesmo plano de experiência (Passos; Barros, 2009):

Conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a escrever a História através da *sua* história. Ter no *agente* que pesquisa uma espécie de *gente* que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a *pesquisa participante* – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais na reconquista popular (BRANDÃO, 2006, p.11).

Assim, a pesquisa participante pressupõe uma proposta de escuta, com trocas permanentes entre todos/as envolvidos/as, em constante práxis, ação, reflexão, ação e continuação desse ciclo (Velloso *et al*; 2022). A escuta na pesquisa participante é essencial na valorização dos saberes dos/as alunos/as do 4º ano A.

Logo, diferente de outros tipos de pesquisa, em que a neutralidade é essencial para se atingir o sucesso, confiabilidade e fidedignidade, na pesquisa participante o/a pesquisador/a não é neutro/a:

Ao contrário do método de pesquisa tradicional, em que a objetividade e a neutralidade eram a condição para ser reconhecido como científico, a pesquisa participativa acredita que podemos conhecer em profundidade alguma coisa da vida da sociedade, ou da cultura, quando o/a pesquisador/a se envolve e se compromete com o que investiga. (Moretti, Adams, 2011, p. 454).

Uma abordagem para a construção de conhecimento voltada à transformação social implica em olhar criticamente para a realidade como objeto de estudo. Isso requer que o/a pesquisador/a esteja ativamente inserido nesse contexto social, sendo essencial que se identifique com os interesses e necessidades das classes

marginalizadas da sociedade, as únicas que realmente têm interesse na mudança. Nesse sentido, fazer ciência comprometida significa ter uma intencionalidade clara e declarada, superando a pretensa neutralidade que a ciência positivista tenta impor ao conhecimento (Silva, 2021).

A pesquisa participante apresenta-se como uma alternativa de “ação participante” em pelo menos duas dimensões: a primeira, considerando os/as agentes sociais mais do que apenas receptores/as dos possíveis benefícios da pesquisa; a segunda, de forma integrada em trajetórias de organização popular, sendo a pesquisa participante instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada de conhecimento social. Ainda, nesse tipo de pesquisa, aprendemos algo novo através das experiências práticas de diálogo e reciprocidade na construção do conhecimento (Brandão, 2021). Assim, a pesquisa é “participante” porque, como uma alternativa solidária de criação de conhecimento social, se inscreve e participa de processos relevantes de uma ação social transformadora de vocação popular e emancipatória (Brandão, 2021).

Portanto, a pesquisa participante não se restringe a uma abordagem metodológica, mas sim a um compromisso com a emancipação e a transformação social, reconhecendo a importância do envolvimento ativo dos/as sujeitos/as no processo de produção do conhecimento e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos/as/es, proposta esta que se alinha aos pensamentos de Freire (ANOS).

Conforme Streck (2014, p. 93),

Paulo Freire passou a representar uma referência para os movimentos que se identificavam com uma proposta educacional emancipatória, na América Latina e também em outros continentes. Para ele, a utopia como *inédito viável* ou como *sonho possível* tinha pelo menos três ingredientes: primeiro, a compreensão da história com possibilidade e não como determinação; segundo a ação humana como ação histórica, portanto condicionada pelas circunstâncias concretas da vida; terceiro, a incompletude do ser humano como base para a sua permanente busca pelo *ser mais*.

Dessa maneira, ao incorporar a pesquisa participante, este estudo busca transcender a simples “coleta de dados”, mas contribuir para a transformação dos saberes de meninos e meninas em direção a uma sociedade mais igualitária e humanizada.

c. Instrumentos

Foram instrumentos da pesquisa de campo desse estudo as entrevistas com familiares, as filmagens das aulas e das rodas de conversa e os diários de bordo.

c.1 Entrevistas

As entrevistas foram realizadas como um primeiro passo do estudo, após a apresentação do projeto para as famílias (APÊNDICE B – Roteiro para entrevista). Essas entrevistas tinham como objetivo principal conhecer a história de cada família, de forma a compreender de que locais vêm cada criança, suas influências culturais, o papel da escola em cada família e, também, investigou se as brincadeiras de mãos cantadas realizadas por cada criança possuem influência de seus/suas responsáveis.

Para tanto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (Laville; Dionne, 1999), com duração de até quinze minutos por família. Foram convidados/as a participar ao menos um/a responsável por criança. As entrevistas foram gravadas e transcritas para análise dos dados (Apêndice C).

c.2. Filmagem das aulas e das rodas de conversa

Para registro das brincadeiras de mãos cantadas (música e modos de brincar) e para conhecimento da importância dessas brincadeiras para cada criança e para o grupo como um todo, as aulas e as rodas de conversa foram filmadas. As filmagens possibilitaram analisar cuidadosamente os momentos compartilhados, incluindo as expressões faciais, movimentos corporais, trocas de olhares e diálogos, o que forneceu *insights* valiosos sobre a dinâmica do grupo e o envolvimento das crianças nas brincadeiras.

Uma câmera foi posicionada de forma a capturar a dinâmica geral das atividades e, em alguns momentos específicos, direcionada para as ações das crianças. Para isso, foi posicionada de forma estática ou móvel, de acordo com a necessidade de cada momento. As imagens foram analisadas qualitativamente, para dar subsídios aos dados construídos nas entrevistas e no diário de bordo. A filmagem das aulas buscou trazer elementos que visassem enriquecer a pesquisa, que por vezes escapam do olhar do/a pesquisador/a:

Afinal, como registrar tantos meandros, tantos detalhes, tantas relações para depois debruçar-se sobre? Há ditos que não são pronunciados oralmente; ditos que não são captados por um gravador e acabam perdidos sem um registro. (...) Desta percepção desdobra-se a ideia de que a captação da imagem também pode revelar-se como rica fonte de elementos a serem analisados (Honorato *et al*; 2006, p. 6).

É importante salientar que as crianças brincam e falam todas ao mesmo tempo, conversam umas com as outras, mudam facilmente sua atenção, levantam-se, interagem com o/a pesquisador/a, entre outras ações espontâneas. Pensando nisso, a análise das filmagens compôs um rico material, pois certos aspectos somente podem ser registrados e analisados mediante o uso da gravação em formato de imagem (Garcez; Duarte; Eisenberg, 2011).

Ao visitar e revisitar as filmagens, percebo que capturaram de maneira singular a essência e a alegria do brincar de mãos das crianças. Os registros possibilitaram mergulhar nos momentos compartilhados, revelando não apenas as práticas em si, mas também as expressões genuínas de diversão, interação e aprendizado durante as brincadeiras. As filmagens revelaram um material abrangente, rico em nuances e detalhes que transcenderam a abordagem inicial; seu vasto repertório não só atendeu aos objetivos iniciais, mas também se apresentou como um tesouro, oferecendo possibilidades adicionais e amplas para investigações e análise futuras.

Apesar de planejarmos realizar as aulas na quadra da escola, elas não fluíram bem devido à acústica do ambiente e às interferências externas (o prédio destinado às aulas de Educação Infantil encontra-se ao lado). Além disso, a qualidade da filmagem ficou comprometida. Diante desses desafios, acolhendo a sugestão de uma aluna, decidimos transferir todas as aulas para o bosque da escola.

c.3. Diário de bordo

O diário de bordo (Apêndice D) foi utilizado para riscar em papel o olhar e as impressões durante o processo de pesquisa. Esse registro, portanto, diz respeito tanto às impressões do professor-pesquisador, quanto às ações dos/as alunos/as pesquisados/as. Assim, o diário se tornou uma narrativa viva, em que os olhares se entrelaçaram, as experiências se conectaram e a busca pelo conhecimento se desenhou em traços compartilhados.

Para falar sobre o diário, baseei-me no artigo intitulado “O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas”, de Lucas Larcher (2019), em que o autor trata sobre a importância do registro em situações de criação e arte. Segundo este pesquisador, o diário é um documento que relata o processo criativo e os vestígios concretos que foram observados. Com intencionalidade ou não, documenta a elaboração de uma obra de arte, desvelando o seu todo (Larcher, 2019). A escrita do diário se dá em um processo criativo:

Os documentos de processo são, portanto, registros materiais do processo criador. São relatos temporais de uma gênese que agem como índices do percurso criativo. Estamos conscientes de que não temos acesso direto ao fenômeno mental que os registros materializam, mas estes podem ser considerados a forma física através da qual esse fenômeno se manifesta. Não temos, portanto, o processo de criação em mãos mas apenas alguns índices desse processo. São vestígios vistos como testemunho material de uma criação em processo (Salles, 1998, p. 21).

Assim, foi no bosque da escola, em meio a árvores, que se desenrolou o projeto de brincadeiras de mãos cantadas. Foi lá que a escrita do diário de bordo ganhou vida! Cada bater de mãos, sorrisos, rodas de conversa... Tudo foi devidamente registrado, transformando o papel em testemunha viva das aulas.

As filmagens tornaram-se aliadas valiosas na complementação da leitura do diário. A visão dinâmica, registrada pelas lentes, trouxe à tona detalhes que poderiam escapar à escrita, revelando nuances do processo que se desenrolava de forma sutil.

Larcher (2019) ainda afirma que o diário de bordo é uma compilação de tudo o que foi anotado, verbal ou não, e que esse recurso ajuda o/a artista, seja ele/a discente ou docente, em grande potencial pedagógico, refletindo as particularidades de cada autor/a.

Deste modo:

[...] podemos dizer que elaborar um diário é fazer emergir a subjetividade de quem o cria, uma vez que, para além de registrar fatos objetivos, o artista e autor, por meio de pensamentos, dúvidas e angústias, pratica um tipo de exposição de seu eu, através de reflexões que lançam luzes e podem ajudar a compreender questões que, antes embrenhado nos meandros do processo de criação e de ensino-aprendizagem, não conseguia descortinar com facilidade (Larcher, 2019, p. 106).

Representado pelo diário de bordo, o/a professor/a adota uma postura de distanciamento relativo em relação as aulas para poder escrever sobre elas, e ao registrar seu trabalho por meio de uma linguagem diferente, é instigado/a a se tornar o/a primeiro/a crítico/a do processo que está vivenciando (Larcher, 2019).

Com isso, podemos ressaltar que tivemos no brincar de mãos a possibilidade de oferecer uma conscientização das experiências vividas, pelo artista-autor-professor e alunos/as, promovendo a (re)criação do/a sujeito/a e de seu entorno. Isso pois a matéria prima nos processos criativos é o próprio corpo, sendo este também o intérprete. O diálogo entre a criação e o/a criador/a se desdobra na operação de (trans)formação ou configuração de (si como) uma obra de arte. Assim, o brincar de mãos se revelou como uma espécie de catalisador desse processo, possibilitando o desvelamento de uma metamorfose que, por vezes, ocorreu internamente entre os/as participantes (Larcher, 2019).

d. Procedimentos da pesquisa de campo

Após aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da Unesp Rio Claro (CEP-IB-Unesp-RC) e parecer positivo da banca de qualificação, foram convidadas as famílias e as crianças a participarem da pesquisa. e para a assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Assentimento. Foi realizada uma reunião de apresentação do projeto para as famílias, sendo esclarecidas as questões éticas e a importância pedagógica da pesquisa.

Após essa primeira reunião, foram agendadas as entrevistas com ao menos um/a responsável pertencente as famílias das crianças participantes, em horários diversos, objetivando conseguir a totalidade dos/as responsáveis.

Durante o terceiro bimestre do ano letivo de 2023, foram realizadas aulas tematizadas sobre as brincadeiras de mãos cantadas, sempre iniciadas com rodas de conversa e seguidas da apresentação das brincadeiras conhecidas pelas crianças

para os/as colegas. Ao final da aula, novamente em roda, conversávamos sobre as percepções deles/as sobre a brincadeira e planejávamos as ações para a próxima aula: “Quem gostaria de apresentar?”, “Qual brincadeira será apresentada?”, “Com quem?”, “Alguém já conhece essa brincadeira?”.

Após o término das aulas, as brincadeiras apresentadas pelos/as alunos/as foram gravadas para confecção do jogo de cartas. Esse processo de pesquisa, seleção, registro em diário e elaboração do jogo de cartas foi reunido e organizado em forma de livro digital, que se tornou o nosso produto educacional.

Abaixo, apresento o planejamento/roteiro (Quadro 2) utilizado durante as mediações que foram realizadas durante as aulas; a construção das aulas seguiu conforme os princípios da pedagogia dialógica de Paulo Freire, feita diariamente em conjunto com os/as alunos/as. Assim, embora o roteiro tenha sido concebido como um ponto de partida, a dinâmica da aula, verdadeiramente viva e pulsante, foi construída colaborativamente por todos/as, envolvendo alunos/as e professor-pesquisador.

Quadro 2 – Roteiro de mediação das aulas

Bloco temático inicial – Roda de conversa inicial sobre os objetivos da aula.

Bloco principal: Apresentação dos/as alunos/as das brincadeiras

Observação: Uma brincadeira por aula.

Questionamentos: Como você se sentiu ao participar dessa brincadeira?
Todos/as conhecem essa brincadeira? Existem outras formas de se brincar?
Alguém conhece uma variação na letra ou no jeito de se brincar? Vamos brincar?

Bloco adjacente:

Discussão de temas que surgirem durante a roda de conversa.
Planejamento coletivo para a próxima aula.

Número de aulas previstas: 10

Número de aulas realizadas: 16

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Com isso, o tema gerador não se encontrou nos meninos e nas meninas separados/as da realidade, mas somente pode ser compreendido em suas relações com o mundo (Freire, 2021).

As atividades das aulas aconteceram no bosque da escola, que possui gramado e muitas árvores e está localizado em uma área mais afastada das salas. Essa escolha proporcionou uma qualidade superior para as aulas, devido ao ambiente mais calmo e isolado, longe também do espaço destinado aos intervalos.

e. Análise de dados

Figura 7 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Maria Helena



Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



É papel do/a pesquisador/a trilhar os caminhos da sua pesquisa, pesquisar e estudar as melhores possibilidades para analisar os problemas que o/a cercam (Barbosa; Silva; Nunes, 2017). De acordo com Laville e Dionne (1999), os dados que o/a pesquisador/a têm nas mãos são brutos, necessitando ser preparados e organizados para tornarem possível a construção de novos saberes.

Assim, nessa pesquisa, os dados foram analisados por meio de uma triangulação entre a compilação das filmagens das aulas, os registros dos diários de campo e as entrevistas realizadas com os/as responsáveis das crianças participantes. Para essa análise, optamos pelo método de Análise Temática (Braun; Clarke, 2006).

A Análise Temática tem como uma das características flexibilidade para ser utilizada em uma variedade de abordagens teóricas e epistemológicas. Sua estrutura é dividida em seis fases, segundo Braun e Clarke (2006) e Barbosa, Silva e Nunes (2017):

Quadro 3 – Fases da análise temática

Fase 1	Familiarizar-se com os dados
	Nesta fase, os/as pesquisadores/as se envolvem com os dados, revisando-os repetidamente para compreender profundamente o conteúdo; Realizar anotações e considerações que achar pertinentes; Assistir as filmagens das aulas, ouvir as entrevistas, reler os diários de bordo.
Fase 2	Gerar códigos iniciais
	Identificação de ideias, conceitos ou padrões relevantes nos dados, codificando trechos que representam tais temas. Com base nos objetivos/questionamentos da pesquisa e demais temas que surgirem.
Fase 3	Busca de temas
	Os códigos são agrupados para identificar possíveis temas dentro dos dados, permitindo uma compreensão mais abrangente e aprofundada; Pode ser utilizado um documento complementar para facilitar a busca de temas (Qual o diferencial do meu estudo? Questões que emergem dos diários e das filmagens).
Fase 4	Rever temas
	Refinação e definição dos temas, verificando sua consistência e conexões com os dados originais.
Fase 5	Definir e nomear temas
	Os temas são finalizados, descritos em detalhes e nomeados de forma representativa do conteúdo que abrangem.
Fase 6	Produzir o relatório
	Comunicação dos resultados da análise, apresentando os temas identificados e sua relação com os dados de maneira coerente e compreensível.

Fonte: Adaptado de Braun e Clarke (2006); Barbosa, Silva e Nunes (2017).

Após nossa análise, chegamos aos seguintes temas: a) Brincar é o próprio universo; b) Eu gostei de aprender, pesquisar e ensinar; c) Brincadeiras “Meleca” e “Fui ao botequim” – problematização, e d) Meu *quefazer* pedagógico. A análise desses quatro temas propostos nos levará a alguns inéditos viáveis.

É importante destacar que, ao longo da Análise Temática, evidenciou-se a necessidade de explorar minha participação no projeto, uma incursão reflexiva. Além de transcender a mera identificação de erros e acertos, esta análise se propôs a pontuar minhas percepções acerca do papel do eu-professor

Em um mergulho introspectivo na prática pedagógica, o olhar para dentro não apenas permitiu a reflexão sobre o passado e o presente, mas também se tornou um compasso para um olhar prospectivo, iluminando o caminho que está por vir, como afirmam Alves e colaboradores (2011, p. 241-242):

Ao mobilizar o conhecimento, os desafios elevam o encontro para além dos conceitos do entendimento já acomodados e determinados por experiências anteriores. Tal mobilização não acontece sem um olhar prospectivo, ou seja, um olhar orientado para os eventos sempre episódicos que se instalam toda vez que a formação nos lança frente às relações por vir no encontro. Aquele que direciona sua atenção à espera do que há de vir coloca o conhecimento à prova, como desdobramento desta atitude aventureira e sua percepção é aguçada, favorecendo o alcance daquilo que não se deixa capturar pelo conhecimento.

Esse tempo de encontro nos permitiu analisar nossa formação e atuação profissional. Dessa forma, ao olhar para dentro de nossa prática pedagógica, não apenas revisitamos o passado e compreendemos o presente, mas também cultivamos uma perspectiva antecipada, lançando luz sobre o futuro do nosso papel enquanto educadores/as. Os diários do pesquisador foram essenciais para minha jornada reflexiva. A prática da escrita pessoal não apenas enriqueceu meu papel como educador/a, mas também proporcionou uma autoanálise contínua que pretendo cultivar ao longo de toda minha trajetória profissional e pessoal.

6 Resultados: o olhar do professor através do olhar das crianças

Figura 8 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Copo de leite



Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

(José Paulo Paes, 2013, p.128-129)

As brincadeiras de mãos cantadas são como um tesouro atemporal transmitido de geração em geração; um brincar de telefone sem fio, viajando através das décadas, perpassando pelas mãos e vozes de meninos e meninas, que em seus quintais transformaram e transformam seus múltiplos jeitos de se brincar.

Imaginem um imenso telefone sem fio, não de metal e barbante, mas de histórias entrelaçadas, melodias rítmicas e movimentos coordenados. Ao longo do tempo, as brincadeiras de mãos cantadas são passadas adiante, uma mãe ensinando seus/as filhos/as, uma criança ensinando à outra, repetindo os gestos, os versos...

É como se cada infância fosse uma estação, nesse telefone sem fio gigante. Uma criança aprende a brincadeira de outra, e, ao repassá-la, coloca um pouco de si mesma, adicionando um novo ritmo, um novo movimento, transformando sutilmente a canção. E, assim, o ciclo continua, uma sucessão interminável de meninos e meninas que se conectam através do tempo, se conectam através dessas brincadeiras, cada uma deixando um pouquinho de si.

Assim como no telefone sem fio, em que a mensagem se transforma à medida que é passada de um ouvido para outro, as brincadeiras de mãos cantadas se adaptam, renovam-se e expandem-se, mas mantêm a essência do seu brincar, sua capacidade de unir, divertir e encantar. Elas são um elo intemporal entre passado, presente e futuro.

E é com essa analogia do telefone sem fio que começamos aqui nossa análise, visando responder as perguntas e objetivos dessa pesquisa:

- a. Conhecer/mapear a diversidade das brincadeiras de mãos que fazem parte da pluralidade dos jeitos de se brincar de meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- b. Compreender como as brincadeiras de mãos cantadas constituem-se elementos disparadores e acolhedores das culturas infantis nas aulas de Educação Física escolar;
- c. Analisar as diferenças das letras, das formas de brincar a depender do local de origem das famílias das crianças, ressaltando as influências das culturas locais.

Visão geral da turma durante as aulas

Durante o projeto, desde o início, os alunos e as alunas manifestaram um certo estranhamento em relação à presença das câmeras, naturalmente acompanhado pela ansiedade decorrente do desconhecido. No entanto, ao longo das aulas, essa sensação inicial de desconforto deu lugar a um brincar espontâneo e natural.

Inicialmente, observou-se que os grupos se formavam de maneira um tanto separada, com os meninos e as meninas mantendo certa distância entre si. No entanto, no decorrer das aulas, essa separação diminuiu. Em alguns momentos, os grupos se mesclavam e meninos e meninas brincavam juntos, especialmente dependendo da natureza da brincadeira.

Embora a empolgação fosse evidente em todos/as os/as participantes, percebia-se que as meninas se destacavam como as mais interessadas em pesquisar, explorar, ensinar e participar ativamente das brincadeiras. Durante as rodas de conversa, a participação dos meninos foi mais efetiva. É importante ressaltar que, historicamente, determinadas brincadeiras, como brincar de mãos, têm sido associadas principalmente ao universo feminino. No entanto, este projeto proporcionou uma oportunidade para questionar e desafiar essas convenções de gênero, promovendo a inclusão e a diversidade nas formas de brincar e de interagir.

Ao longo dessa dissertação, busquei introduzir em cada capítulo uma capa que apresenta as brincadeiras elaboradas, criadas e transformadas pelos alunos e pelas alunas. Cada brincadeira é acompanhada de um *QR-Code* que direciona para um vídeo deles/as brincando. Durante a gravação dos vídeos, foi explicado que esses seriam publicados na plataforma digital do YouTube e a participação nas filmagens foi opcional, respeitando a decisão de cada um/a. Embora tenha incentivado a participação de todos/as, respeitar a vontade individual foi uma prioridade.

Com isso posto, abaixo e acompanhando os despropósitos de Manoel de Barros, apresentou um vídeo (*QR-Code*) que resume como foram nossos momentos do brincar. Mas, antes, uma analogia das brincadeiras de mãos com a poesia:

A poesia apresentada nos convida a mergulhar no universo da imaginação e criatividade, muito semelhante às brincadeiras de mãos cantadas. Essas brincadeiras, tão presentes na infância, são permeadas por elementos de fantasia, palavras rimadas e gestos lúdicos, que evocam a leveza e a capacidade de criar mundos a partir de pequenas ações. Assim como o menino da poesia, que carrega água na peneira, os/as participantes das brincadeiras de mãos cantadas também desafiam a lógica e a realidade, ao criar suas próprias regras e tradições. Na poesia, o menino desafia a noção de utilidade ao realizar uma tarefa aparentemente impossível, como carregar água na peneira, e transforma essa experiência em uma metáfora para a vida do poeta. Da mesma forma, nas brincadeiras de mãos, as crianças transformam gestos simples em narrativas complexas e cativantes, construindo um universo cheio de surpresas e encantamentos. O texto é um convite à celebração da inventividade e do prazer de brincar, mostrando como essas atividades se entrelaçam com a jornada criativa de quem aprende a ver o mundo com outros olhos.

O menino que carregava água na peneira

O menino que carregava água na peneira
Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos
irmãos.

A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.

A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as
palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma
chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida
toda.

Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus
despropósitos!

(Manoel de Barros. 2022, p. 11-28)



a. Brincar é o próprio universo!

Figura 9 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Adoleta



Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
no degrau da porta de casa,
graves como convém a um deus e a um
poeta, é como se cada pedra
fosse todo o universo.
E fosse por isso um grande perigo para ela
deixá-la cair no chão.

(Fernando Pessoa, 1994, p.46)

a.1 Influência dos locais de moradia no brincar de mãos

Buscando compreender as influências dos locais de moradia das crianças nas brincadeiras apresentadas durante o projeto, recorremos a duas perguntas realizadas aos/as responsáveis, abordando tanto seus lares passados quanto aqueles em que viveram ao longo de suas vidas. Além disso, utilizamos os diários de bordo, que continham anotações relevantes sobre o conhecimento das crianças em relação às brincadeiras. As filmagens foram utilizadas para complementar a escrita do diário, buscando identificar elementos que pudessem enriquecer as informações coletadas.

Começamos pelas perguntas: “Como é a casa em que as crianças vivem?”. Essa informação inicial forneceu um contexto significativo para a análise, destacando as características do ambiente, pois a presença de vastos espaços ao ar livre pode ter implicações significativas nas experiências do brincar que essas crianças podem vivenciar em comparação com aquelas que têm espaços mais limitados em ambientes urbanos (Bento, 2016).

Todos/as os/as responsáveis responderam ter muito espaço. Contrariando crianças que vivem em casas e apartamentos, os/as alunos/as de nossa escola moram em chácaras e sítios com espaços significativos para lhes propiciarem experiências riquíssimas. A maioria dos/as alunos/as da turma reside no bairro há pelo menos quatro anos e mais da metade sempre viveu ali. Apenas cinco alunos/as moraram por um período prolongado em outra cidade ou estado. Essa informação é crucial para a compreensão da origem das brincadeiras apresentadas por eles/as.

Esse contexto inicial sobre o ambiente residencial dos/as alunos/as contribuiu significativamente para nossa análise, pois destacou a marcante presença de amplos espaços ao ar livre em suas vivências diárias. Essa característica pode influenciar de maneira substancial as experiências das crianças, proporcionando um cenário propício do brincar ao ar livre, exploração da natureza e interações mais próximas com o ambiente.

Conforme relataram Santos e Bichara (2005) o ambiente em que as crianças moram proporcionam diferentes modos de brincar, mostrando que as experiências das crianças estão intimamente ligadas ao contexto em que vivem.

Pinto e Bichara (2017) buscaram compreender como as crianças utilizam os espaços públicos para brincadeiras, explorando suas relações com esses ambientes e propondo melhorias. As crianças de bairros populares destacaram-se pela frequência nas ruas, desfrutando de autonomia e liberdade, enquanto as de condomínios fechados raramente utilizavam espaços públicos ao ar livre, sendo a segurança uma preocupação comum, especialmente em áreas consideradas perigosas, entende-se que a segurança e a disponibilidade de espaços adequados são fatores cruciais para o desenvolvimento saudável das crianças, principalmente aqueles com acesso a natureza (Pinto; Bichara, 2017).

Além disso, a informação adicional sobre o tempo de residência no bairro acrescentou uma dimensão temporal à análise. Essa constatação sugeriu uma certa estabilidade no ambiente e com isso, maior identidade coletiva à turma, impactando as tradições e as influências culturais presentes nas brincadeiras compartilhadas. Inclusive, essa informação nos surpreendeu e contrastou com a realidade da comunidade escolar, que tem como principal característica a grande rotatividade de alunos/as.

Esta informação nos auxilia a responder um dos objetivos dessa pesquisa: analisar as diferenças das letras, das formas de brincar a depender do local de origem das famílias das crianças, ressaltando as influências das culturas locais. Analisando a contribuição das alunas Marielle e Djamila na apresentação das brincadeiras, observa-se um aspecto relevante no entendimento do jeito de se brincar a partir do local de moradia das crianças. Djamila, que já morou em algumas cidades do estado de Pernambuco antes de residir em Porto Feliz, apresentou um repertório amplo de brincadeiras, conhecendo a maioria delas e apresentando duas variações referentes as brincadeiras "trem maluco" e "Popeye". Já Marielle, que sempre morou na cidade vizinha Elias Fausto e chegou recentemente à escola, apresentou duas brincadeiras que não faziam parte do conhecimento dos/as demais alunos/as da turma. Assim, as contribuições das duas alunas evidenciaram a diversidade de práticas lúdicas entre crianças de diferentes localidades.

A contextualização da vivência anterior de Djamila no estado de Pernambuco sugere que as variações nas letras e nos modos de brincar podem ser influências culturais específicas dessa região. O fato de ela ter aprendido as brincadeiras com sua irmã reforça a importância das relações familiares na transmissão desse patrimônio do brincar (Silva, 2011). Ao mesmo tempo, a análise das brincadeiras "trem maluco" e "Popeye" apresentadas por Paulo, Lydia e Dandara revela que essas práticas foram disseminadas na escola. Isso indica que o ambiente educacional desempenha um papel significativo na construção e transmissão do brincar, ampliando a diversidade cultural entre os/as alunos/as. Na cultura do brincar, observamos um fenômeno de grupo, pois a transmissão cultural ocorre em um contexto social, que inclui a escola. Nesse contexto, um conjunto de sujeitos/as se regulam mutuamente, desenvolvendo uma identificação própria e um modo de organização típico. É por meio dessa interação que uma brincadeira tradicional se mantém e é repassada. (Pontes; Magalhães, 2003, p. 120).

Abaixo as semelhanças/diferenças das brincadeiras apresentadas:

Quadro 4 – Semelhanças e diferenças na brincadeira trem maluco

Trem maluco - aluno Paulo	Trem maluco - aluna Djamila
O trem maluco quando passa em Pernambuco vai fazendo chique, chique, chique até chegar no Ceará Rebola pai, mãe, eu sou da família também quero rebolar Uni-uni coca-cola Uni-uni guaraná Sete, sete, são catorze Com mais sete, vinte um Tenho vinte um, namorados Cada dia eu mato um Tchibum	O trem maluco quando sai de Pernambuco vai fazendo fuco fuco até chegar no Ceará Rebola bola Você diz que dá que dá Você diz que dá na bola Na bola você não dá Rebola o pai Rebola a mãe Rebola a filha Eu também sou da família Também quero rebolar

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Quadro 5 – Semelhanças e diferenças na brincadeira Popeye

Popeye - alunas Lydia e Dandara	Popeye - aluna Djamila
Popeye foi a feira não sabia o que comprar Comprou uma cadeira para a Olívia se sentar A Olívia se sentou, a cadeira esborrachou Coitadinha da Olívia, foi parar no corredor Corredor estava sujo, sujo de poeira Coitadinha da Olívia foi parar na geladeira Geladeira estava suja, suja de mingau Coitadinha da Olívia foi parar no hospital Hospital estava sujo, sujo Sujo de remédio Coitadinha da Olívia foi parar no cemitério Cemitério estava sujo, sujo Sujo de papel Coitadinha da Olívia foi parar no céu.	Popeye foi a feira não sabia o que comprar Comprou uma cadeira para a Olívia se sentar A Olívia se sentou, a cadeira esborrachou Coitadinha da Olívia, foi parar no corredor Corredor estava sujo, sujo de poeira Coitadinha da Olívia foi parar na geladeira Geladeira estava suja, suja de mingau Coitadinha da Olívia foi parar no hospital Hospital estava sujo, sujo Era meia noite, noite, noite, noite Vi uma caveira, veira, veira, veira Era vagabunda, bunda, bunda, bunda Quem se mexer vai virar um esqueleto De olhos vermelhos e dentes pretos

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Essa análise destaca a riqueza das influências geográficas e familiares na transmissão das brincadeiras, evidenciando como as experiências prévias dos/as alunos/as moldam a diversidade de brincadeiras de mãos da turma (Pontes; Magalhães, 2003). Além disso, ressalta o papel crucial da escola como um espaço de intercâmbio, disseminação e transformação, em que diferentes vivências se encontram e enriquecem o ambiente escolar, assim as culturas infantis preservam-se, misturam-se e transformam-se (Barbosa, 2014, p. 663).

As culturas infantis são transmitidas e reelaboradas geracionalmente, isto é, elas permanecem na história, contaminam-se por meio do contato com os diversos grupos sociais, étnicos, religiosos, de gênero etc. e são, permanentemente, recriadas pelas gerações mais novas. Elas caracterizam-se por estarem relacionadas aos contextos de vida cotidiana das crianças e têm como base elementos materiais presentes em suas vidas, como os objetos da casa, brinquedos, livros, materiais, ferramentas e tecnologias que mediam suas relações com o mundo, assim como os elementos simbólicos que provém das comunidades, das famílias, da cultura de brincadeiras, da mídia e da escola. (Barbosa, 2014, p. 663).

Em síntese, as brincadeiras compartilhadas pelos/as alunos/as revelam uma distribuição diversificada de fontes de aprendizado. Uma significativa parcela foi adquirida através de ensinamentos familiares e experiências escolares, destacando-se até mesmo um relato sobre a aprendizagem de uma brincadeira com o professor. O restante das brincadeiras apresentadas resultou de pesquisas, tanto junto aos/as familiares quanto em plataformas *online*, como *YouTube* e *TikTok*. Vale ressaltar que uma temática específica para análise mais aprofundada sobre a pesquisa, ensino e aprendizagem com os/as alunos/as como protagonistas.

a.2 Momentos de brincar em família

Outra pergunta realizada para os/as responsáveis foi: “Você ou alguém da família costuma brincar com a criança e, se sim, como são esses momentos?”.

A análise das respostas revela uma diversidade significativa nos hábitos de brincar entre os/as responsáveis pelas crianças. Algumas famílias destacam a participação ativa dos/as irmãos/as mais velhos/as nas brincadeiras, como futebol e esconde-esconde, indicando uma interação entre irmãos/as que pode influenciar a diversidade do brincar passando de uma geração para outra. Outros relatos apontam para a presença marcante dos/as pais/mães no brincar, contendo brincadeiras tradicionais, como pega-pega e esconde-esconde, até atividades de lazer, como a pesca. A mãe e o pai desempenham papéis diferentes, evidenciando a diversidade de interações e brincadeiras que a criança experimenta em casa, como apontado por Monteiro *et al*; (2010).

É interessante notar que, em alguns casos, a correria do dia a dia e as responsabilidades de familiares limitar o tempo disponível para brincar (Monteiro *et al*; 2010). Porém, quando possível, as famílias procuram se envolver em atividades

recreativas, jogos e brincadeiras, como soltar pipa, jogar uno, fazer charadas ou participar de jogos de tabuleiro. A paciência e disponibilidade dos/as responsáveis também variam, sendo que alguns/as mencionam ter menos tempo ou paciência para brincar, enquanto outros/as expressam um envolvimento mais constante nas brincadeiras. A presença de avós também é citada em alguns casos, indicando que a dinâmica de brincadeiras se estende para além do núcleo familiar imediato (Monteiro *et al*; 2010).

Em geral, as respostas refletem a complexidade das dinâmicas familiares, mostrando que as crianças contam com diferentes figuras familiares para participar de diversas brincadeiras, formando uma rede de interações que contribui para o desenvolvimento do repertório brincar infantil.

a.3 De ontem para hoje e as influências das tecnologias

Para investigar as disparidades/mudanças do brincar entre as gerações passada e atual e conhecer o que as crianças fazem quando não estão brincando, foram formuladas as seguintes perguntas aos/as responsáveis: "Percebe alguma diferença entre o brincar de hoje e o de quando era criança?", "O que seu/sua filho/a faz quando não está brincando?" e "Quanto tempo ele/a passa utilizando celular, televisão e computador?".

A análise das respostas indica que a maioria dos/as responsáveis percebe grandes diferenças nas brincadeiras atuais em comparação com as de sua própria infância. Eles/as atribuem essas mudanças ao desenvolvimento tecnológico, especialmente ao uso extensivo de aparelhos celulares para diversas finalidades, como assistir, jogar e conversar. Ao serem questionados/as sobre as ocupações de seus/suas filhos/as quando não estão brincando, as respostas variaram entre assistir televisão, utilizar o celular para assistir e jogar, auxiliar nas tarefas domésticas e colaborar no trabalho dos/as pais/mãe.

Oliveira e Ehrenberg (2022) realizaram uma pesquisa com professoras brincantes objetivando saber se os/as meninos/as hoje em dia não sabem brincar, ou se brincam de maneira diferente em relação ao passado, considerando as memórias dos/as professores/as e suas observações no dia a dia. Os/as autores/as concluíram que, na contemporaneidade, as crianças têm incorporado fortemente as tecnologias digitais em suas vidas, especialmente os dispositivos eletrônicos como celulares. Há uma preocupação expressa pelas professoras sobre a influência dessas tecnologias nas brincadeiras das crianças, indicando uma possível falta de movimento e criatividade. Além disso, destacam a importância de resgatar brincadeiras antigas e promover atividades que estimulem a imaginação e a interação entre as crianças, contrapondo-se à predominância do uso de dispositivos eletrônicos. As professoras também observam mudanças no comportamento das crianças após o período da pandemia, sugerindo que o excesso de tempo em casa, muitas vezes em frente a telas, pode ter impactos negativos na vivacidade e nas relações sociais das crianças.

Em resumo, os autores argumentam a necessidade de repensar as práticas pedagógicas e valorizar o resgate de brincadeiras tradicionais, buscando um equilíbrio entre o uso das tecnologias e o estímulo à criatividade e movimento nas atividades infantis. (Oliveira; Ehrenberg, 2022).

Quando indagados sobre o tempo dedicado às telas (celular, televisão e computador), apenas três responsáveis relataram que as crianças utilizam esses dispositivos por mais de três horas. No entanto, a maioria estabelece um limite máximo de uma hora por dia, sugerindo uma abordagem consciente por parte dos/as responsáveis. Essa moderação no uso de dispositivos eletrônicos é vista como um aspecto importante e benéfico para o desenvolvimento saudável e equilibrado das crianças, proporcionando a elas a oportunidade de se dedicarem a outras atividades. As tecnologias têm mudado o nosso mundo e o desenvolvimento das infâncias: Benéfico ou prejudicial para nossas crianças?

Observa-se que, por um lado, o acesso à smartphones, tablets computadores e outros aparelhos tecnológicos têm acarretado altos riscos para a infância que sofre alterações como a obesidade, o déficit de atenção e outras dificuldades na aprendizagem. Além dessas preocupações, existe o fato de que as crianças estão cada vez mais inseridas no mundo dos adultos, deixando de viver a fase da infância. (Mathias; Gonçalves, 2017, p. 162).

Por outro lado, sabemos do aspecto inegável da contribuição tecnológica para o desenvolvimento da nossa sociedade (Capron; Jhonson, 2004; Ribeiro, 2014). Todas as áreas têm se beneficiado disso; no entanto, ainda há dúvidas sobre como devemos conduzir o uso tecnológico das crianças. Como fazer isso sem contribuir um “apagamento das infâncias”? Quando falo apagamento, me refiro ao desaparecimento parcial de uma infância rica em brincadeiras.

Com o objetivo de compreender a influência da tecnologia no desenvolvimento infantil, Paiva e Costa (2015) conduziram uma pesquisa empírica, constatando que o uso excessivo e indiscriminado de aparelhos eletrônicos, sem controle organizacional por parte dos/as responsáveis, representa um considerável risco para a saúde física, mental e social das crianças. Isso ocorre tanto na abstinência do uso quanto na tentativa de substituir as atividades lúdicas tradicionais. Com essa questão, Mathias e Gonçalves (2017) sugerem que as crianças não sejam privadas de ter contato com essa tecnologia, porém, que as usem com parcimônia, com controle de horários e de conteúdo.

Essa ausência de privação é importante, uma vez que, de acordo com Lima e Sartori (2021), a cultura lúdica do brincar das crianças tem passado por várias mudanças. Sobre isso, Cotonho e Rosseti (2016, p. 347) relatam que:

Não é recente o interesse por pesquisas que envolvem jogos, infância, educação infantil, desenvolvimento e aprendizagem. Parte-se do princípio de que a brincadeira é fundamental para a criança, pois é o modo pelo qual a mesma se apropria do mundo que a cerca. Ao brincar, a criança passa a compreender sua cultura, valores, hábitos, desejos, desagradados,

relações com o outro, enfim, vivencia experiências de seu contexto circundante

Ainda conforme Cotonho e Rosseti (2016), a existência dos brinquedos eletrônicos já faz parte do dia a dia das crianças. Ou seja, as crianças crescem imersas nesse mundo digital, o que explica a facilidade com que elas se apropriam dessas máquinas.

Quando perguntados/as sobre as brincadeiras “desconectadas” de seus/suas filhos/as no dia a dia, os/as responsáveis relataram brincar de bola, boneca, esconde-esconde, amarelinha, passa anel e muitas outras brincadeiras, o que demonstra que os/as alunos/as participantes da pesquisa ainda se envolvem em brincadeiras tradicionais. Essa aparente contradição entre as respostas dos/as responsáveis e algumas conclusões dos estudos acerca das influências da tecnologia nas brincadeiras infantis levanta a hipótese de que o contexto ambiental pode desempenhar um papel significativo nesse cenário. A disponibilidade de espaços amplos pode favorecer a prática das brincadeiras tradicionais. Além disso, a menor acessibilidade à internet em regiões mais afastadas pode influenciar o comportamento das crianças, direcionando-as para experiências lúdicas que não dependem exclusivamente de dispositivos eletrônicos.

Quando questionados/as sobre o contato de seus/suas filhos/as com outras crianças, a maioria dos/as responsáveis relata interação com irmãos/as, primos/as e amigos/as, e, muitas vezes, vizinhos/as próximos/as. Apenas quatro disseram que isso ocorre mais durante os finais de semana, quando algum/a parente ou amigo/a vem visitá-los/as.

Com isso, percebe-se que o cultivo de uma infância que transforma árvores em grandes montanhas, caixas de papelão em gigantescos barcos piratas, cobertas em cabanas e cavernas escuras, infâncias em que meninos e meninas criam, fantasiam e transformam o brincar, é possível. O impacto da tecnologia na infância deve ser permeado por uma abordagem equilibrada, sendo responsabilidade de todos/as, sociedade e responsáveis, guiarem as crianças por um caminho que respeite sua essência, permitindo-lhes explorar, imaginar e brincar, ao mesmo tempo em que se beneficiam dos avanços tecnológicos de maneira saudável e educativa.

a.4 Para além do quintal, meninos e meninas criando e transformando os jeitos de se brincar - O olhar menino

A gravação das aulas possibilitou analisar algo que muitas vezes escapa aos meus olhos de professor. Ao assistir os vídeos de maneira intencional, busquei enxergar as pequenas coisas, sutilezas e nuances que escapam de minha escrita cotidiana: sorrisos, entregas, liberdade. Nos gestos das crianças capturados pela lente da câmera, a entrega de corpo e alma ao universo do brincar. Olhares que se tornam testemunho vivo da importância desses momentos na formação e na vida de meninos e meninas; olhares de infâncias vividas, que já são e estão, que se constroem todos os dias.

A alegria é algo palpável, difícil de ser descrita, mas observável em cada olhar. Santos (2021) chama esse olhar “que sorri” de “olhar menino”, a maneira única com que meninos e meninas enxergam o mundo. Segundo Hortélio (2017), esse olhar possibilita continuar “aprendendo menino”, em uma sociedade permeada pela lógica adultocêntrica, em que as crianças costumam ser desconsideradas das práticas sociais, culturais e políticas que as regem:

No caso das crianças, afirma-se no adultocentrismo, com ações antidialógicas e autoritárias que, subestimando a capacidade de criação e recriação de meninos e meninas, procura afogar neles e nelas o desejo de curiosa, criativa e coletivamente, aventurarem-se no conhecimento do mundo, físico e social (Silva, 2021, p. 1014).

A infância rompe com a adultez que, sisuda, já não consegue mais sonhar, criar, brincar e esperar. Como potência criadora, ela nos convida ao estranhamento, à imaginação, à criação e ao encantamento (Silva, 2021).

Durante esse olhar de análise, vamos tentar fazer deste um “olhar menino” do 4º ano A. E esse “olhar menino” é um olhar que quer brincar! Durante as rodas de conversa, em vários momentos, os/as alunos/as relataram que o “mais legal” da aula foi brincar. Destaco uma aula em que a aluna Dandara, enquanto eu fazia um comentário, levantou a mão e fez a seguinte pergunta: “*Professor, nós podemos brincar agora?*” (diário de bordo, aula 5). Fala que também ouvi em uma outra aula, quando achei importante interromper a atividade para falar algo que considerei pertinente naquele momento, entretanto após reclamação do aluno Antônio, acabei deixando o comentário para o final da aula: “*Ah, professor, a gente que brincar, no final da aula a gente conversa!*” (diário de bordo, aula 6).

Para tentar colocar em palavras o que percebi assistindo as filmagens, descrevo sobre um momento de brincar da aluna Angela:

Entre um Pikachu e outro, subia e descia da árvore. Ora com uma menina, ora com um menino, brincava de mãos, com movimentos cheios de cumplicidade e inocência. Passava diante da câmera, como uma estrela em seu próprio palco improvisado, e ensaiava uma dança singular, movimentos leves e espontâneos que se desenhavam no ar. Seu sorriso, radiante, iluminava o tempo todo, transformando a simplicidade da brincadeira em um espetáculo único, em que a alegria se tornava a protagonista, ecoando a riqueza do brincar infantil. (diário de bordo, aula 3).

Pensando no acima descrito, pretendo aqui responder à pergunta problematizadora dessa pesquisa: “Como as brincadeiras de mãos cantadas podem ser resgatadas e valorizadas nas aulas de Educação Física de forma a promover a preservação da diversidade do brincar infantil, a partir do olhar das crianças?”.

Responder a essa pergunta é um desafio que se revela ao mesmo tempo complexo e simples. Como resgatar e valorizar esse brincar senão através do “olhar menino” das próprias crianças? É preciso escutar as crianças! Escutar as crianças significa nos silenciar, sem com isso deixarmos de dizer a nossa palavra. Configura-

se não como abandono ou omissão, mas um profundo respeito à capacidade dos meninos e das meninas de pensar e agir no mundo:

O silêncio possibilita escutar, com olhos e ouvidos atentos, seus gestos, seus olhares, suas expressões, seus movimentos, seus desejos, seus interesses, de modo a estabelecer um diálogo que tem como marca, não apenas a palavra verbalizada, mas todas as formas de expressão pelas quais as crianças dizem o mundo (SILVA, 2017, p. 92).

Durante as aulas procurei ouvir, deixar os/as alunos/as brincarem. Busquei a todo instante que eles/as fizessem uso da palavra. Mas esse processo foi evoluindo aos poucos, durante o projeto; inclusive, nas primeiras aulas, notei que eu acabava intervindo em muitos momentos que não era necessário.

Quando Silva (2021) trata da importância de ouvir não apenas a palavra verbalizada, mas todas as formas de expressão pelas quais as crianças dizem o mundo, deixa claro a importância do brincar. Brincar é o segredo das crianças (Silva, 2021), é através dele que meninos e meninas realizam a leitura do mundo e constroem suas relações com o/a outro/a.

Lydia Hortélio, em entrevista com Santos (2021, p. 275), afirma que “A cultura da criança é o brincar, não é a escola e outras coisas; isso é equívoco dos adultos”. Por isso, nessa pesquisa, reforço a necessidade de repensar práticas pedagógicas, buscando uma abordagem mais sensível e dialógica em relação ao brincar infantil. A reflexão constante sobre o que é ouvido, observado e vivenciado durante as aulas se apresenta como um caminho promissor para uma Educação Física mais inclusiva, participativa e enriquecedora. Escutar as crianças é um convite à renovação do olhar, da prática e do entendimento sobre o universo lúdico, resgatando a essência do brincar como uma experiência vital na formação das novas gerações.

Quando afirmo que o brincar é o próprio universo, ressalto que é singular, intrinsecamente valioso. Brincar é resistência, construção e reconstrução de mundo, liberdade; é permitir que meninos e meninas se apropriem de seus próprios corpos e imaginários, leiam e descubram o mundo e, nessa interação entre crianças e mundo, alcancem a humanização. Brincar é conceder a meninos e meninas o papel de protagonistas de sua própria história.

Em versos um pouco deste capítulo:

Em sítios e chácaras, crianças a brincar,
Exploram a vastidão, sem medo de voar.
Das árvores aos campos, sorrisos a brilhar,
Em cada aventura, novos mundos a criar
Com amigos/as brincantes, o saber se expandiu.
Na escola da vida, cada um/a contribuiu.
Na dança da aprendizagem, todos/as têm lugar,
Amigos, família, TikTok, YouTube a colaborar.
Tecnologia, um mundo vasto a explorar,
Mas é crucial equilibrar, para não se desviar.

As famílias compreendem, sabem bem discernir,
Que para preservar as tradições do brincar,
é preciso resistir.
Entre telas e tradições, é necessário conciliar,
Para a magia do brincar nunca acabar.
Na harmonia entre o antigo e o novo, encontrar,
Um caminho onde a infância possa sempre prosperar.

(Autoria própria)

b. Eu gostei de aprender, pesquisar e ensinar

Figura 10 - Brincadeira de mão apresentada/transformada pelos/as alunos/as - Fui ao botequim

Fui ao botequim tomar café
Encontrei um macaquinho de rabinho em pé
Dança macaquinho que eu não sei dançar
Dá um abraço nele que ele dança já
Lá em cima do piano
Tem um copo de veneno
Quem bebeu morreu
O culpado não fui eu
A culpa é do Tadeu



Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024)



Ao longo do estudo, tornou-se evidente o entusiasmo de meninos e meninas em adquirir conhecimento por meio da interação entre eles/as, da pesquisa junto a familiares e amigos/as, bem como explorando recursos digitais como *TikTok* e *YouTube*. Selecionei alguns trechos, depoimentos, percepções dos/as alunos/as sobre como foram esses momentos:

Quadro 6 – Percepções dos/as alunos/as sobre ensinar e aprender (disponíveis no Apêndice E)

Aluno/a	Percepções/trecho
Dandara	“Eu gostei de ensinar nas aulas, gostei de aprender e de tudo”.
Evaristo	“É muito legal, é divertido, eu aprendi músicas que eu nem sabia, tem brincadeiras que eu não conhecia”.
Conceição	“Eu gostei porque teve a participação de todos/as”.
Djamila	“Eu gostei do copo de leite, que foi muito legal de brincar e ensinar”.
Maria	“Eu gostei muito, é muito legal, porque ela tem uma parte diferente da minha música”.
Marielle	“Eu gostei muito de apresentar”.
Lydia	“Eu gostei que a maioria das crianças aprendeu e brincou”.
Paulo	“Eu gostei do “babalu”, porque ele é interessante e fácil de aprender”.
Júlio	“Pikachu eu que apresentei”.
Zilda	“Eu gostei desse projeto. Porque todos nós participamos, ensinamos e aprendemos”.
Antônio	“E também ela faz a gente aprender e dá pra gente ajudar os outros que não sabem”.
Moacir	“Eu gostei de ensinar e aprender, me diverti”.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

os/as educandos/as são os/as depositários/as e o/a educador/a, o depositante (Freire, 2021).

Essa perspectiva antidialógica tira do/a aluno/a seu lugar de fala. Freire (2021) coloca que o/a opressor/a não quer só oprimir economicamente, mas também culturalmente, e para fazer isso rouba-lhe o direito da palavra, sua expressividade e sua cultura. Negar às crianças a oportunidade de serem ouvidas, tirando-lhes o direito da palavra e o direito de expressão, é algo destrutivo em todas as suas possibilidades.

Segundo Freire,

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (Freire, 2021, p.108).

A frase “Eu gostei de ensinar” foi repetida inúmeras vezes nas percepções dos/as alunos/as quanto ao projeto. Esse “Eu gostei de ensinar” ecoa como uma pronúncia autêntica dos/as alunos/as, evidenciando que a existência humana, por sua natureza, não se satisfaz com o silêncio, mas encontra sua voz ao compartilhar experiências educativas genuínas. As palavras verdadeiras proferidas pelos/as estudantes, mesmo além da verbalização, constituem uma transformação palpável no ambiente de aprendizado, engajando ativamente os sujeitos na construção do conhecimento, como um constante pronunciar que, por sua vez, torna o mundo problemático, demandando novas formas de expressão.

Nas filmagens, é possível observar como esse processo acontecia. Mesmo aqueles/as alunos/as que não trouxeram para as aulas uma brincadeira conhecida para apresentar, quando aprendiam as trazidas pelos/as colegas, imediatamente ajudavam a ensinar os/as demais. Os depoimentos dos/as alunos/as reforçam essa mudança de perspectiva, destacando o prazer e a satisfação em ensinar. Essa experiência demonstra que a aprendizagem não é apenas um ato de absorção passiva, mas sim um processo dinâmico em que todos/as os/as envolvidos/as desempenham papéis ativos na construção do conhecimento. Uma das falas comuns durante as aulas foi: “Nós todos/as vamos aprender juntos/as, uma hora com um/a, uma hora com outro/a, todos/as ensinamos e aprendemos” (aula 7, diário de bordo).

Por isso, é imperativo escutar nossas infâncias!

Somos constantemente interrogados(as) pela infância, a das crianças e a nossa. Com sua potência, a infância nos desenfeitiça, dando a ver um mundo de abertura e possibilidades onde até então era apenas reprodução, padronização, homogeneidade. Questiona nossas supostas certezas. Suspende o tempo cronológico, nos revelando um tempo de descontinuidades que nos impele a lugares inusitados, por vezes, conhecidos, mas pouco visitados. A infância, quando a escutamos, não nos deixa esquecer que é preciso sonhar, é preciso esperar, é preciso brincar. A força transgressora da infância assusta, daí as várias estratégias de silenciá-la. É preciso calar a infância, amordaçá-la,

subjugá-la. Ela ameaça. Ameaça, sobretudo, aqueles e aquelas que temem o sonho e a utopia de um outro mundo possível. A infância é utópica. (Silva, 2021, p.1010).

E será que a escola escuta as infâncias de meninos e meninas dos nossos quintais Brasil afora?

Silva (2021) ilustra uma conversa fictícia entre Ana Flávia, uma menina de 4 anos, e Paulo Freire, a respeito do diálogo e da escuta na infância. De acordo com Ana, como qualquer outra criança, como todos e todas nós, e como seres inconclusos que somos, estamos em constante busca por “ser mais” — condição que nos deixa em situação curiosa e inquieta quanto ao mundo. Isso nos leva sempre a intervir, constituindo-nos como seres históricos e culturais. Além de gostar de ensinar e aprender uns/umas com os/as outros/as.

c. Brincadeiras problematizadas: “Meleca” e “fui ao botequim tomar café”

Figura 12 - Brincadeira de mão apresentada/transformada pelos/as alunos/as - Meleca



Fui à geladeira pegar meu Danoninho
Quando eu percebi tinha meleca no potinho
Me-le-ca
Fui ao banheiro lavar as minhas mãos
Quando eu percebi tinha meleca no sabão
Me-le-ca
Fui ao hospital tomar uma injeção
Quando eu percebi tinha meleca no colchão
Me-le-ca
Fui ao cemitério
Não tive medo algum
Quando eu percebi tinha meleca no bumbum
Me-le-ca

Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024).



Antes de iniciar o projeto, eu acreditava que surgiriam questões relacionadas a gênero. Pensava que, principalmente os meninos, em um momento ou outro, pudessem associar o brincar de mãos cantadas ao brincar exclusivamente de meninas. Para meu espanto, em nenhum momento isso aconteceu. Na primeira aula, durante uma roda de conversa, tentei extrair isso, conforme descrito em meu diário de bordo (aula 1):

Perguntei: quem pode brincar de mãos? Todos/as! Responderam. Insisti na pergunta, indagando se essa brincadeira é exclusiva de meninas ou de meninos. Eles/as foram unânimes em afirmar que todos/as podem brincar de mãos. Direcionei a pergunta na expectativa de que questões relacionadas a gênero surgissem, permitindo que problematizássemos desde o início do projeto. No entanto, isso não aconteceu.

E foi assim durante todas as aulas. Em nenhum momento levantou-se a possibilidade de meninos não quererem participar das brincadeiras por considerarem esse um brincar de meninas. Durante algumas aulas, observou-se que os meninos, em determinados momentos, se distanciavam das meninas, optando por brincar exclusivamente entre eles; entretanto, em nenhum momento argumentaram que esse brincar não era para eles. Abordamos a questão de os meninos brincarem de forma separada, durante as discussões das rodas de conversa. Todos sempre eram unânimes em afirmar não ter qualquer objeção em brincar com as meninas. Isso realmente se provou durante as aulas, pois em quase todas percebi um brincar entre todos/as.

Buscando compreender a razão pela qual essas questões não emergiram, analisei as respostas dos/as responsáveis à pergunta sobre as preferências de brincadeiras de seus filhos/as. As respostas incluíram atividades como bola, esconde-esconde, bicicleta, carrinho, pipa, subir nas árvores, trator e fazendinha, brincadeiras tradicionalmente associadas ao universo masculino. Diante dessa constatação, é válido questionar os motivos de eu não ter incluído na entrevista indagações mais diretas sobre as percepções dos/as responsáveis acerca das brincadeiras categorizadas como masculinas ou femininas, como, por exemplo, "Você acredita que existem brincadeiras específicas para meninos e meninas?". Incorporar tais questionamentos poderia fornecer evidências adicionais, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada de como o tema é discutido e tratado em suas casas.

A ausência dessa discussão foi ainda mais interessante no projeto pois esta turma é composta por alunos/as que acompanho desde o início do Ensino Fundamental e o debate sobre questões de gênero é uma prática constante em nossas rodas de conversa. Assim, uma hipótese para a superação desse preconceito pode ser que nossas discussões anteriores já contribuíram para a quebra desse paradigma sexista nas práticas corporais; outra hipótese, de que ser parte de minha pesquisa de Mestrado motivou a turma como um todo a participar das atividades.

Já as brincadeiras "Meleca" e "Fui ao botequim tomar café" foram problematizadas durante as aulas devido ao teor/conteúdo de suas letras. Apesar das discussões que propuseram, teria sido interessante ter um maior tempo disponível

para uma discussão aprofundada com os/as alunos/as. Entretanto, o tempo curto disponível para a conclusão do projeto não nos impediu de dedicar uma aula para um diálogo conjunto sobre essas temáticas. A seguir, apresento as músicas que foram problematizadas e alteradas pelos/as alunos/as.

Quadro 7 – Brincadeira problematizada - Meleca

Brincadeira apresentada pela aluna Marielle	Brincadeira modificada por todos/as
Meleca	Meleca
Fui à geladeira pegar meu Danoninho Quando eu percebi tinha meleca no potinho Me-le-ca	Fui à geladeira pegar meu Danoninho Quando eu percebi tinha meleca no potinho Me-le-ca
Fui ao banheiro lavas as minhas mãos Quando eu percebi tinha meleca no sabão Me-le-ca	Fui ao banheiro lavas as minhas mãos Quando eu percebi tinha meleca no sabão Me-le-ca
Fui ao hospital tomar uma injeção Quando eu percebi tinha meleca no colchão Me-le-ca	Fui ao hospital tomar uma injeção Quando eu percebi tinha meleca no colchão Me-le-ca
<u>Fui ao cemitério</u>	<u>Fui ao cemitério</u>
<u>Fazer uma macumba</u>	<u>Não tive medo algum</u>
<u>Quando eu percebi tinha meleca na</u> <u>minha bunda</u> Me-le-ca	<u>Quando eu percebi tinha meleca no</u> <u>bumbum</u> Me-le-ca

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Quadro 8 – Brincadeira problematizada - Fui ao botequim

Brincadeira apresentada pela aluna Marielle	Brincadeira modificada por todos/as
Fui ao botequim	Fui ao botequim
Fui ao botequim tomar café Encontrei um macaquinho de rabinho em pé Dança macaquinho que eu não sei dançar Mostra o chicotinho que ele dança já Lá em cima do piano Tem um copo de veneno Quem bebeu morreu O culpado não fui eu A culpa é do Tadeu	Fui ao botequim tomar café Encontrei um macaquinho de rabinho em pé Dança macaquinho que eu não sei dançar Dá um abraço nele que ele dança já Lá em cima do piano Tem um copo de veneno Quem bebeu morreu O culpado não fui eu A culpa é do Tadeu

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Após todos/as brincarem e aprenderem ambas as brincadeiras, iniciamos as discussões sobre suas letras, ocorridas no próprio dia das apresentações:

Durante a roda de conversa, perguntei o que eles/as tinham sentido em relação as brincadeiras. Em geral, relataram ter gostado muito, principalmente da brincadeira “Meleca”. Perguntei sobre as letras, o que pensavam sobre elas? A própria aluna Marielle, que apresentou, comentou: ‘Eu acho a palavra macumba meio estranha.’ Após ela se pronunciar, outros/as alunos/as acenaram com a cabeça concordando. O aluno Antônio comentou: ‘É como se estivéssemos fazendo algo ruim.’ (Aula 13, diário de bordo).

Visto a necessidade de discussão sobre as brincadeiras, resolvemos dedicar uma aula para problematizarmos em grupo. Esse processo de adaptação do planejamento pedagógico, fundamentado nas necessidades das crianças, encontra aporte em Freire (2021, p. 94):

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não podem fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo.

Paulo Freire é destacado por Neira (2018) como a principal figura na concepção da educação problematizadora. Seu enfoque visa problematizar o mundo por meio do diálogo, buscando a compreensão, explicação e transformação do

conhecimento em relação à realidade em que se origina e impacta. Ainda de acordo com Neira (2018), problematizar implica adotar uma atitude filosófica que vê como problema aquilo que em geral é aceito com naturalidade.

Como tínhamos apenas uma aula para conversarmos/problematizarmos sobre ambas as brincadeiras, dedicamos nosso maior tempo para a brincadeira “Meleca”, embora não tenhamos deixamos de falar sobre o problema encontrado na brincadeira “Fui ao botequim”, de envolve o maltrato de animais. Em conversa com todos/as, ficou claro que a música faz incitações a violência e foi relatado por um dos alunos que o macaco, por ser um animal selvagem, deve estar floresta e não em bares e zoológicos (aula 13, diário de bordo). A sala entrou em consenso em modificarmos a música da brincadeira, colocando a palavra “abraço” no sentido de proteção desses animais, principalmente do mal possivelmente causado por seres humanos. Essa escolha reflete o compromisso da turma em promover uma mensagem positiva e consciente em relação ao respeito e cuidado com os animais, contribuindo para uma abordagem mais ética e responsável em suas brincadeiras.

Na brincadeira “Meleca” temos a palavra “macumba” sendo entendida em um sentido pejorativo. A aluna que apresentou a brincadeira me relatou, antes de sua exposição para a turma, que não gostaria de cantar esse trecho, embora sem explicar o porquê. Esclareci que ela só deveria apresentar se realmente se sentisse confortável. Conversamos e ficou combinado que ela apresentaria a música para a turma e, posteriormente, durante a roda, discutiríamos/problematizaríamos sobre o tema.

Antes de adentrar nas discussões, realizei algumas leituras necessárias: Diversidade Cultural nas Aulas de Educação Física na Escola Pública (Martins, 2015); Lei nº 10.639 de 2003, que altera o texto da LDB; Lei de Diretrizes e Bases da Educação, incluindo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas; e Lei 11.645 de 2008, que, por sua vez, discute:

§1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (Brasil, 2008, p.1).

Com base no reconhecimento destes direitos educacionais das crianças, ao abordar o tema da utilização pejorativa da palavra em questão, promoveu-se um diálogo aberto com os/as alunos/as sobre intolerância religiosa. A discussão incluiu reflexões sobre respeito às diversas práticas religiosas, buscando desconstruir estereótipos, os quais, apesar da escola pública ser laica e prever o ensino religioso, na grande maioria das vezes são ignorados por professores/as, principalmente por medo de represálias e reclamações por parte de familiares.

Na aula seguinte à apresentação das brincadeiras, combinamos de conversar em sala sobre os questionamentos referentes às letras das músicas. Para tanto, perguntei aos/às alunos/as se tinham o hábito de frequentar alguma religião (essa pergunta que não foi incluída no questionário com os/as responsáveis). A maioria relatou que sim e então pedi que falassem um pouco sobre como eram esses momentos.

Para aprofundarmos nossas discussões, abordamos a parte destacada na música: "Fui ao cemitério fazer uma macumba, quando percebi tinha meleca na minha bunda". De acordo com o registro em diário de bordo (aula 13), iniciei a conversa enfatizando a importância de explorarmos um tema crucial: a diversidade religiosa, com foco nas religiões de matriz africana. Para contextualizar melhor, reavivei a memória da turma sobre o projeto de brincadeiras africanas realizado no início do ano. Recapitulei alguns exemplos, ressaltando a riqueza cultural presente em cada país africano. Destaquei que a África é um continente diversificado, com muitos países, cada um contribuindo com sua própria cultura, seus jeitos de brincar e suas religiões.

Além disso, propus uma reflexão sobre os povos indígenas, recordando nossa conversa anterior sobre a diversidade de povos e explicando a razão pela qual evitamos usar a palavra "índio". Esclareci que essa designação reduz a rica diversidade de diferentes etnias a uma única generalização, como se fossem todos iguais:

[...] o trabalho com diversidade cultural na escola pública é um caminho para o desenvolvimento do conhecimento, do reconhecimento e do respeito e valorização de várias das culturas presentes em nossa sociedade, especialmente aquelas que historicamente vêm sendo discriminadas e desvalorizadas, como é o caso das manifestações africanas e indígenas. É um caminho também que pretende servir de auxílio à Educação Física na busca de sua identidade enquanto intervenção pedagógica, para além da questão esportivista e do referencial europeu de corpo e movimento, com especial potencial de problematizar questões como o racismo, preconceito e discriminação presentes em nossa sociedade. E mais do que isso, uma forma de lutar pela Educação, pela escola pública, pelo Estado e sociedade laicos, pela construção cotidiana de uma democracia no Brasil (Martins, 2015, p. 335).

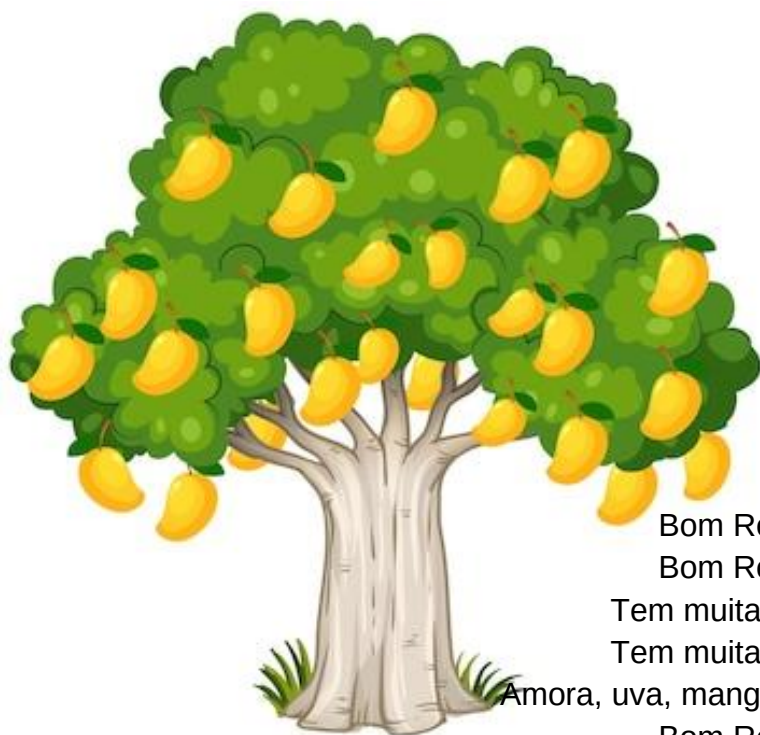
Com isso, a revisão da letra das músicas não apenas constituiu uma resposta direta às inquietações identificadas, mas também fortaleceu nosso compromisso com a compreensão mútua e a promoção do respeito à diversidade religiosa. Optamos por essa alteração com o principal objetivo de evitar a reprodução de práticas preconceituosas.

É crucial ressaltar, mais uma vez, a necessidade de um tempo mais extenso para a abordagem desse tema, considerando a diversidade religiosa presente na turma, a falta de conhecimento generalizado (incluindo o meu próprio) e o significativo preconceito em relação às religiões de matriz africana. Essa consideração é vital, dada a importância intrínseca dessa temática, e destaca a importância de um

aprofundamento gradual e sensível para lidar com as nuances e complexidades envolvidas.

d. Meu *quefazer* pedagógico: Diários do pesquisador

Figura 13 - Brincadeira de mão criada pelos/as alunos/as - Bom retiro



Bom Retiro...
 Bom Retiro...
 Tem muitas frutas...
 Tem muitas frutas...
 Amora, uva, manga, pitaya e caqui!
 Bom Retiro...
 Bom Retiro...
 Tem muitos sítios
 Bonitos!
 Bonitos!
 Bom Retiro...
 Bom Retiro...
 Tem uma escola
 Que se chama
 Maria Aparecida...
 Cida! Cida!
 E nessa escola
 Tem uma sala
 Do 4º Ano A!!!!

Fonte: Adaptado de alunos/as do 4 ano A pelo professor-pesquisador (2024).



Canção Óbvia

Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isto, enquanto te espero, trabalharei os campos e conversarei com os homens. Suarei meu corpo, que o sol queimará meus pés aprenderão os mistérios dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais; meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti. Não te esperarei na pura espera porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer.

(Paulo Freire, 2000, p. 5)

Nesta análise, proponho uma reflexão profunda sobre meu papel como professor de Educação Física nas aulas do projeto de brincadeiras de mãos cantadas, utilizando dos diários de pesquisa como ferramenta analítica. Essa abordagem não apenas ressalta a importância da conexão entre teoria e prática, mas também destaca a necessidade de uma análise profunda dos momentos vivenciados no exercício da docência.

Contudo, para que esse processo reflexivo aconteça, é imperativo se deixar ser afetado pelas experiências vivenciadas. Como apontado por Alves e colaboradores (2011), é necessário se inserir nas tramas do porvir da experiência, mergulhando nas complexidades e nuances que permeiam o encontro pedagógico. Esta jornada introspectiva permitiu melhor compreender minha atuação como professor de Educação Física para além do projeto de brincadeiras. Como ser do "quefazer", reconheço a necessidade de transcender a mera execução de atividades para me engajar em uma prática educativa que seja autêntica, crítica e transformadora. Assim, comprometo-me a não apenas transmitir conhecimentos e habilidades, mas a estimular o pensamento crítico, a consciência social e a participação ativa dos meus/minhas alunos/as na sociedade. Em essência, ser do "quefazer" implica em assumir um papel ativo na construção de uma educação que promova a emancipação e a cidadania, capacitando os/as indivíduos/as a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades e no mundo.

Sobre o conceito de "quefazer", proposto e amplamente utilizado por Paulo Freire, destaco a conceituação nas palavras de Araújo (2012, p. 15):

Quefazer é um conceito que faz parte do universo freireano e, do mesmo modo que boniteza e docência, nasce da busca de o autor ser coerente em expressar-se. Realidade, pensamento e linguagem trazem o quefazer como unidade teoria-prática que se efetivam por seres de reflexão-ação, humanizados, críticos e transformadores.

A palavra quefazer representa a necessidade de uma prática educativa que vá além da simples transmissão de conhecimentos. Essa expressão busca a transformação social e a conscientização no processo educativo, promovendo uma ação que não se limita à mera reprodução de informações, mas tenha como objetivo empoderar, ouvir, e não silenciar as vozes dos/as alunos/as, tornando-os/as sujeitos/as críticos/as e ativos/as na construção do conhecimento e na transformação de suas realidades. Ainda, segundo o próprio Paulo Freire (2021, p.167-168):

Mas, se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, todo fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se.

A prática de pensar a prática, de estudar a prática, nos leva a percepção da percepção anterior ou ao conhecimento do conhecimento anterior, que, de modo geral, envolve um novo conhecimento (Freire, 2022). Quando lançamos uma luz sobre

nossa prática, buscando erros, equívocos, ampliamos horizontes, desnudamos pontos essenciais, pensamos a prática para assim melhorá-la (Freire, 2022).

Durante as aulas, percebi que a verdadeira escuta vai além de estar atento às palavras, mas também compreender as nuances, os contextos e as experiências que cada aluno/a traz consigo, refletindo-as sempre. Ao analisar as gravações, mesmo acreditando ser “o professor que ouve”, percebi que por muitas vezes intervi de maneira precipitada. Essa atitude não apenas comprometia a aula, mas também retirava dos/as alunos/as seus/as lugares de fala. Foi necessário reconhecer que o ato de ouvir vai além do silêncio momentâneo, requer sensibilidade para compreender a pluralidade de vozes presentes naquele momento. Para descrever melhor essa sensação, relato um desses momentos, durante uma das primeiras aulas, ao assistir a filmagem da aula 5:

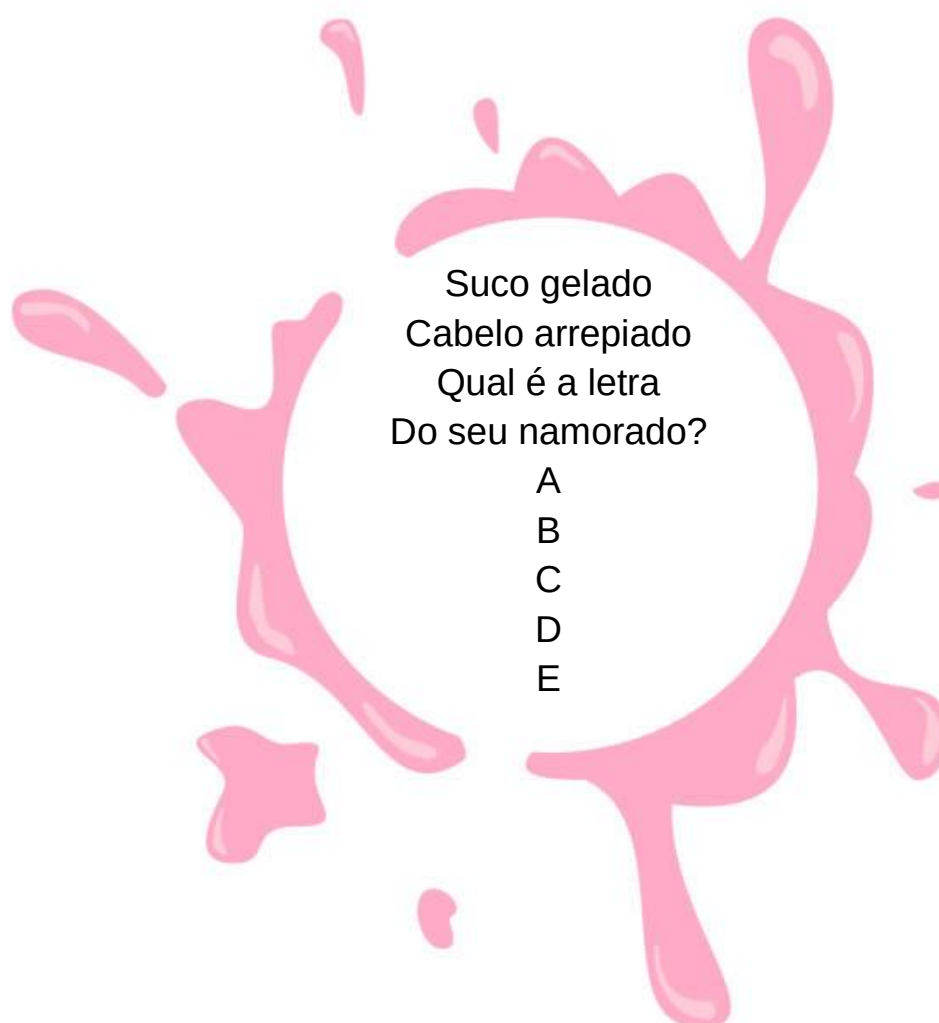
Todos/as estavam sentados em roda. Pergunto se mais alguém gostaria de falar sobre o porquê de existirem muitas variações da mesma brincadeira, com mudanças nas letras e nos movimentos. Alguns/mas alunos/as comentaram sobre. Rapidamente, iniciei outra pergunta. Ao observar o vídeo, bem lá no cantinho, a aluna Lydia gesticula, levanta-se um pouco, a boca chega a abrir querendo expressar algo, mas eu não percebo. Mudo a pergunta e continuo a aula.

Quando o/a professor/a permite que os/as alunos/as sejam protagonistas da aula, participando ativamente do planejamento, da construção e avaliação, a aula toma sempre um caminho inesperado, algo não pensado previamente, mas com sabores inimagináveis. É como quando vamos pintar uma aquarela, e escolhemos uma cor, uma linda cor azul. Imediatamente, projetamos o resultado, visualizando como gostaríamos que ela ficasse; entretanto, o azul tem vida própria, ele mergulha na folha transformando-se em uma bela pintura, algo que não havíamos pensado antes, algo novo. Quando planejamos a aula, também projetamos como ela deveria ser, mas, como em uma aquarela, a aula tem vida própria, toma o seu próprio caminho, com a diferença que todos/as contribuíram com uma pincelada.

Assim, reconheci na mudança de minhas atitudes a importância já validada teoricamente de criar um ambiente em que os/as alunos/as se sintam não apenas ouvidos, mas também acolhidos, valorizados e encorajados a expressar suas opiniões, ideias e experiências, reconhecendo na educação um ato coletivo, em que todos/as/es têm voz e contribuem ativamente para a construção do conhecimento. Essa reflexão constante e a disposição para ajustar as práticas são essenciais para a promoção de um ambiente educacional mais inclusivo, participativo, enriquecedor e dialógico. O conceito de dialogicidade proposto por Paulo Freire (2021) como um elemento essencial no processo de ensino e aprendizagem vai muito além de simplesmente ouvir os/as alunos/as; engloba a construção de um diálogo genuíno, horizontal e participativo, buscando promover uma interação enriquecedora e diversa no ambiente educacional.

8 Inéditos viáveis

Figura 14 - Brincadeira de mão apresentada pelos/as alunos/as - Suco gelado



Fonte: Elaborado pelo autor (2024).



Eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento de rir. De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Dislimina esse, Cabeludinho. Eu não disliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelos elas informam.

(Manoel de Barros, 2018, p. 24)

Antes de conversarmos sobre os possíveis encontros de nossa pesquisa, precisamos definir o que Paulo Freire chamava de inédito viável. Começemos pela conceituação utilizada por Moacir Gadotti (2007, p. 109):

Expressão utilizada por Paulo Freire para designar o devir, o 'ainda não', o futuro a se construir, a futuridade a ser criada, o projeto a realizar. Inédito viável é a possibilidade ainda inédita de ação que não pode ocorrer a não ser que superemos as situações-limites (...), transformando a realidade na qual ela está com a nossa práxis.

Este conceito nos permite vislumbrar não apenas o potencial transformador das situações-limites, mas também a concretização de uma realidade antes inimaginável, convertendo a utopia em uma efetiva possibilidade de ação e construção de um futuro ainda não experimentado. Nesse estudo, as brincadeiras de mãos cantadas são uma expressão viva do potencial transformador do brincar nas aulas de Educação Física. Ao incorporar o conceito de inédito viável de Paulo Freire, podemos observar como essas brincadeiras representam uma manifestação concreta da construção de uma realidade antes desconhecida.

Os/as alunos/as não apenas compartilharam suas experiências individuais, mas também colaboraram na preservação e na divulgação de uma rica diversidade cultural do brincar infantil. Através das brincadeiras de mãos cantadas, não só criaram/recriaram, mas também reinterpretaram e reinventaram esse brincar, tornando-se parte de um presente significativo e ressignificado.

A superação das situações-limite ocorre por meio de atos-limite, que são compreendidos como respostas necessárias que se dirigem à superação e à negação do dado com uma postura decidida frente ao mundo (Freire, 2014). Os inéditos viáveis nascem da superação das situações-limites, sendo que é através da constante práxis que ocorre essa superação: “Concretizar o inédito viável necessita superar essas situações desafiadoras e essa superação só ocorre durante a práxis, em momentos de ação e reflexão” (Freire, 2015, p. 221-222). Ainda:

“Inéditos viáveis” é uma expressão cunhada por Paulo Freire para se referir ao futuro a ser construído desde o presente, na ação-reflexão-ação, na aposta no sonho possível e na utopia que virá, desde que os que fazem a história assim queiram, resistindo diante de “situações-limites”, situações de desesperança, mas que podem ser superadas por meio de ações de libertação, atuando na história desde o contexto, produzindo novas percepções de mundo e novos conhecimentos, transformando, intervindo (Schnorr, 2019, p. 25).

Assim, a dialogicidade se torna o epicentro da práxis, onde ação e reflexão se entrelaçam de forma dinâmica. A superação das situações-limites, diretamente ligada aos inéditos viáveis, não se resume apenas à consciência ou intenções individuais, mas floresce na interseção entre o fazer e o pensar. É na dialética entre ação consciente e reflexão crítica que se abrem os caminhos para transcender as condições concretas, promovendo mudanças efetivas e transformadoras na realidade vivenciada.

Só existe inédito viável em meio a situações-limites e temos como situação-limite dessa pesquisa o risco iminente de perda ou desvalorização das práticas culturais infantis tradicionais, em nosso caso as brincadeiras de mãos cantadas, diante das realidades contemporâneas. Com a crescente influência da tecnologia e a globalização, muitos aspectos das culturas tradicionais enfrentam o perigo de serem esquecidos ou considerados irrelevantes pelas novas gerações. As brincadeiras de mãos cantadas, que representam uma rica herança cultural e são parte essencial da infância, não estão isentas desse risco.

E quais foram os nossos inéditos viáveis? Quais foram nossas futuridades encontradas? Nossas utopias e sonhos que brotaram no desenrolar das aulas?

Nosso primeiro inédito viável foi poder aprender com/os alunos/as, sobre o universo de brincar de mãos, sobre suas experiências individuais e coletivas, reconhecendo o potencial transformador que emana do conhecimento compartilhado. Ao ouvirmos aos alunos/as, permitindo que expressassem suas vivências e contribuíssem ativamente para a construção do conhecimento, estabelecemos uma prática pedagógica colaborativa que transcendeu a mera transmissão de informações. Demos voz a meninos e meninas e enfrentamos práticas colonialistas e hegemônicas:

[...] toda ação de colonização, dominação/opressão, cotidiana e macro política, são ações de negação do diálogo, pois negar o direito a palavra é condição para desumanização, objetificando o outro. Portanto, aliada a outras ações, atuar na (re)educação da capacidade humana de dialogar é condição para rompermos com a reprodução das violências do colonialismo. (Schnorr, 2019, p.28).

Outro inédito viável revelou-se na preservação e ressignificação das brincadeiras de mãos cantadas como parte integrante da diversidade da cultura infantil. Ao conhecer/reconhecer e valorizar essas práticas lúdicas, não apenas as incorporamos ao ambiente educacional, mas também as revitalizamos, adaptando-as às realidades contemporâneas. Isso não apenas preservou a tradição cultural, mas também reinventou e ressignificou, garantindo sua relevância nas experiências das novas gerações.

Ainda, nos momentos de problematização das brincadeiras "Meleca" e "Fui ao Botequim", emergiram inéditos viáveis que transcenderam as fronteiras do brincar. Ao abordarmos a brincadeira "Meleca", a discussão se estendeu para questões mais profundas, como o respeito à diversidade religiosa e a promoção da tolerância. As crianças foram instigadas a refletir sobre as diferenças de crenças e a importância de aceitar e compreender a pluralidade de perspectivas culturais presentes em sua comunidade.

Da mesma forma, ao explorarmos a brincadeira "Fui ao Botequim", os inéditos viáveis emergiram na reflexão sobre o respeito aos animais. Através da prática dialógica, consideramos as questões éticas e responsáveis relacionadas ao tratamento dos seres vivos e à importância de cultivar uma relação de cuidado e respeito para com os animais.

Logo, a construção de um ambiente inclusivo e diversificado, em que as brincadeiras de mãos cantadas se tornaram um meio para explorar e celebrar a pluralidade cultural, representou outro inédito viável. Nesse espaço, as diferenças são não apenas foram aceitas, mas também celebradas, proporcionando a meninos e meninas a oportunidade de aprender sobre a riqueza das diversas culturas presentes em sua comunidade.

Assim, consideramos que houve a criação de uma atmosfera em que a práxis foi protagonista, combinando ação consciente e reflexão crítica. Isso se traduziu em uma abordagem pedagógica que foi além do ensino tradicional, incentivando constantes momentos de reflexão sobre as brincadeiras vivenciadas, estimulando o pensamento crítico e a consciência do próprio processo de aprendizagem. Assim, estivemos diante de futuridades que emergiram do potencial transformador das brincadeiras de mãos cantadas.

Na elaboração da brincadeira "Bom Retiro", o inédito viável se manifestou na habilidade das crianças em criar algo singular e significativo, por meio da expressão lúdica. Ao inventarem versos, ritmos e gestos que integraram a brincadeira, os/as alunos/as evidenciaram uma superação das situações-limites que, de outra forma, poderiam limitar todo o potencial criativo.

A brincadeira "Bom Retiro" surgiu como uma construção coletiva que transcendeu a simples repetição de movimentos. Ela representou uma síntese da experiência das crianças com elementos do seu entorno, como o nome de um lugar, a diversidade de frutas, a beleza dos sítios e a identidade escolar. Nesse sentido, o inédito viável se concretizou na capacidade das crianças de expressarem, por meio da brincadeira, retratando o seu quintal.

A criação dessa brincadeira também destacou a importância da colaboração e da construção conjunta de significados. As crianças, ao se envolverem ativamente na elaboração da brincadeira, engajaram-se em um processo de diálogo, reflexão e criação coletiva. Isso não apenas fortaleceu os laços sociais entre elas, mas também demonstrou como a aprendizagem significativa pode surgir a partir da interação, da troca de ideias e da expressão artística.

9 Considerações finais

Figura 15 - Brincadeira de mão apresentada/transformada pelos/as alunos/as - Popeye



Popeye foi a feira não sabia o que comprar
 Comprou uma cadeira para a Olívia se sentar
 A Olívia se sentou, a cadeira esborrachou
 Coitadinha da Olívia, foi parar no corredor
 Corredor estava sujo, sujo de poeira
 Coitadinha da Olívia foi parar na geladeira
 Geladeira estava suja, suja de mingau
 Coitadinha da Olívia foi parar no hospital
 Hospital estava sujo, sujo
 Sujo de remédio
 Coitadinha da Olívia foi parar no cemitério
 Cemitério estava sujo, sujo
 Sujo de papel
 Coitadinha da Olívia foi parar no céu.

Fonte: Adaptado dos/as alunos/as do 4º ano A, pelo professor-pesquisador (2024).



Nós, como Paulo Freire bem nos lembrou, somos seres inacabados, e é nessa incompletude, nessa limitação humana, que sigo essa pesquisa para além desse texto. Assim, considero o item anterior, “Inéditos viáveis” meus pensamentos finais sobre esse estudo, que tanto contribui, ainda diariamente, para o meu quefazer pedagógico e o exercício de olhar para as crianças, a Educação Física e a escola como lugar do coletivo.

Referências

A INVENÇÃO da infância. Direção de Liliana Sulzbach. Brasil: Liliana Sulzbach, Mônica Schmiedt, 2000. 26 min

ALVES, Flávio Soares; DE CARVALHO, Yara Maria; DIAS, Romualdo. A escrita de si na formação em Educação Física. **Movimento**, p. 239-258, 2011.

ARAÚJO, Monica Lopes Folena. **O quefazer da educação ambiental crítico-humanizadora na formação inicial de professores de biologia na universidade**. 2012. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual? **Educação & Sociedade**, v. 39, p. 1098-1117, 2018.

ARROYO, Miguel G. **Vidas ameaçadas: exigências-respostas éticas da educação e da docência**. Editora Vozes, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Ed. **Jorge Zahar**, 2001.

BARBOSA, Marcos Antônio de Souza; SILVA, Manuela Ramos da; NUNES, Martha Suzana Cabral. **Pesquisa qualitativa no campo Estudos Organizacionais: explorando a Análise Temática**. 2017.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 1059-1083, 2007.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas infantis: contribuições e reflexões. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 43, p. 645-667, 2014. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981416X2014000300645&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 dez. 2022.

BARROS, Manoel de. **Exercícios de ser criança**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2021. 48 p.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro. Alfaguara, 2018. 104 p.

BARROS, Manoel de. **O meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2015. 168 p.

BENTO, Gabriela. Infância e espaços exteriores–perspetivas sociais e educativas na atualidade. **Investigar em educação**, v. 2, n. 4, 2016.

BOSSLE, Fabiano. Atualidade e relevância da educação libertadora de Paulo Freire na Educação Física Escolar em tempos de “Educação S/A”. In: SOUZA, Cláudio Aparecido; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (org.).

Educação física Escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo. CRV, v. 38, p. 17-31, 2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante e a participação da pesquisa. **Pesquisa participante: A partilha do saber**, p. 13-48, 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. **Revista de Educação Popular**, v. 6, n. 1, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Lei 10.639/2003**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 5 de outubro de 2003.

BRASIL. Constituição Federal (1988). **Lei 11.645/2008**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 10 de março de 2008.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Ministério da Educação, 1996

BRITO, Teca Alencar de. De roda em roda: brincando e cantando o Brasil. **São Paulo: Peirópolis**, v. 1, 2013.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

CASTRO, SILMARA ANGELA BUOSI. **O Resgate da Ludicidade-a Importância das brincadeiras, do brinquedo e do jogo no desenvolvimento biopsicossocial das crianças**. Monografia. Pedagogia - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CORSARO, William A. **Métodos etnográficos no estudo da cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças**. Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, p. 83-103, 2009.

CORREIA, Mesaque Silva; MARQUES, Bruna Gabriela; MIRANDA, Maria de Jesus. Educação Física escolar ancorada na gênese ideológica da educação popular: um caminho para conscientização dos esfarrapados e esfarrapadas do mundo. *In*: SOUZA, Cláudio Aparecido; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (org.). **Educação Física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. CRV, v. 38, p. 33-49, 2019.

COTONHOTO, Larissy Alves; ROSSETTI, Claudia Broetto. Prática de jogos eletrônicos Por crianças Pequenas: o que dizem as Pesquisas recentes?. **Revista Psicopedagogia**, v. 33, n. 102, p. 346-357, 2016.

COSTA SPOLAOR, Gabriel *et al.* " Prô, quando vamos brincar?" o recreio na escola de tempo integral. **Revista Ludicamente**, v. 8, n. 15, p. 3, 2019.

EÇA, Antoniclebio Cavalcante; COELHO, Livia Andrade. Planejamento e construção do projeto político pedagógico: algumas considerações. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 2, p. 1-14, 2021.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

FILGUEIRAS, Isabel Porto *et al.* Portfólio reflexivo, práxis pedagógica e culturas infantis nas aulas de Educação Física. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, n. 45, p. 1127-1136, 2022.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos** 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 46. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. 110 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. Editora Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 80. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 256 p.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Partir da infância**: diálogos sobre educação. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor**: Paulo Freire e a paixão de ensinar. 2007.

GARCEZ, Andrea; DUARTE, Rosalia; EISENBERG, Zena. Produção e análise de videogravações em pesquisas qualitativas. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n.2, p. 249-262, 2011.

GOMES, Suzana dos Santos. Brincar em tempos digitais. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 19, n. 113, p. 44-51, 2013.

GONÇALVES, Josiane Peres; MATHIAS, Elizamari Lúcio Umbelino. As tecnologias como agentes de mudança nas concepções de infância: desenvolvimento ou risco para as crianças? **Horizontes**, v. 35, n. 3, p. 162-174, 2017.

HONORATO, Aurélia *et al.* A vídeo-gravação como registro, a devolutiva como procedimento: pensando sobre estratégias metodológicas na pesquisa com crianças. *In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO*, v. 29, 2006.

HORTÉLIO, Lydia. Música Tradicional da Infância. **Reflexão & Ação**, v.22, n.1, p. 273-282, 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/4637/3268>. Acesso em: 20 nov. 2023.

HORTÉLIO, Lydia. É preciso brincar para afirmar a vida. *In: Almanaque de cultura popular/ Papo cabeça*. Out. 2008.

HORTÉLIO, Lydia. Música da cultura infantil, significado e importância. **Caderno Brincar**, v. 1, p. 31-39, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JOHNSON, J. A.; CAPRON, Harriet L. **Introdução à informática**. Pearson, 2004.

KISHIMOTO, Tizuka Morchida. **Jogos tradicionais infantis**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

LIMA, Alessandra Neuberger de; SCHREIBER, Eduarda; GABBI, Ana Carla Streit. SALÁRIO MÍNIMO. **Mostra Interativa da Produção Estudantil em Educação Científica e Tecnológica**, 2018.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999. 340 p.

LARCHER, Lucas. O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas. **Ouvir ou ver**, v. 15, n. 2, p. 100-111, 2019.

LEMOS, Cilésia; FONTE, Sandra Soares Della. Traduções das disputas sobre a questão de gênero na BNCC. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 1, p. 1-22, 2023.

LIMA, Laura Waldomiro; SARTORI, Cássia Maria Tasca Duarte. O novo brincar e os jogos eletrônicos: impactos positivos e negativos. **Cadernos de Psicologia**, v. 2, n. 4, 2021.

MARTINELLI, Telma Adriana Pacifico *et al.* A Educação Física na BNCC: concepções e fundamentos políticos e pedagógicos. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 76-95, 2016.

MARTINS, Bruno Rodolfo. Diversidade Cultural nas Aulas de Educação Física na Escola Pública: o embate com igrejas cristãs quando se trata de estudar culturas africanas e indígenas. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 1, n. 2, p. 324-338, 2015.

MONTEIRO, Lúgia et al. Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, v. 44, n. 1, p. 120-130, 2010.

MORETTI, Cheron Zanini; ADAMS, Telmo. Pesquisa Participativa e Educação Popular: epistemologias do sul. **Educação e realidade**, v. 36, n. 02, p. 447-463, 2011.

MOSCA, Maristela de Oliveira. Como se fora brincadeira de roda: Cantigas de roda e brincadeiras cantadas no Brasil. **Music for and by children**, n. 1, p. 152-160, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural**. Editora Blucher, 2018.

NEIRA, Marcos Garcia. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, p. 215-223, 2018.

NOGUEIRA, V. A. Educação Física escolar e Paulo Freire: textos e contextos de uma aproximação necessária. *In*: SOUZA, Cláudio Aparecido; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (org.). **Educação Física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. CRV, v. 38, p. 153-170, 2019.

PAIVA, Natália Moraes Nolêto de; COSTA, J. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça. **Psicologia. pt**, v. 1, p. 1-13, 2015.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**, v. 1, 2009.

PESSOA, Fernando. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. Lisboa: Presença/Casa Fernando Pessoa, 1994.

PINTO, Paula Sanders Pereira; BICHARA, Ilka Dias. O que dizem crianças sobre os espaços públicos onde brincam. **Interação em Psicologia**, v. 21, n. 1, 2017.

PONTES, Fernando Augusto Ramos; MAGALHÃES, Celina Maria Colino. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, p. 117-124, 2003.

PRODÓCIMO, E.; SPOLAOR, G. C.; SO, M. R. O pensamento de Paulo Freire e ações pedagógicas no cotidiano da Educação Física escolar no Brasil: apropriações reflexivas. *In*: SOUZA, Cláudio Aparecido; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (org.). **Educação Física escolar e Paulo Freire: ações e reflexões em tempos de chumbo**. CRV, v. 38, p. 67-84, 2019.

ROCHA, Mariana (Ed.). **Poemas que escolhi para as crianças: antologia**. Salamandra, 2013.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

RIBEIRO, DTM. Benefícios e malefícios das novas tecnologias. **Psicopedagogia Online, São Paulo**, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. Annablume, 1998.

SANTOS, Ana Karina; BICHARA, Ilka Dias. **Brincadeiras e contextos**: Alguns pressupostos para o estudo desta relação. Temas pertinentes à construção da Psicologia Contemporânea, p. 277-297, 2005.

SANTOS, José Douglas Alves dos. Uma tarde com Lydia Hortélio: “olhar menino” para “aprender menino”. **Revista Polyphonía**, v. 32, n. 2, p. 271-285, 2021.

SCHNORR, Giselle Moura. Inéditos viáveis: dialogicidade, interculturalidade e libertação. **Revista do NESEF**, v. 8, n. 1, 2019.

SILVA, Lucilene. Mediação, intercâmbio cultural, domínio cultural e interculturalismo na música tradicional da infância brasileira. *In*: ANABET, 9; ENCONTRO DE EDUCAÇÃO MUSICAL DA UNICAMP – EEMU, 12. **Musicar local: aprendizagens e práticas**. Campinas – SP, p. 683-691, 2019

SILVA, Alberto Nidio Barbosa de Araújo. **Jogos, brinquedos e brincadeiras**: trajectos intergeracionais. 2011.

SILVA, Maria Ozanira da. Reconstruindo um processo participativo na produção do conhecimento: uma concepção e uma prática. **Pesquisa participante: A partilha do saber**, p. 121-149, 2021.

SILVA, Marta Regina Paulo da. Por uma educação infantil emancipatória: a vez e a voz das crianças e de suas professoras. **Cadernos de Educação**, n. 58, 2017.

SILVA, Marta Regina Paulo da. Paulo Freire e as crianças: um convite à infância. **Revista Inter-Ação**, v. 46, n. ed. especial, p. 1009-1019, 2021.

SOUSA, Cláudio Aparecido. Educação Física escolar e justiça social: um diálogo com Paulo Freire e Frantz Fanon. *In*: SOUZA, Cláudio Aparecido; NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira (org.). **Educação Física escolar e Paulo Freire**: ações e reflexões em tempos de chumbo. CRV, v. 38, p. 137-151, 2019.

SOUSA, Cláudio Aparecido; COSTA, Thiago Batista; EHRENBURG, Mônica Caldas. Educação Física decolonial: análise, desafios e perspectivas em Paulo Freire e Frantz Fanon. **Educação**, p.112-127, 2021.

STRECK, D. R. Educação e transformação social hoje: alguns desafios político-pedagógicos. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 13, n. 13, p. 89-100, 2009.

VELLOSO, Livia Roberta da Silva et al. Pesquisa participante na Educação Física Escolar: o estado da arte. **Movimento**, v. 28, 2022.

Anexo – Parecer de aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa

UNESP - INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS DE RIO CLARO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA	
---	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: BRINCADEIRAS DE MÃOS CANTADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ACOLHENDO E DIVULGANDO AS CULTURAS INFANTIS NA ESCOLA

Pesquisador: TIAGO FERRAZ THOME

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 68073123.7.0000.5465

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.116.781

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa de mestrado que tem por objetivo conhecer as brincadeiras de mãos que fazem parte da pluralidade dos jeitos de se brincar dos/as alunos/as da E.M.E.I.E.F. Professora Maria Aparecida Fernandes Leite, bem como, de forma específica, analisar as diferenças das letras e das formas de brincar a depender do local de origem das crianças e produzir um material didático com as brincadeiras de mãos cantadas para ser compartilhado com as demais turmas da escola e professores/as interessados/as na temática.

Objetivo da Pesquisa:

O Objetivo Geral é Investigar como as brincadeiras de mãos cantadas constituem-se elementos disparadores e acolhedores das culturas infantis nas aulas de Educação Física escolar. Os Objetivos Específicos são: Conhecer as brincadeiras de mãos que fazem parte da pluralidade dos jeitos de se brincar das crianças nas aulas de Educação Física escolar da E.M.E.I.E.F. Maria Aparecida Fernandes Leite Analisar as diferenças das letras e das formas de brincar a depender do local de origem das famílias das crianças, ressaltando as influências das culturas locais. Produzir um material didático com as brincadeiras de mãos cantadas para ser compartilhado com as demais turmas da escola e professores/as interessados/as na temática

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e formas de minimizá-los são apresentados de forma semelhante no projeto, TALE e TCLE

Endereço: Av.24-A n.º 1515 -sala anexa à Seção Técnica Acadêmica - prédio da Administração do Instituto de		
Bairro: Bela Vista		CEP: 13.506-900
UF: SP	Município: RIO CLARO	
Telefone: (19)3526-9678	Fax: (19)3534-0009	E-mail: cepib.ro@unesp.br

Apêndices

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.

(Manoel de Barros, 2018, p. 31)

Apêndice A – Carta de anuência institucional



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PORTO FELIZ
ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Educação, Cultura, Esportes e Turismo

Emef "Profª Maria Aparecida Fernandes Leite"

CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Aceito que **Tiago Ferraz Thomé**, mestrando regularmente matriculado no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional em Educação Física – PROEF, núcleo da UNESP, Campus Rio Claro/SP, sob orientação da professora Dra. **Daniela Bento-Soares**, desenvolva a pesquisa intitulada: **"Brincadeiras de mãos cantadas nas aulas de Educação Física: acolhendo e divulgando as culturas infantis na escola"**, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob coordenação da docente supracitada. Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão utilizados nessa pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para o seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que se segue:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução CNS nº 466/2012.
- 2) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa.
- 3) Que não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação nessa pesquisa.
- 4) No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar a minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem autorização alguma.

O referido projeto ocorrerá nas dependências do CEMPRE Oswaldo Regino Omellas e somente poderá iniciar a partir da aprovação do Comitê de ética em Pesquisa da Instituição universitária na qual esta pesquisa está alocada UNESP/IB-RC.

Porto Feliz, 02 de fevereiro de 2023.

Prefeitura do Município de Porto Feliz

José Roberto Batista da Silva
Diretor de Escola
RG: 15.527.739-6

José Roberto Batista da Silva

Diretor de Escola

RG: 15.527.739-6

E.M.E.I.F "Profª Maria Aparecida Fernandes Leite"

Estrada Porto Feliz a Sorocaba, s/n – Bairro Bom Retiro – 18540-000 – Fone: 15 3262-9139

Email: emef.aparecida@portofeliz.sp.gov.br – Porto Feliz - SP

Apêndice B - Roteiro para entrevista com responsável pelo/a aluno/a e seu histórico de brincar

Pesquisa: “Brincadeiras de mãos cantadas nas aulas de Educação Física: acolhendo e divulgando as culturas infantis na escola”

Nome do pesquisador: Tiago Ferraz Thomé

Nome da orientadora: Profa. Dra. Daniela Bento-Soares

Instituição: Unesp – Rio Claro

Data da entrevista: ____/____/____

O objetivo da referida pesquisa é investigar como as brincadeiras de mãos cantadas constituem elementos disparadores e acolhedores das culturas infantis nas aulas de Educação Física escolar. **Como ponto de partida, temos essa entrevista que busca conhecer e compreender o histórico de brincar da sua criança, a fim de que possamos melhorar nossas aulas de Educação Física.** Para tanto, serão explorados aspectos como: brincadeiras preferidas, experiências anteriores, como e com quem ele/a costuma brincar, comparando o seu brincar de ontem e de hoje.

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é o seu grau de parentesco com o/a aluno/a?
3. Além de você, quem mais é responsável pelo/a aluno/a?
4. Qual é o nome completo do/a aluno/a?
5. Qual é a idade atual do/a aluno/a?
6. Qual é o gênero do/a aluno/a?
7. Há quanto tempo o/a aluno/a mora no local atual?
8. O/A aluno/a mora em chácara ou sítio? A Propriedade é própria ou como prestador/a de serviços?
9. Como é essa casa? Tem espaço para ele/ela brincar?
10. O/a aluno/a já morou em outras localidades? Quais e em que períodos?
11. O/a aluno/a já frequentou outra escola anteriormente? Se sim, especifique em quais períodos e localidades.
12. Quais atividades ele/a faz quando não está na escola?
13. Ele/a tem algum brinquedo ou brincadeira preferida? Se sim, quais?

14. Ele/a tem contato com outras crianças? Quem são essas crianças? (família, amigos/as do bairro) Qual é a idade delas?
15. Ele/a tem acesso a aparelhos eletrônicos? Como videogame, celular, computador, televisão? Quantas horas, em média, por dia, ele/a os utiliza?
16. Você percebe alguma mudança/diferença como ele/ela brinca atualmente e no passado?
17. Você ou alguém da família costuma brincar com ele/ela? Como são esses momentos?

Apêndice C – Transcrição das respostas das entrevistas realizadas com os/as responsáveis

Quadro 9 – Respostas das entrevistas referentes ao histórico de morada/brincar das crianças com os/as responsáveis

Alunos/as	Responsável	Idade	Tempo que mora no local atual	Própria, prestador de serviços e/ou alugada	Tem espaço para brincar?
Nelson	Pai, mãe e irmã	10	10 anos	Chácara própria	Sim
Betinho	Mãe, tio e tia	9	15 anos em Porto Feliz, entretanto 3 meses no local atual	Alugada	Sim
Carolina	Pai e mãe	10	3 anos	Chácara, prestadores de serviços	Sim
Júlio	Pai e mãe	9	7 anos	Sítio, como prestador de serviços	Sim
Maria	Mãe, pai e avó	9	5 anos	Chácara própria	Sim
Chico	Mãe e pai	9	Desde que nasceu	Sítio próprio	Sim
Frantz	Mãe	9	1 ano	Sítio alugado	Sim
Dandara	Mãe, avô e avó	9	5 anos	Chácara própria	Sim
Lydia	Mãe, pai e avó	9	Dos 6 meses até os dias atuais	Sítio próprio	Sim
Evaristo	Mãe e pai	9	12 anos	Sítio, como prestador de serviços	Sim
Moacir	Mãe e pai	10	8 anos	Chácara prestadores de serviços	Sim
Carlos	Mãe e pai	9	3 anos	Chácara própria	Sim
Djamila	Mãe e padrasto	10	3 anos	Sítio alugado	Sim
Paulo	Mãe, irmão e pai	9	Desde que nasceu	Sítio próprio	Sim
Antônio	Pai	10	5 anos	Chácara, como prestador de serviços	Sim
Angela	Avó, avô e mãe	9	1 ano e 3 meses (morava em outro sítio no mesmo bairro)	Mora em uma granja, prestadora de serviços	Sim
Zilda	Pai e mãe	10	7 meses	Sítio, como prestador de serviços	Sim
Marielle	Pai e mãe	9	3 meses	Sítio alugado	Sim
Luiz	Mãe padrasto	10	3 meses	Chácara própria	Sim

Legenda: Os nomes das crianças foram adaptados para manter o sigilo da pesquisa.

Tabela – Entrevista com os/as responsáveis.

Quadro 10 – Respostas das entrevistas referentes ao histórico de morada/brincar das crianças com os/as responsáveis (continuação)

Alunos/as	Já morou em outras localidades/escolas? Quais e em quais períodos?	Do que ele/a costuma brincar?	Brincadeira preferida	O que mais ele/a faz quando não está brincando?
Nelson	Ele não	Futebol, esconde-esconde e bicicleta	Futebol	Ajuda a organizar o quarto
Betinho	Durante a pandemia ele morou 2 anos no Piauí com o pai, não frequentou a escola (lições em casa)	Brinca de bola, de correr, quando tem amigo ele brinca de bicicleta	bola	Fica no celular e assistindo televisão
Carolina	Morou em Cesário Lange por 3 meses, o restante em Porto Feliz mesmo em outra chácara	Piscina, parquinho, boneca, videogame, com os animais, fazer pulseira, bicicleta	Não tem	Mexendo no celular
Júlio	Em outro sítio no mesmo bairro	Brinca na areia, bicicleta, desenho	Andar de bicicleta	Mexendo no celular
Maria	Antes morou em Santo André, frequentou a creche	Esconde-esconde, pega-pega, piscina	Desenho e faz de conta	Mexe no celular e ajuda nas tarefas de casa
Chico	Não!	Brincadeiras simulando o trabalho no sítio (trator, bois, plantio, etc).	Não tem	Ajuda o pai no trabalho
Frantz	Morou em outro sítio no mesmo bairro	Quando não está com o celular brinca de carrinho e dinossauro, antes tinha uma amiga que morava em frente, mas ela foi embora. Assisti televisão	Brincar com os dinossauros	Ajuda nas tarefas de casa
Dandara	Morou em outro sítio no mesmo bairro	Pinturas, na piscina ou com o celular	Brincadeiras de recorte	Fica no celular e assistindo televisão
Lydia	Morou os 6 primeiros meses de vida	Com os animais, boneca, amarelinha, passa anel	Boneca	Ajuda nas tarefas de casa, assisti televisão e mexe no celular
Evaristo	Ele não	Bola, bicicleta e de carrinho	Carrinho	Celular, anda de trator com o pai, anda de cavalo
Moacir	Antes moraram na cidade Araçoiaba	Brinca de bola, de bicicleta, com os animais	Pescar	Ele fica no celular e de vez em quando assisti televisão

Carlos	Sempre moraram aqui no bairro, em outros sítios/chácaras	Anda de bicicleta, solta pipa, pega-pega, entre outras	Jogar bexiga d'água	Assistir tv, mas bem pouco
Djamila	Morou do nascimento, até os 4 anos em Pernambuco, depois em São Paulo	Pega-pega, futebol, corda, brincar na areia	Não, ela brinca de tudo	Assistir na tv e no celular
Paulo	Não!	Fazendinha, trator, brincadeiras com o trabalho rural, pega-pega, casinha na árvore	Pega-pega	Ajuda em casa, ajuda no sítio, assistir desenho
Antônio	Antes moravam no estado da Bahia	Brincam de bola de pegar (Pai disse que brincar não é coisa de homem)	bola	Ajuda na casa, fazer comida, lavar, limpar...
Angela	Morou em Pernambuco com a mãe e pai por 6 anos (0 a 6 anos)	Casinha, boneca, cantigas de roda	Não tem	Fica assistindo no celular da vó
Zilda	Morou em Porto Feliz mesmo, mas em outro bairro rural	corda e boneca	Não tem	Mexer no celular e brincar com o cachorro
Marielle	Elias Fausto, durante toda a vida dela	Brinca com barro e de casinha	brincar de bambolê	Gosta muito de assistir no tik-tok
Luiz	Barueri desde que nasceu	Piscina, balanço, esconde-esconde, desenhar, subir em árvores	Não tem	Assistir tv e utilizar no celular

Legenda: Os nomes das crianças foram adaptados para manter o sigilo da pesquisa.

Tabela – Entrevista com os/as responsáveis.

Quadro 11 – Respostas das entrevistas referentes ao histórico de morada/brincar das crianças com os/as responsáveis (continuação)

Alunos/as	Tempo entre celular, videogame, computador e televisão	Ele tem contato com outras crianças? Quem são?	Você percebe alguma diferença no brincar?	Você ou alguém da família costuma brincar com ele(a), como são esses momentos?
Nelson	1 hora durante a noite	Sobrinhos(as) e amigos(as)	Sim, mas acredita que o Nelson ainda brinca com as brincadeiras que ela tinha quando criança	Os irmãos mais velhos brincam com ele de futebol e esconde-esconde
Betinho	Pouco tempo na televisão, mais tempo no celular	Às vezes tem um amigo	Sim, percebo	Bricam de bola e de pega-pega
Carolina	No celular e tv no período da manhã e quando chega da escola até umas 20 horas	Irmão de 6 anos, irmã de 17, primos(as) e filhos(as) de amigos(as)	Sim, hoje tem muito tik-tok, dança...	Sim, o marido brinca mais, pois ela trabalha fora. Com a mãe fazer maquiagem, cabelo, com o pai pega-pega, esconde-esconde e o gato mia
Júlio	umas 6 horas por dia	De vez em quando ela brinca com um vizinho, mas é meio longe e tem duas meninas que de vez em quando ele brinca.	Mudou muita coisa, antes tinha queimada, taco, bandeirinha...	É bem difícil, algumas vezes eu o levo pescar
Maria	Às vezes quando chega da escola, por pouco tempo	Sim, aos finais de semana, primos(as), e amigos(as)	Sim, hoje as crianças precisam de brinquedos, outras coisas para poder brincar, antigamente não precisava de nada	Sim, pelo fato de ter menos crianças eu e pai dela brincamos bastante com ela
Chico	Assisti raramente televisão	Apenas com a irmã	Quanto ao Chico não, pois ele não fica no celular	A irmã brinca, já eu não tenho paciência e o pai trabalha muito
Frantz	Muito tempo	Durante a semana não. Às vezes nos finais de semana	Muita diferença, por causa da era digital, celular, computador...	Hoje brinco menos, devido a correria, mas quando dá soltamos pipa, fazemos algo diferente
Dandara	3-4 horas	Primos(as), amigos(as) e irmãozinho	Muita diferença, conversei com ela esses dias sobre algumas brincadeiras, e ela nunca tinha ouvido falar	Sim, brincamos de charadas diariamente, também jogamos uno e outros jogos de tabuleiro

Lydia	Ela mexe no celular, mas não por muito tempo	Não tinha até pouco tempo, agora tem uma prima de 1 ano	Sim! Muita diferença, antigamente tinham outras brincadeiras como amarelinha...	Sim, os dois, eles amam brincar de esconde algo entre as mãos, passa anel, cinco Marias. Quando ela fica com a avó brincam bastante
Evaristo	Bem pouco tempo	Vizinhos e com o irmão de 4 anos	Sim! As nossas brincadeiras eram de rua e hoje é bem diferente	Sim, brincamos sempre, quando dá, com ele com o irmão dele.
Moacir	Algumas horas, dependendo do dia	Tem amigos(as) e primos(as)	Antigamente as brincadeiras eram feitas fora de casa, não tinha celular, tv era muito pouco	Brincam de dominó, jogo de varetas, bingo...
Carlos	Não utiliza	Primos(as), de vez em quando, mas todos os dias com os(as) amigos(as)	Percebo muita diferença	É muito difícil para gente, mas quando dá a gente se diverte com toda a família
Djamila	Utiliza um pouco, quando chega da escola de tarde	Sim, com amigos(as) da vizinhança e irmãos	Algumas coisas são diferentes	Não!
Paulo	Muito pouco	Tem alguns amigos(as) e primos(as) que de vez em quando vão brincar com ele, principalmente na casinha da árvore	O celular que antes não existia, mas o Paulo brinca de tudo que a gente brincava	Todos brincam com ele
Antônio	Muito pouco	Ele com o irmão, às vezes vem sobrinho(a) que mora na cidade vizinha	Mudou bastante né...	Menino não brincar. Às vezes, eu chuto uma bola com ele
Angela	1 hora por dia - ela gosta mais de brincar do que ficar mexendo no celular	sobrinho, irmã mais nova e muitas crianças da vizinhança	As crianças de hoje em dia nem brincam mais, ficam muito tempo no celular	Às vezes, a mãe brinca com ela na folga, porque trabalha de domingo a domingo
Zilda	Ela fica pouco tempo, que é controlado pelos pais	Com os irmãos durante a semana e nos finais de semana com outras crianças (às vezes)	Sim, antes não tinha o celular né	A mãe que brinca com as crianças, geralmente de corda
Marielle	Quando deixamos, uma hora no máximo	Com primos(as) e amigos(as) da escola	Algumas brincadeiras mudaram, mas por causa da tecnologia as brincadeiras se perderam	Tenho 3 filhos, às vezes consigo brincar com ela

Luiz	De 2 a 3 hrs por dia	irmão mais novo, filhos do esposo.	Sim! Antigamente brincávamos literalmente, hoje em dia temos o celular	Irmão mais novo, filhos do esposo e esposo, brincam de tudo um pouco
------	----------------------	------------------------------------	--	--

Legenda: Os nomes das crianças foram adaptados para manter o sigilo da pesquisa.

Tabela – Entrevista com os/as responsáveis

Apêndice D – Diário de bordo

Tempo

Eu não amava que botassem data na minha existência. A gente usava mais era encher o tempo. Nossa data maior era o quando. O quando mandava em nós. A gente era o que quisesse ser só usando esse advérbio. Assim, por exemplo: tem hora que eu sou quando uma árvore e podia apreciar melhor os passarinhos. Ou: tem hora que eu sou quando uma pedra. E sendo uma pedra eu posso conviver com os lagartos e os musgos. Assim: tem hora eu sou quando um rio. E as garças me beijam e me abençoam. Essa era uma teoria que a gente inventava nas tardes. Hoje eu estou quando infante. Eu resolvi voltar quando infante por um gosto de voltar. Como quem aprecia de ir às origens de uma coisa ou de um ser. Então agora eu estou quando infante. Agora nossos irmãos, nosso pai, nossa mãe e todos moramos no rancho de palha perto de uma aguada. O rancho não tinha frente nem fundo. O mato chegava perto, quase roçava nas palhas. A mãe cozinhava, lavava e costurava para nós. O pai passava o seu dia passando arame nos postes de cerca. A gente brincava no terreiro de cangar sapo, capar gafanhoto e fazer morrinhos de areia. Às vezes aparecia na beira do mato com a sua língua fininha um lagarto. E ali ficava nos cubando. Por barulho de nossa fala o lagarto sumia no mato, folhava. A mãe jogava lenha nos quatis e nos bugios que queriam roubar nossa comida. Nesse tempo a gente era quando crianças. Quem é quando criança a natureza nos mistura com as suas árvores, com as suas águas, com o olho azul do céu. Por tudo isso que eu não gostasse de botar data na existência. Porque o tempo não anda pra trás. Ele só andasse pra trás botando a palavra quando suporte.

(Manoel de Barros, 2018, p.49-50)

Diário de Bordo 1 – Início do Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas

Data: 22/08/2023

Local: Sala de aula e quadra da escola

Hoje marcamos o início do nosso projeto de brincadeiras de mãos cantadas. Reunimo-nos na sala de aula, percebi que eles/as estavam bem ansiosos. Antes de mergulharmos nas brincadeiras, fizemos juntos/as a leitura do Termo de Assentimento, garantindo que todos/as compreendessem a pesquisa e ficassem mais confortáveis.

Fomos para a quadra, organizei a câmara com os/as alunos/as sentados/as em meia roda. Conversamos sobre os objetivos do projeto e discutimos a importância de aprender sobre os conhecimentos pertencentes a cultura do brincar. Ressaltei que esse conhecimento pertence a eles/as e que juntos/as iríamos construir cada etapa das aulas.

Desde o começo, pude perceber uma mistura de ansiedade e desconforto entre todos/as nós. A presença da câmara parecia ter um impacto maior do que eu havia previsto.

Com o grupo de alunos/as dispostos em meia roda, nossa aula começou. Esta configuração não apenas permitiria apresentações e discussões mais claras, mas também ofereceria um ângulo mais adequado para a gravação. Para dar início, fiz a seguinte pergunta: "Vocês sabem o que são as brincadeiras de mãos cantadas?". As respostas foram variadas e demonstraram uma mistura de conhecimento prévio.

Expliquei que as brincadeiras de mãos cantadas são aquelas em que batemos as mãos, muitas vezes em duplas, acompanhadas por uma melodia ritmada. Para tornar isso mais claro, dei o exemplo da brincadeira "Babalu". Pensando em melhor exemplificar, perguntei quem gostaria de iniciar as apresentações e as alunas Lydia, Dandara e Djamila pediram para começar.

Elas apresentaram a brincadeira "Popeye". Após a apresentação, perguntei quem já conhecia essa brincadeira. A maioria da turma comentou que sim e pedi para que formassem duplas para então vivenciarmos. Conversamos sobre os diferentes jeitos de se brincar. Os/as alunos/as relataram que além das duplas, dá para brincar em trios e até grupos. Perguntei quem conhecia um "Popeye" com alguma variação, mudança na letra. A aluna Djamila disse que conhecia uma em que o final era diferente da música que elas haviam apresentado e pedi para que ela e mais uma amiga mostrassem para a turma.

Após mais essa apresentação, conversamos sobre o que eles/as sentiram ao brincar de "Popeye". Todos/as os/as alunos/as relataram que acharam legal, que gostaram muito. O aluno Betinho disse que é difícil porque é rápido demais.

Perguntei: quem pode brincar de mãos? Todos/as! Responderam. Insisti na pergunta, indagando se essa brincadeira é exclusiva de meninas ou de meninos. Eles/as foram unânimes em afirmar que todos/as podem brincar de mãos. Direcionei a pergunta na expectativa de que questões relacionadas a gênero surgissem,

permitindo que problematizássemos desde o início do projeto. No entanto, isso não aconteceu.

Utilizamos o finalzinho da aula para planejarmos as novas ações. O aluno Júlio perguntou se poderia apresentar na próxima aula a brincadeira do “Pikachu”; entretanto, algumas meninas falaram que brincamos muito pouco de “Popeye” e que necessitávamos mais um tempinho. Após algumas discussões, ficou combinado que na próxima aula brincaríamos das duas versões de “Popeye”, que as alunas iriam anotar no diário as letras das duas versões da brincadeira, e que caso sobrasse algum tempinho, o aluno Júlio e quem mais quisesse poderiam apresentar a brincadeira “Pikachu”. Combinamos também que especificamente na 2ª aula não vamos utilizar da câmera.

Diário de Bordo 2 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de "Popeye"

Data: 25/08/2023

Local: Bosque

Ao chegar na sala de aula para buscar a turma, em conversa com a professora da sala, fiquei feliz em saber que todos/as passaram os últimos dias brincando de mãos o tempo todo. A professora disse que até no momento de ir para o ônibus para voltarem para casa, tinha alunos/as brincando.

As aulas de Educação Física das sextas-feiras do 4º ano A acontecem simultaneamente com outra turma. Por isso, ao invés de usar a quadra, as aulas foram realizadas no bosque da escola.

Conforme havíamos combinado, o objetivo para essa aula era se divertir e aprender sobre as duas versões da brincadeira "Popeye". No início, notei que os meninos estavam com muita dificuldade em coordenar os movimentos das mãos, coisa que as meninas tiravam de letra. Além disso, eles não queriam brincar com elas, somente entre eles. Com o passar da aula, eles perceberam que era necessário brincar com as meninas para que eles pudessem aprender os movimentos. Logo, todos/as estavam brincando juntos/as.

A ausência da câmera proporcionou um ambiente mais descontraído, dissipando a tensão e o nervosismo que haviam marcado a primeira aula.

Durante a roda de conversa, o aluno Paulo mencionou que inicialmente achou difícil, mas que logo aprendeu e já estava ensinando aos/as outros/as.

A aluna Zilda disse que os meninos enfrentaram dificuldades iniciais, mas que rapidinho estavam brincando. Evaristo acrescentou que a velocidade das brincadeiras, às vezes, tornava tudo mais desafiador, mas que ele conseguiu aprender, exceto pela letra que ainda não sabia completamente.

No final da aula, os alunos Júlio e Evaristo apresentaram a brincadeira do "Pikachu". Combinamos que na próxima aula exploraríamos essa brincadeira em mais detalhes, proporcionando um espaço para que todos/as pudessem brincar e compartilhar suas experiências e pensamentos.

Deixamos certo também que pelo menos em, ao menos uma das aulas semanais, iremos utilizar da câmera.

Diário de Bordo 3 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de “Pikachu”

Data: 29/08/2023

Local: Bosque

No início da terceira aula, algumas alunas sugeriram a possibilidade de realizarmos todas as aulas do projeto de brincadeiras no bosque. Segundo elas, o ambiente era mais agradável. Em suas palavras: “Lá é mais legal, professor”. Após uma discussão em grupo, chegamos a um consenso de que de fato as brincadeiras foram mais prazerosas no bosque.

Os alunos Evaristo e Moacir iniciaram a aula apresentando novamente a brincadeira do “Pikachu”. Logo após, pedi para que formassem duplas e brincassem entre eles/as.

Durante as brincadeiras, enquanto parte do processo de aprendizagem, participei ativamente brincando com eles/as. Percebi que alguns meninos estavam com dificuldade de formar duplas diferentes e sugeri que procurassem brincar com todos/as.

Durante a roda de conversa, percebi que a brincadeira em questão é de conhecimento de todos/as, eles/as relataram ter aprendido com amigos/as na escola ou com familiares.

Infelizmente a aula precisou ser interrompida por um problema externo que ocorreu na escola. Mesmo assim, pudemos encontrar grandes riquezas.

Ao analisar cuidadosamente as filmagens da aula, notei que os/as alunos/as estavam envolvidos/as em um brincar de forma despreocupada. A aluna Angela, entre um Pikachu e outro, subia e descia da árvore, destacando não apenas a leveza e a espontaneidade desse brincar, mas também ressaltando a importância de valorizá-lo enquanto expressão genuína de criatividade e prazer, sem imposições ou obrigatoriedades.

Como a aula precisou ser interrompida, deixamos o planejamento para a próxima aula. Apenas ficou estabelecido que os/as alunos/as na próxima aula apresentariam a brincadeira “Babalú” e suas variações, conforme pedido deles/as.

Diário de Bordo 4 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de “Babalu”

Data: 01/09/2023

Local: Bosque

De início, nos reunimos em roda para juntos/as planejarmos as ações da aula. A aula Dandara tinha ficado responsável por apresentar uma versão da brincadeira “Babalu”. Entretanto, ela não pode estar presente nessa aula e deixamos certo de que ela apresentaria na próxima aula. Decidimos então que as alunas Lydia e Djamila iriam apresentar a versão dessa brincadeira que elas conheciam. Após esse momento de planejamento, iniciamos a apresentação da brincadeira. Antes de todos/as brincarem, perguntei se era possível bater as mãos de um jeito diferente com essa mesma letra e ritmo. O aluno Paulo disse que achava que sim, mas não soube exemplificar. Seguimos com todos/as vivenciando o “Babalu”. Propus que eles/as brincassem em velocidades diferentes. A maioria da turma não conhecia o “Babalu”, mas em poucos minutos os/as alunos/as estavam se desafiando em velocidades diferentes.

Nessa aula, alunos/as que no início do projeto estavam se sentindo incomodados pela presença da câmera mudaram totalmente de postura e, pelo contrário, interagiam como se fossem “blogueiros” apresentando as brincadeiras. Percebendo isso, perguntei se eles/as gostariam de assistir as filmagens das aulas, no final do projeto, e foram unânimes em dizer que sim.

Durante a roda de conversa, meninos e meninas relataram terem gostado muito de brincar de “Babalu”. Enquanto um aluno falava sobre a brincadeira, outros começaram a brincar novamente, optei por permitir que brincassem por mais alguns minutos, reconhecendo a importância do brincar para eles/as.

Retornando à roda, questionei se tinham alguma ideia sobre a origem do nome dessa brincadeira. Antônio, um dos alunos, sugeriu que a denominação possivelmente derivava do chiclete; os/as demais concordaram com a resposta dele. Em seguida, exploramos a forma como podemos valorizar e perpetuar esse conhecimento, além de discutir a quem pertence esse saber. Alguns/as falaram que são das crianças, enquanto outros/as acreditavam que era compartilhado por todos/as, tanto crianças quanto adultos/as. Contudo, embora os/as adultos/as não participem ativamente da brincadeira, ainda assim possuem parte importante na transmissão e valorização desse conhecimento, assim como a escola e as aulas de Educação Física.

O aluno Paulo disse estar pesquisando com os/as familiares e que já aprendeu uma brincadeira chamada “Trem Maluco”. Combinamos que ele logo a apresentaria para turma.

Pensando nisso, sugeri um desafio para eles/as: Brincar/Ensinar a brincar algum/a menino/a no recreio e um/a adulto/a quando chegar em casa. O desafio foi aceito, agora resta saber como se desenrolou na próxima aula.

Diário de Bordo 5 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de "Babalu"

Data: 05/09/2023

Local: Bosque

Nesta aula, estava planejado que a aluna Dandara (que precisou faltar na aula anterior) faria a apresentação da brincadeira "Babalu", juntamente com a aluna Zilda. Curiosamente, a versão que elas apresentaram foi a mesma que já haviam mostrado em aulas anteriores, embora Dandara tivesse mencionado anteriormente que conhecia uma versão diferente. Resolvi tranquilizá-las, assegurando que não havia problema algum e que poderiam seguir em frente com a apresentação.

Em seguida, perguntei aos/as alunos/as se conheciam alguma outra variação da brincadeira "Babalu", mas todos/as relataram que não tinham conhecimento de outras versões.

Conversamos sobre o desafio da aula anterior (brincar com um/a amigo/a no recreio e com um/a adulto/a em casa). Eles/as compartilharam que durante o recreio a experiência não foi muito bem-sucedida, já que a maioria não teve a oportunidade de brincar com ninguém; alguns simplesmente acabaram esquecendo, enquanto outros/as não conseguiram devido à falta de tempo. No entanto, em casa, a história foi bem diferente, pois relataram ter obtido grande sucesso ao ensinar a brincadeira a outras pessoas.

Decidimos então prosseguir com as apresentações dos alunos Paulo e Betinho, que trouxeram a brincadeira "Trem Maluco". Paulo explicou que aprendeu essa brincadeira com seu pai e sua mãe. Logo depois, Lydia e Djamila apresentaram a música "Tricilomelo". Comentei com eles/as que essa brincadeira foi a primeira que eu tinha lembrança sobre as brincadeiras de mãos e que ela foi o ponto de partida para realizarmos esse projeto. Enquanto eu comentava, percebi que a aluna Dandara estava ansiosa para falar, e ela expressou seu entusiasmo dizendo: "Professor, nós podemos brincar agora?"

Deixei então um tempinho para eles/as brincarem. Entretanto, percebi que não estava dando certo eles/as aprenderem as duas brincadeiras ao mesmo tempo, um/a acabava atrapalhando o/a outro/a. Durante o nosso planejamento, conversamos e decidimos que dedicaríamos a próxima aula para que todos/as os/as alunos/as pudessem aprender essas brincadeiras, mas uma de cada vez.

Ao analisar as gravações desta aula e das anteriores, notei que, não consegui ouvir completamente os/as alunos/as. Percebi que vários deles/as expressavam o desejo de se manifestar, mas, inadvertidamente, continuei com a aula sem perceber. Para as próximas aulas, tenho a intenção de estar mais atento às contribuições dos/as alunos/as e garantir uma participação mais efetiva.

Diário de Bordo 6 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de “Tricilomelo” e “Trem maluco”

Data: 12/09/2023

Local: Bosque

Hoje, prosseguimos com nosso projeto de brincadeiras de mãos cantadas, concentrando-nos no brincar de "Tricilomelo" e "Trem maluco". Na última aula, percebi que não deu certo deixar eles/as brincarem das duas simultaneamente e resolvemos dedicar mais um dia, agora dividindo os momentos.

Paulo estava particularmente animado, pois assumiu a responsabilidade de ensinar o “Trem maluco”. Antes de chegarmos ao bosque, ele relatou estar muito feliz, porque seria o responsável por ensinar e que todos/as iriam aprender a brincadeira dele. Enquanto isso, Lydia, Djamila, Dandara e Zilda se comprometeram a ensinar o “Tricilomelo”.

A aula começou com todos/as os/as alunos/as dispostos/as a aprender as duas brincadeiras. No entanto, logo percebi que alguns dos meninos pareciam um pouco relutantes em se juntar às meninas para brincar. Eles estavam aguardando o Paulo e isso levou a uma pausa na aula para conversarmos. Formamos uma roda e abrimos um espaço para que os/as alunos/as pudessem expressar seus sentimentos. A maioria dos meninos relatou não ter nenhum problema em brincar com as meninas e estavam dispostos a participar das brincadeiras, enquanto as meninas em nenhum momento demonstraram esse distanciamento; muito pelo contrário, a todo instante chamavam os meninos para brincar junto.

Após essa pausa, perguntei se mais alguém gostaria de falar alguma coisa, o aluno Antônio levantou a mão e disse: *“Ah, professor, a gente que brincar, no final da aula a gente conversa!”* Após esse pedido voltamos a brincar.

Após algum tempo, notei que o aluno Evaristo ainda demonstrava alguma hesitação em participar com as meninas. Conversei com ele individualmente e disse que não tinha problema algum, mas que seria importante que todos/as pudessem brincar juntos/as.

O aluno Paulo relatou ter aprendido a brincadeira do “Trem maluco” com sua mãe e que gostou muito de ensiná-la para seus/as amigos/as. Ele comentou que sua mãe brincava quando era criança, mas que não recordava muito bem da letra e ele então resolveu pesquisar na internet. Paulo tinha muita dificuldade em brincar no ritmo. Quando questionado por uma colega se a música não seria de outro jeito, disse que não, que essa música era assim mesmo.

Quanto a brincadeira “Tricilomelo”, todos/as se saíram bem, tiveram apenas dificuldades em decorar a música. Durante a roda de conversa a maioria, exceto as meninas que apresentaram, relataram que era mais “difícil” essa brincadeira, mas que acharam muito legal.

A brincadeira “Tricilomelo” só era de conhecimento da aluna Lydia, que disse que não lembrava onde aprendeu. “Trem maluco”, que o aluno Paulo aprendeu com

sua mãe, já era de conhecimento da aluna Djamila, mas sua versão era um pouco diferente da dele. Ela relatou que ela era natural de Pernambuco, por isso conhecia essa brincadeira. Pedi para que ela apresentasse para que todos/as pudessem aprender também essa versão da brincadeira.

Para a próxima aula, combinamos que a aluna Djamila iria apresentar a música “Ana Banana” com a Lydia.

Diário de Bordo 7 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de “Ana banana”

Data: 15/09/2023

Local: Bosque

Para essa aula, combinamos que as alunas Lydia e Djamila apresentariam a brincadeira “Ana banana” e depois todos/as brincaríamos. Essa brincadeira era de conhecimento de quase toda a turma. Os/as alunos/as não tiveram muita dificuldade de realizar os movimentos, apesar de alguns/mas alunos/as se sentirem com mais vergonha para convidar outros/as para brincar. Como estratégia, a todo instante, eu mediava a formação das duplas, inclusive participando ativamente com eles/as.

Após algum tempo, propus que brincássemos de jeitos diferentes, em trios, quartetos, e depois todos/as juntos/as em uma roda. Eles/as gostaram bastante dessa experiência; inclusive, o aluno Paulo veio me perguntar se ele poderia brincar de “trem maluco” com outras formações.

Hoje, observei uma mudança na participação da aluna Marielle, que tem sido mais introvertida nas últimas aulas. Durante a brincadeira, ela se envolveu de maneira mais ativa, o que foi uma surpresa positiva e, no finalzinho da aula, ela me disse que conhecia uma brincadeira diferente e que gostaria de apresentar para a turma.

Na roda de conversa, o aluno Antônio compartilhou uma percepção interessante. Segundo ele, os meninos enfrentam mais dificuldades na execução da abertura durante a brincadeira (no final da música todos/as devem afastar as pernas até não conseguirem mais ficar em pé) em comparação com as meninas, que demonstram maior habilidade. Segundo ele, é porque elas são mais treinadas.

Quando perguntado com quem eles/as aprenderam essa brincadeira, foram unânimes em falar que comigo, quando fui seu professor no 3º ano. Realmente, eu já tinha ensinado essa brincadeira para eles/as, achei bem legal terem lembrado. Outro relato importante foi da aluna Maria que disse que todo mundo estava ensinando e aprendendo.

Ficou combinado que a aluna Dandara e a aluna Maria apresentariam novas versões da brincadeira “Babalu” na próxima aula. Nas primeiras aulas, foi apresentada uma versão do “Babalu” e, em conversa, os/as alunos/as relataram que não conheciam outras formas de brincar dessa atividade. Entretanto, ambas as alunas pesquisaram e aprenderam uma nova versão. Os/as alunos/as estavam ansiosos/as para brincar, falei que não daria mais tempo e ficaria para a próxima aula.

Diário de Bordo 8 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de outras versões do “Babalu - Eu danço discoteca”

Data: 23/09/2023

Local: Bosque

Hoje, durante a nossa aula, enfrentei alguns desafios logo no início. Seis dos/as alunos/as estavam ausentes, o que me fez pensar em adiar a aula para a próxima semana. No entanto, ao perceber o quão tristes os/as alunos/as presentes ficaram com a ideia de adiamento, decidi seguir em frente. Mas, para que ninguém fosse prejudicado, combinamos que na próxima aula dedicaríamos um tempo especial para que os/as alunos/as que faltaram também pudessem aprender/brincar da brincadeira nova.

As alunas Maria e Dandara apresentaram suas versões das brincadeiras do “Babalu – Eu danço discoteca”. As brincadeiras eram praticamente idênticas, com diferenças mínimas da letra no final da música; entretanto, os movimentos se diferenciavam na hora de “balançar o vestido”. Na versão da Maria, os/as alunos/as mexiam o corpo sem sair do lugar e na versão da Isa, eles/as pulavam. Os/as alunos/as ficaram empolgados/as e animados/as para experimentar ambas as versões.

A brincadeira foi muito bem recebida por todos/as e pude notar que todos/as estavam brincando em total entrega. Percebi também que a aluna Maria ficou muito feliz em apresentar sua brincadeira. Brincamos das duas versões durante um bom tempo da aula, suficiente para que todos/as pudessem vivenciar as brincadeiras, para daí então partirmos para a roda de conversa.

Durante a roda, Maria compartilhou que aprendeu a brincadeira com sua mãe, mas que ela não lembrava da letra completa, então decidiram pesquisar no *YouTube* para lembrar.

Dandara, por sua vez, também aprendeu a brincadeira com sua mãe, que também não lembrava da letra por completo. Ela usou o *TikTok* para encontrar as informações necessárias. Ela disse que vai continuar pesquisando e aprendendo novas brincadeiras cantadas, afirmando que, assim, o projeto vai continuar até o final do ano. Todos/as os/as alunos/as gostaram da ideia. Expliquei que seria muito legal se isso acontece, mas que, como se trata de uma pesquisa, temos que estabelecer uma data para término. Apesar disso, combinei que nas aulas seguintes à finalização da pesquisa, poderíamos deixar um tempo final para fazermos novas brincadeiras.

Uma das coisas que mais me chamou a atenção foi a forma como as alunas Maria e Dandara buscaram aprender com suas famílias, mostrando total interesse em construir novos conhecimentos para compartilhar com a turma. Além disso, elas também utilizaram recursos tecnológicos, como o *YouTube* e o *TikTok*, para aprimorar seu conhecimento.

Esse episódio reforçou a importância de valorizar e incorporar diferentes fontes de conhecimento no processo de aprendizagem e valorização das brincadeiras.

Acredito que estamos no caminho certo, proporcionando uma educação que reconhece a diversidade de experiências e recursos disponíveis para nossos/as alunos/as.

No final da aula, quando começamos a planejar as próximas ações, a aluna Marielle expressou que estava com vergonha em apresentar sua música. Ela manifestou o desejo de primeiro apresentá-la para mim, para depois eu ajudar na apresentação com toda a turma.

A aluna Dandara disse que gostaria de apresentar uma brincadeira chamada “Pararaparati” e no mesmo instante chamou a Marielle para mostrar “rapidinho” como era.

Ficou combinado que na próxima aula brincaríamos novamente de “Babalu – Eu danço discoteca”, a pedido dos/as alunos/as; depois, com a minha ajuda, Marielle iria apresentar sua brincadeira e, numa próxima aula, Dandara apresentaria essa nova brincadeira.

Em conversa com a professora responsável pela turma, percebi que eles/as realmente estão amando o projeto, principalmente por serem os/as responsáveis por ensinar.

Diário de Bordo 9 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de "Pararaparati"

Data: 27/09/2023

Local: Bosque

Hoje, na continuação de nosso projeto de brincadeiras cantadas, demos sequência às brincadeiras conforme o combinado na aula anterior. Inicialmente, dedicamos um tempo para brincar novamente de "Babalu - Eu danço discoteca", garantindo que os/as alunos/as que faltaram à última aula pudessem participar e aprender a brincadeira.

Durante a roda de conversa, verifiquei se todos/as tinham tido a oportunidade de brincar e aprender a versão de "Babalu". Como o aluno Carlos expressou que não sabia brincar, organizamos mais alguns minutos para que ele pudesse aprender a brincadeira. Fiquei satisfeito por ver que todos/as estavam comprometidos/as em ajudá-lo. Antes de continuarmos, precisamos modificar o planejamento, pois a aluna Marielle, que ficou responsável por apresentar sua brincadeira, não estava presente. Assim, passamos direto para a parte em que as alunas Dandara e Lydia apresentaram a brincadeira "Pararaparati", como havíamos combinado. Antes disso acontecer, a aluna Dandara lembrou-se de outra brincadeira chamada "Suco gelado" e decidiu compartilhá-la. Falei que teríamos que deixar a brincadeira do "Suco gelado" para outro momento.

Durante as apresentações, comentei com os/as alunos/as que, pessoalmente, considerava a brincadeira "Pararaparati" mais desafiadora e que esperava que todos/as dedicassem um tempinho para aprender. Percebi que eles/as se mostraram empolgados/as com esse novo desafio.

Durante nosso planejamento para a próxima aula combinamos que, como estávamos chegando ao final do nosso projeto, não incluiríamos mais brincadeiras, apenas as que a aluna Marielle ficou responsável em apresentar.

A aluna Dandara perguntou se não poderíamos criar uma brincadeira da turma. Respondi que gostei muito da ideia e que então essa seria a nossa aula final. Perguntei para os/as demais alunos/as o que achavam disso e todos/as gostaram da ideia. Combinamos também que cada aluno/a iria relatar sua opinião sobre o projeto.

Diário de Bordo 10 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de “Pararaparati”

Data: 06/10/2023

Local: Bosque

Conforme combinado em nosso planejamento, dedicamos um tempo para que todos/as pudessem brincar de “Pararaparati”, devido a maior de dificuldade em aprender a brincadeira. Inicialmente, percebi que alguns/mas alunos/as estavam um pouco relutantes em se envolver na brincadeira. Comentaram sobre a dificuldade dela e então tivemos uma conversa sobre tentarmos realizá-la sem nos cobrarmos por dominá-la por completo.

No decorrer da brincadeira, logo percebi que eles/as estavam brincando com facilidade; aqueles/as que aprendiam mais rápido ajudavam a ensinar os/as outros/as. Após um tempo brincando, paramos para conversar sobre a brincadeira. Os/as alunos/as relataram que embora parecesse difícil no começo, tornou-se mais fácil à medida que brincavam.

A Dandara pediu para mostrar uma versão diferente que ela havia criado. Falei que ela podia demonstrar para a turma; no entanto, deixei claro que não íamos brincar naquele momento, pois estávamos chegando ao final da nossa aula.

Ela mudou totalmente o jeito de brincar, transformando aquela brincadeira em algo totalmente novo. Durante a nossa roda conversamos sobre essa possibilidade de modificar/transforma qualquer brincadeira, o aluno Frantz perguntou se não poderíamos utilizar uma aula para junto com um/a amigo/a escolhermos uma brincadeira, a modificarmos-la e depois apresentarmos para a turma. Combinei que poderíamos fazer isso sim e que a ideia dele era excelente. Combinamos então em fazer isso em uma das nossas aulas, mas que infelizmente não conseguiríamos colocar essas brincadeiras no projeto. Combinamos então que ficaria para a próxima aula a apresentação da Marielle da brincadeira “Adoleta”.

Durante a volta para a sala, a aluna Marielle me apresentou outras duas brincadeiras que conhecia, mas que uma delas não gostaria de compartilhar com a turma; segundo ela, devido a palavra “macumba”, contida na letra. Falei para ela que, caso quisesse, poderia apresentar a brincadeira, pois eu estava pensando em estender o projeto por mais algumas aulas. Disse que não havia problema quanto a essa música, que durante a aula conversaríamos sobre isso. Ela ficou meio indecisa e então eu pedi que ela pensasse com carinho e me desse a resposta na próxima aula; caso ela decidisse não apresentar, estava tudo bem.

As brincadeiras são “Meleca” e “Fui ao botequim”. Fiquei intrigado com as possibilidades de exploração e problematização dessas brincadeiras, embora soubesse do tempo limitado para concluirmos o projeto.

Diário de Bordo 11 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de “Adoleta”

Data: 10/10/2023

Local: Bosque

Conforme havíamos combinado na última aula, a aluna Marielle começou apresentando a brincadeira “Adoleta”. Ela convidou a Lydia para apresentar junto. Algumas meninas já conheciam essa música e ajudaram a ensinar a todos/as.

Durante a roda de conversa que sucedeu a brincadeira, a aluna Dandara trouxe uma versão um pouco diferente da “Adoleta”, substituindo algumas palavras. Ela compartilhou essa versão com os/as colegas. Eles/as questionaram que a primeira versão da aluna Marielle “deveria estar errada, pois fala para puxar o rabo do pneu e pneu não tem rabo” e comentaram que alguém deve ter entendido errado a música. Por isso, acabaram criando essa versão. Pediram para brincar um pouco com a mudança na letra; no entanto, devido ao nosso tempo limitado combinamos que utilizaríamos o finalzinho da aula para isso, após planejarmos as ações para a próxima aula.

Ficou combinado que a aluna Marielle apresentaria duas brincadeiras, “Fui ao botequim” e “Meleca”, e que utilizaríamos toda a aula seguinte para vivenciar as duas. Combinamos a aula após a próxima seria utilizada para conversarmos sobre essas brincadeiras. A Lydia se comprometeu em aprender com a Marielle as brincadeiras no recreio e durante os momentos que antecedem a próxima aula, para juntas apresentarem. Conforme combinado o finalzinho da aula foi disponibilizado para todos/as brincarem de “Adoleta”

Diário de Bordo - 12: Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincar de “Meleca” e “Fui ao botequim”

Data: 10/10/2023

Local: Bosque

As alunas Marielle e Lydia estavam ansiosas para apresentar as brincadeiras. Antes mesmo de começar a aula, durante a troca de períodos em que alunos/as dos anos finais vão embora e chegam os/as alunos/as dos anos iniciais, elas estavam me procurando para perguntar se seria hoje mesmo que elas apresentariam. Confirmei e perguntei se estava tudo bem com isso. Elas assentiram que sim. Falei que, então, dali à um pouquinho, começaríamos nossa aula.

Como de costume, nos dirigimos ao bosque para iniciar a aula. Retomamos o que foi planejado e pedi para as meninas apresentarem primeiro a brincadeira “Meleca” e falei que após brincarmos, apresentariam “Fui ao botequim”. Ficou combinado que no final da aula, durante a roda de conversa, falaríamos sobre as brincadeiras. A brincadeira “Meleca” utilizou boa parte da aula para que todos/as pudessem experimentar/brincar. Por isso, para realizar a segunda brincadeira, sugeri que fizéssemos em roda, todos/as juntos/as, o que acabou dando super certo.

Durante a roda de conversa, perguntei o que eles/as tinham sentido em relação as brincadeiras. Em geral, relataram ter gostado muito, principalmente a brincadeira “Meleca”. Perguntei sobre as letras, o que pensavam sobre elas? A própria aluna Marielle, que apresentou, comentou: “Eu acho a palavra ‘macumba’ meio estranha”. Após ela se pronunciar, outros/as alunos/as concordaram com ela. O aluno Antônio disse: “É como se estivesse fazendo algo ruim”.

Perguntei se mais alguém gostaria de falar alguma coisa sobre a brincadeira “Meleca” e eles/as relataram que não. Então perguntei sobre a brincadeira do “Fui ao botequim”, se perceberam alguma coisa na letra. Como não se pronunciaram eu pedi para cantarmos juntos/as novamente. Daí o aluno Evaristo disse: “Está machucando o macaquinho”. Após essa fala dele, todos/as acenaram concordando.

Como estávamos chegando ao final da aula, combinei com eles/as que a próxima aula seria exclusivamente para conversarmos sobre as letras das músicas e que, caso sobrasse algum tempo, eles/as poderiam brincar.

Diário de Bordo 13 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: “Meleca” e “Fui ao botequim” Problemática

Data: 17/10/2023

Local: Sala de aula

Para me preparar para essa aula, realizei a leitura do artigo “Diversidade cultural nas aulas de educação física na escola pública: o embate com igrejas cristãs quando se trata de estudar culturas africanas e indígenas”, de autoria de Bruno Rodolfo Martins. Essa preparação foi essencial para me certificar de que estaria bem-informado durante a aula, evitando assim o risco de expressar ideias que pudessem contribuir para desentendimentos ou mal-entendidos.

Iniciamos a aula revisitando as letras das brincadeiras para promover uma reflexão conjunta. Optamos por abordar inicialmente a letra da música “Fui ao botequim”, que inclui os versos: “Dança macaquinho que eu não sei dançar, mostra o chicotinho que ele dança já”. Solicitei a opinião deles/as sobre essa letra e as respostas revelaram uma preocupação compartilhada: a ideia de que não é apropriado maltratar os animais, sendo consenso que o lugar adequado para o macaquinho é a floresta. Perguntei: “E o zoológico?”. Responderam: “O zoológico também não!”. A aluna Dandara disse que poderíamos mudar a letra da música e ela mesma já propôs a alteração por “Dança macaquinho que eu não sei dançar, dá um abraço nele que ele dança já”. Todos/as gostaram da ideia da Dandara e tomamos como encerrada essa discussão. Apenas conclui relatando que a palavra abraço vai significar em nossa brincadeira proteção, que todos os animais devem ser protegidos, e que o lugar deles, como todos/as haviam dito, é na natureza e em nenhum outro lugar.

Antes de abordar a segunda brincadeira, quis saber um pouco mais sobre as experiências religiosas dos/as alunos/as. Perguntei se frequentavam alguma religião, se costumavam ir a missas ou cultos, dando-lhes espaço para compartilharem um pouco sobre suas vivências nesse aspecto. Foi uma oportunidade valiosa para conhecermos um pouco mais sobre as diferentes práticas religiosas presentes na turma, para daí partimos para a letra contida na brincadeira.

Cantamos juntos/as para relembrar o trecho que aqui destaco: “Fui ao cemitério fazer uma macumba, quando percebi tinha meleca na minha bunda”. Comecei falando que conversaríamos sobre um tema muito importante, a diversidade religiosa, e que falaríamos especificamente sobre religiões de matrizes africanas. Para melhor contextualizar, perguntei se eles/as se lembravam do projeto de brincadeiras africanas que tínhamos feito no começo do ano. Dei alguns exemplos e todos/as, exceto a aluna Marielle e o aluno Luiz, que entraram na escola depois do projeto, não se lembravam. Expliquei que assim como no projeto aprendemos sobre como as crianças africanas brincam, hoje íamos aprender sobre como a cultura africana também influenciou na diversidade religiosa. Conversaríamos sobre a existência de diferentes maneiras de as pessoas acreditarem em algo e que devemos respeitar as

escolhas de cada um/a. Conversamos também sobre a diversidade dos povos indígenas e os motivos da não utilização da palavra “índio”. Falamos sobre essa rica diversidade, sobre o brincar, a culinária, as danças e a religiosidade.

Perguntei se já tinham ouvido falar em religiões como o Candomblé ou a Umbanda. Essas são algumas das religiões de matrizes africanas, que têm raízes na cultura africana e que chegaram ao Brasil junto aos/às nossos/as antepassados/as. Expliquei que a palavra “macumba”, parte da letra da brincadeira, é um exemplo da errada apropriação que muitas pessoas usam de conceitos religiosos com teor pejorativo. E que, como não conhecemos seus reais significados, não devemos sair por aí reproduzindo o que algumas pessoas falam. Continuei falando que essas religiões têm rituais e crenças que são especiais para quem as pratica e é importante lembrar que todas elas merecem respeito. Assim como respeitamos as diferentes cores, gostos e brincadeiras, devemos também respeitar as diferentes formas de as pessoas se conectarem com o divino.

Os/as alunos/as compreenderam que a palavra “macumba” na brincadeira estava sendo utilizada em um sentido que não era legal. Então, propus a eles/as que, da mesma forma como modificamos a brincadeira do “Fui ao botequim”, poderíamos recriar “Meleca”. A nova letra foi sugerida pela aluna Zilda e ficou assim: “Fui ao cemitério e não tive medo algum, quando percebi tinha meleca no bumbum”.

Apesar do tempo limitado, acredito que conseguimos atingir nossos objetivos na aula. Reconheço que a brincadeira poderia ter sido problematizada de maneira mais aprofundada, envolvendo pesquisas mais detalhadas sobre a diversidade religiosa, especialmente focalizando a riqueza cultural de origem africana em nosso país. No entanto, vale ressaltar que o tempo disponível para conclusão do projeto estava bastante reduzido. Combinamos que no início da próxima aula realizaríamos o nosso planejamento, mas que achava que usaríamos quase o tempo todo construir a brincadeira da sala, proposta inicialmente pela aluna Dandara.

Diário de Bordo 14 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Brincadeira da turma – “Bom Retiro”

Data: 20/10/2023

Local: Bosque

Ainda na sala de aula, pedi para que os/as alunos/as separassem papel e lápis para levarmos ao bosque, pois precisaríamos registrar a letra da brincadeira que íamos criar coletivamente. Perguntei se alguém tinha pensado em algo, pensado em como seria essa brincadeira, se iríamos criar com base em alguma que já existia ou se a criaríamos do nosso jeito. A aluna Zilda sugeriu que seria melhor criarmos uma brincadeira própria e que a letra deveria abordar a nossa escola. Ao questionar se alguém mais tinha alguma ideia, a aluna Dandara propôs incluir também as árvores de frutas presentes na escola. Decidi então permitir que escrevessem uma letra sem muita intervenção minha e pedi que me avisassem quando tivessem algo para mostrar.

Notei que os meninos não estavam participando muito desse momento. Então, pedi para que eles se envolvessem mais; pedi também para as meninas ajudarem com isso. Percebi que algumas meninas tomaram a frente para escrever e criar a brincadeira e os demais alunos/as ficaram em roda, juntos/as, observando.

Com a aula já quase no final, pedi que eles/as contassem como estavam se saindo. A alunas Marielle e Dandara mostraram como estava ficando a brincadeira. Combinamos então que eles/as teriam mais uma aula para concluir a movimentação e reforcei o pedido para que todos/as dessem contribuições para essa construção.

**Diário de Bordo 15 - Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas:
Continuação da criação da brincadeira da turma – “Bom Retiro”**

Data: 23/10/2023

Local: Bosque

Conforme combinamos na última aula, os/as alunos/as ficaram livres para concluírem a brincadeira. As alunas Djamila, Dandara, Lydia e Zilda relataram ter pensado em algumas coisas durante o recreio e na sala de aula, para incluir na música. Pedi então para que mostrassem para todos/as suas ideias e que juntos/as conversássemos sobre as novas propostas.

Durante toda a aula, os/as alunos/as dedicaram-se a acertar os movimentos, ritmos e terminar a letra da brincadeira. Gostei bastante de como as meninas conduziram esse processo. Ao final, pedi para que apresentassem para todos/as como havia ficado a música e que, após isso, brincassem entre eles/as, até terminar a aula.

Fiquei impressionado/a com a criatividade da turma e, especialmente, com a utilização de palavras e elementos da nossa escola e do bairro. Essa abordagem trouxe uma conexão única à brincadeira, tornando-a ainda mais especial e significativa para todos/as. A colaboração e a expressão da identidade local foram aspectos que enriqueceram grandemente essa experiência. Combinamos que teríamos mais uma aula, para que todos/as falassem um pouco sobre o projeto, através de palavras e desenhos.

Diário de Bordo - 16: Projeto de Brincadeiras de Mãos Cantadas: Conclusão do projeto

Data: 27/10/2023

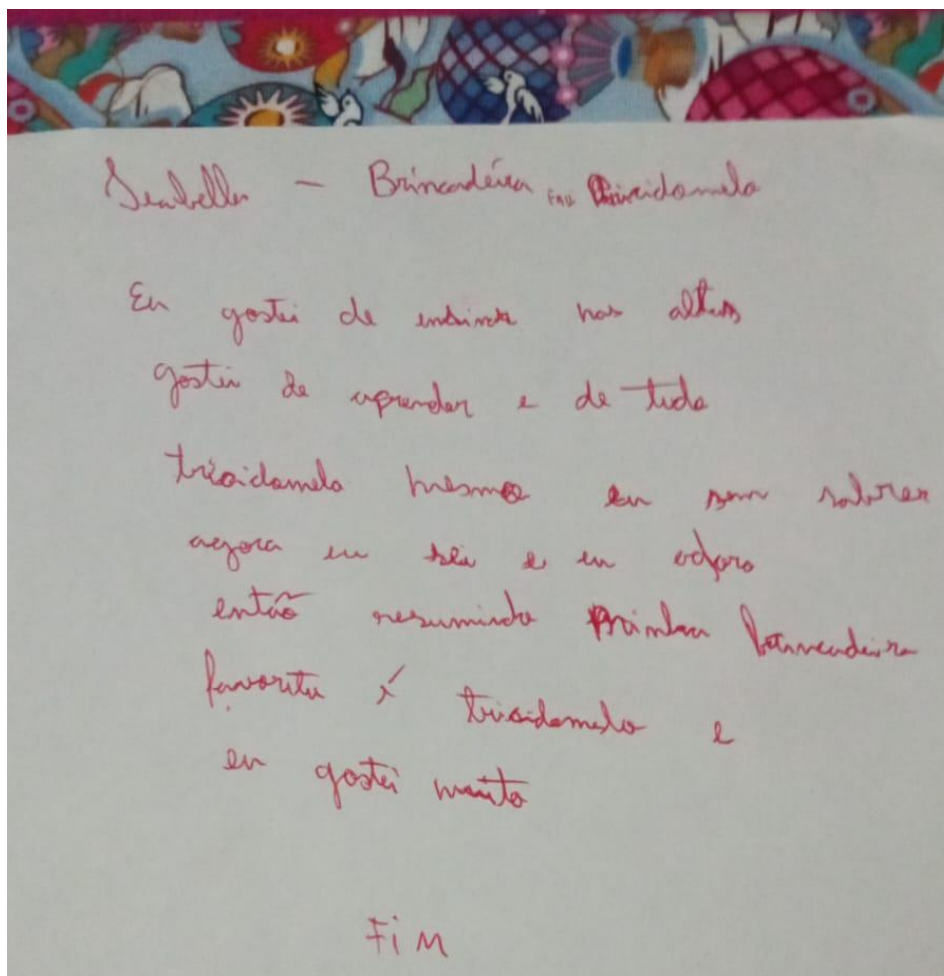
Local: Sala de aula

Para a última aula, agradei a todos/as pela participação e dedicação ao projeto. Distribuí duas folhas para cada aluno/a, solicitando que compartilhassem um pouco sobre este período, incluindo pontos positivos, negativos, a brincadeira que mais gostaram, entre outros aspectos. Na segunda folha, pedi que expressassem um desses momentos por meio de um desenho.

Além disso, combinamos a realização de um piquenique, com realização de brincadeiras de mãos e com bexigas com água para encerrarmos o projeto. Estou ansioso/a para ler as reflexões e apreciar os desenhos de cada um/a.

Apêndice E - Percepções/relatos dos/as alunos/as sobre o projeto

Imagem 6 - Impressão sobre o projeto da aluna Dandara

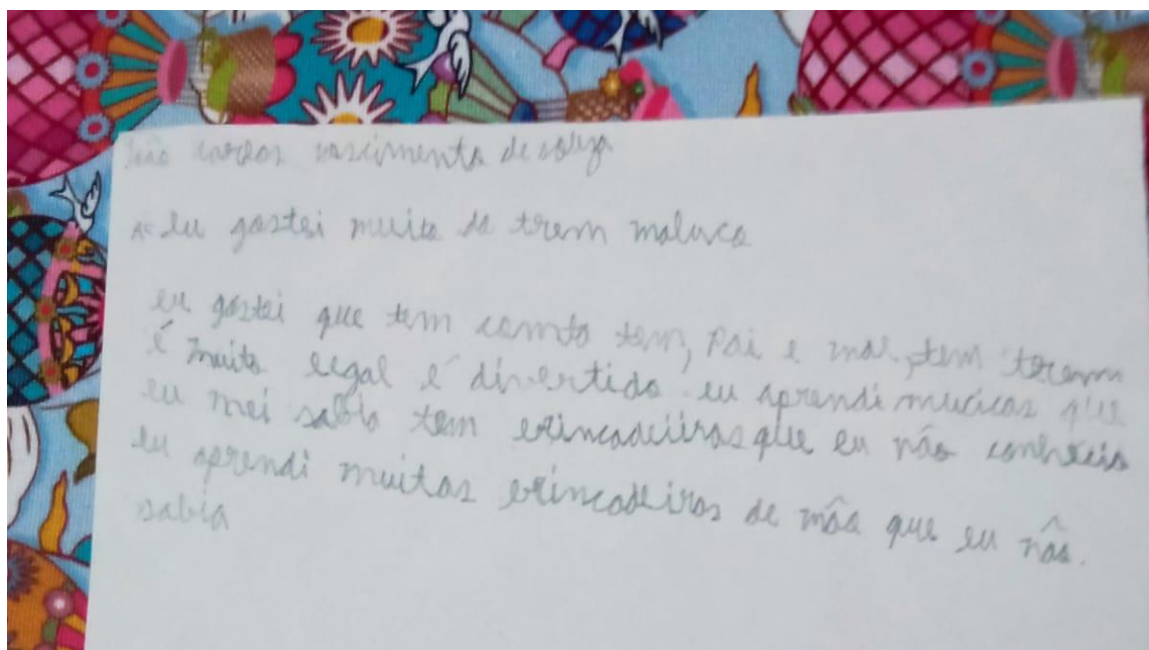


Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei de ensinar nas aulas, gostei de aprender e de tudo. Tricilomelo mesmo eu sem saber, agora eu sei e eu adoro, então resumindo minha brincadeira favorita é tricilomelo e eu gostei muito. Fim.

Imagem 7 - Impressão sobre o projeto do aluno Evaristo



Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

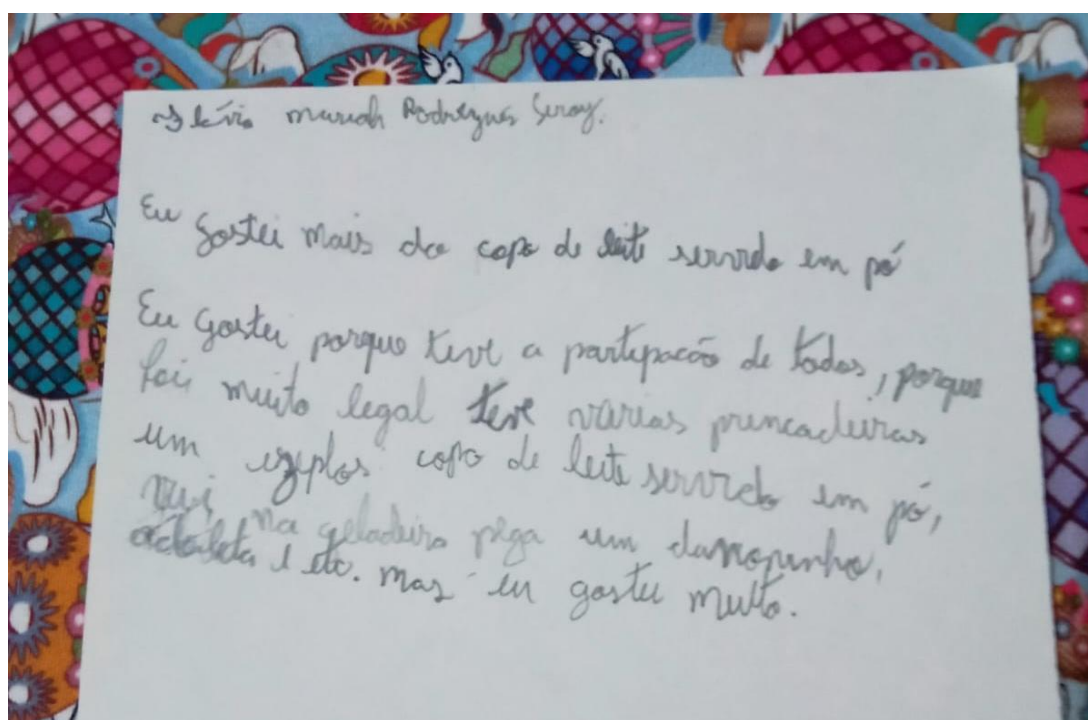
Eu gostei muito do trem maluco.

Eu gostei que tem canto, tem pai, tem mãe, tem trem.

É muito legal, é divertido, eu aprendi músicas que eu nem sabia, tem brincadeiras que eu não conhecia.

Eu aprendi muitas brincadeiras de mãos que eu não sabia.

Imagem 8 - Impressão sobre o projeto da aluna Conceição



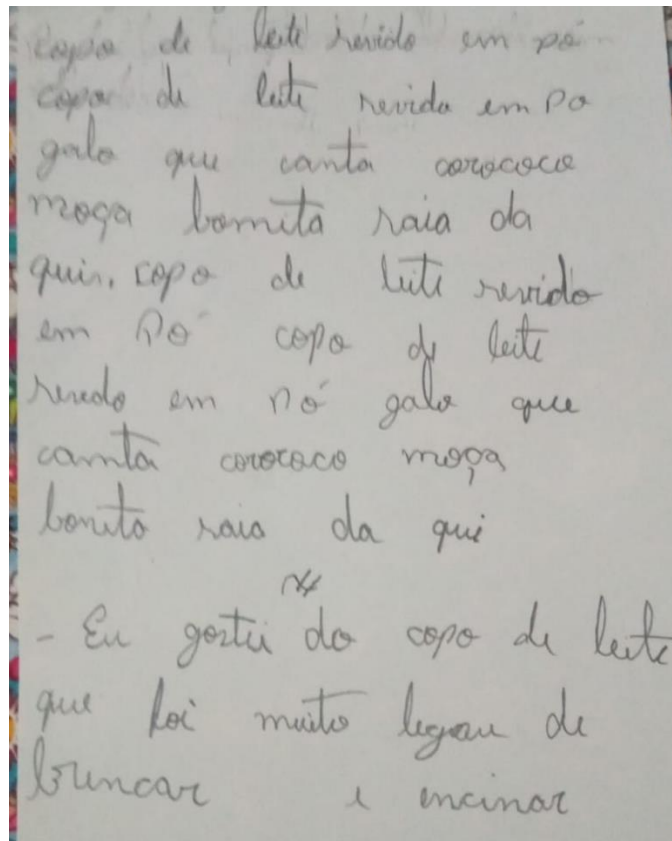
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei muito do copo de leite servido em pó.

Eu gostei porque teve a participação de todos, porque foi muito legal, teve várias brincadeiras, uns exemplos: copo de leite servido em pó, fui na geladeira pegar um danoninho, adoleta e etc. Mas eu gostei muito.

Imagem 9 - Impressão sobre o projeto da aluna Djamila



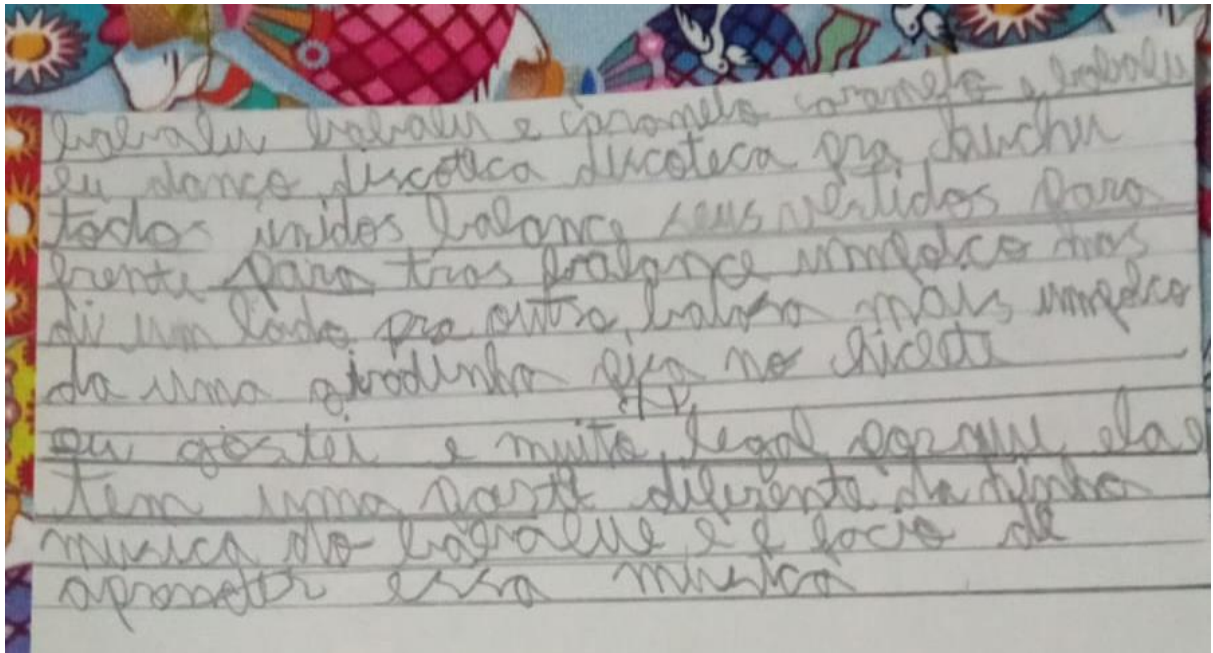
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Copo de leite servido em pó, copo de leite servido em pó, galo que canta corococó, moça bonita saia daqui, copo de leite servido em pó, copo de leite servido em pó, galo que canta corococó, moça bonita saia daqui.

Eu gostei do copo de leite, que foi muito legal de brincar e ensinar.

Imagem 10 - Impressão sobre o projeto da aluna Maria



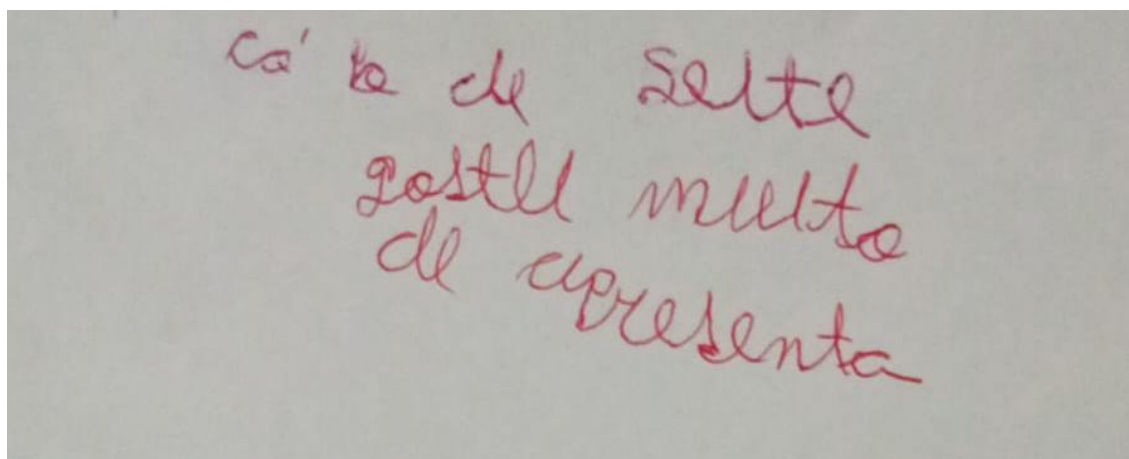
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Babalú, babalú é caramelo, caramelo é babalú
eu danço discoteca, discoteca pra chuchu
todos unidos balance seus vestidos
para frente, para trás, balance um pouco mais
de um lado, pro outro, balance mais um pouco
de uma viradinha, pise no chiclete.

Eu gostei muito, é muito legal, porque ela tem uma parte diferente da minha música do babalú e é fácil de aprender essa música.

Imagem 11 - Impressão sobre o projeto da aluna Marielle



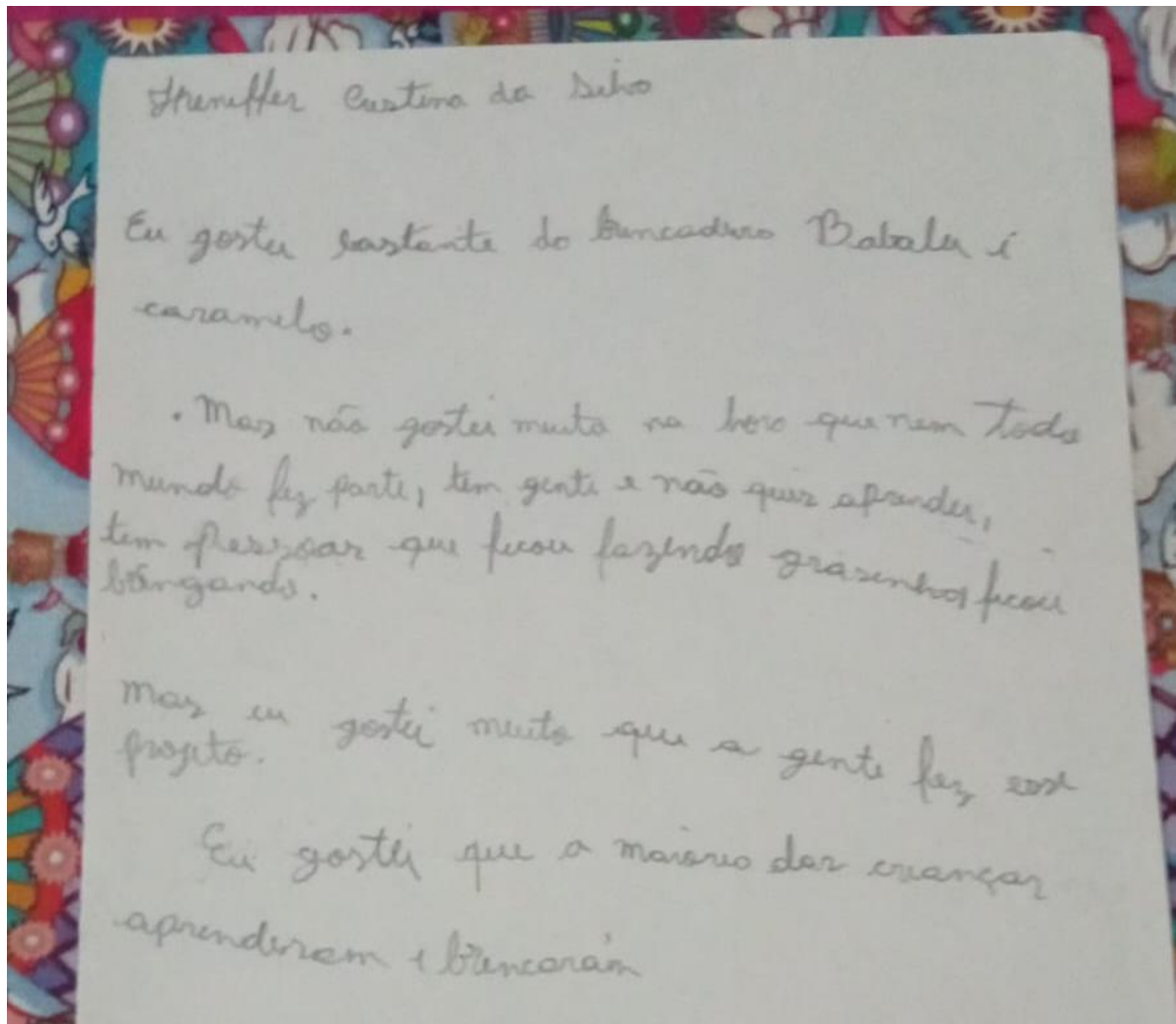
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Copo de leite

Eu gostei muito de apresentar.

Imagem 12 - Impressão sobre o projeto da aluna Lydia



Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

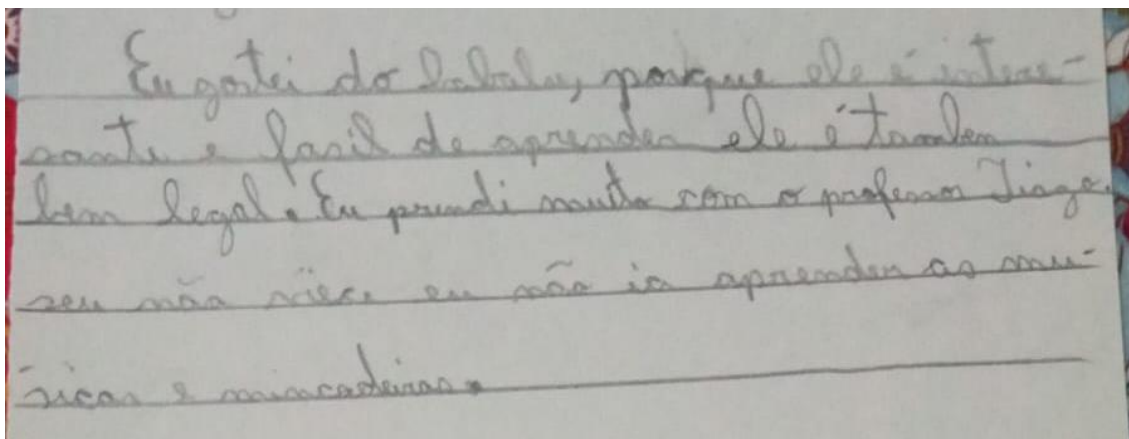
Eu gostei bastante da brincadeira Babalu é caramelo.

Mas não gostei muito na hora que nem todo mundo fez parte, tem gente que não quis aprender, tem pessoas que ficaram fazendo gracinhas, ficou brigando.

Mas eu gostei muito que a gente fez esse projeto.

Eu gostei quem a maioria das crianças aprenderam e brincaram.

Imagem 13 - Impressão sobre o projeto do aluno Paulo

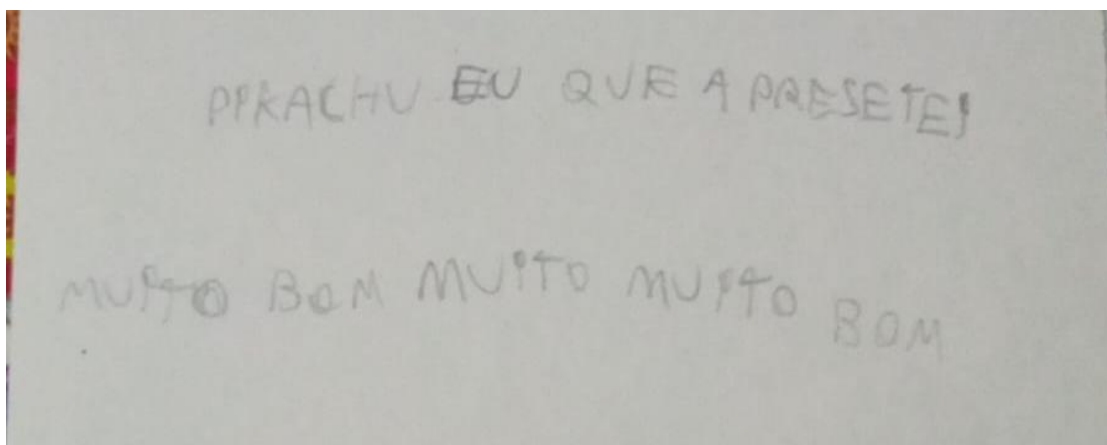
A photograph of a piece of lined paper with handwritten text in cursive. The text is written in dark ink and spans five lines. The handwriting is somewhat informal and slightly slanted. The paper has horizontal blue lines and a red vertical margin line on the left side. The text reads: "Eu gostei do babalu, porque ele é interes-
sante e fácil de aprender ele é também
bem legal. Eu aprendi muito com o professor Tiago.
Se não fosse eu não ia aprender as mu-
sicas e brincadeiras."

Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei do babalu, porque ele é interessante e fácil de aprender, ele também é legal. Eu aprendi muito com o professor Tiago. Se não fosse você eu não ia aprender as músicas.

Imagem 14 - Impressão sobre o projeto do aluno Júlio



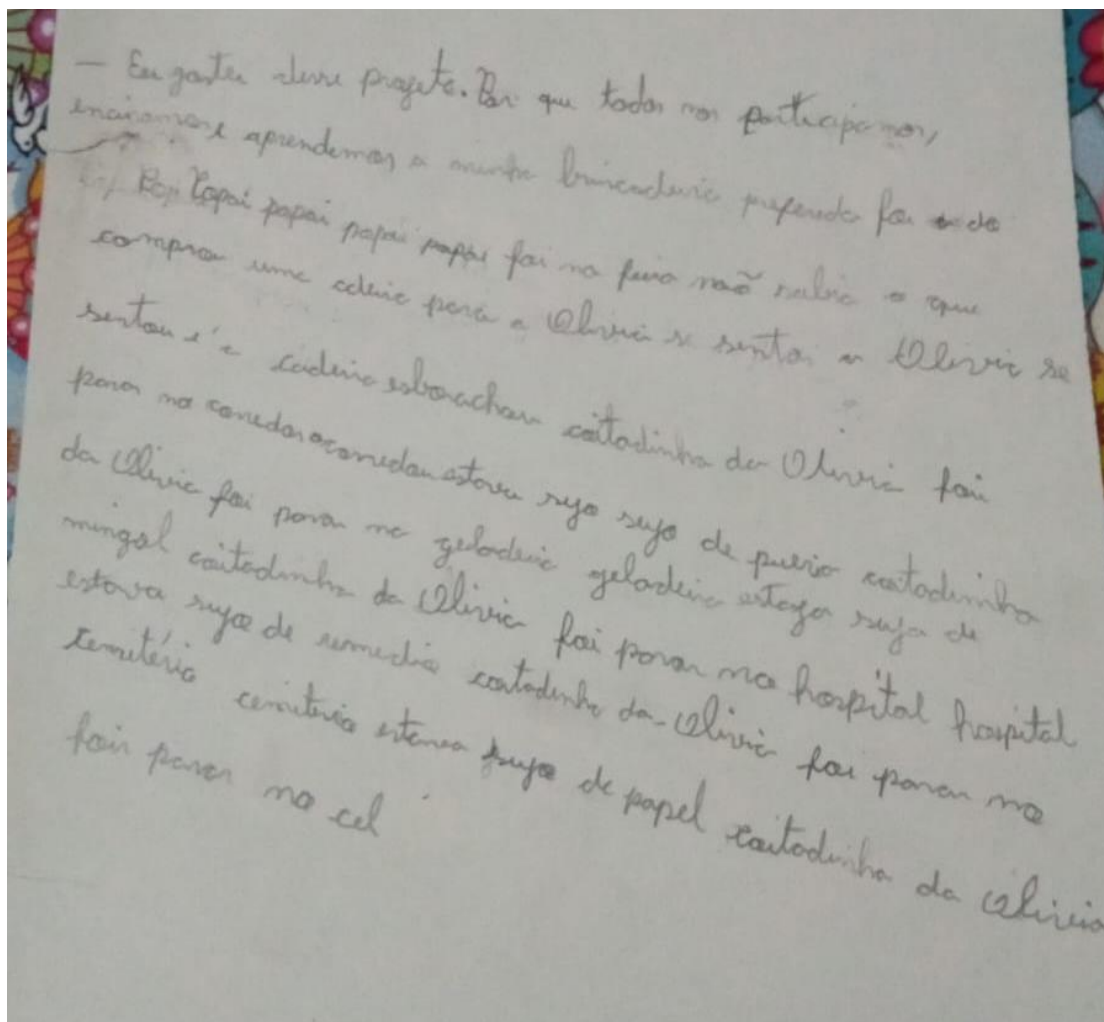
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Pikachu eu que apresentei.

Muito bom, muito, muito bom.

Imagem 15 - Impressão sobre o projeto da aluna Zilda

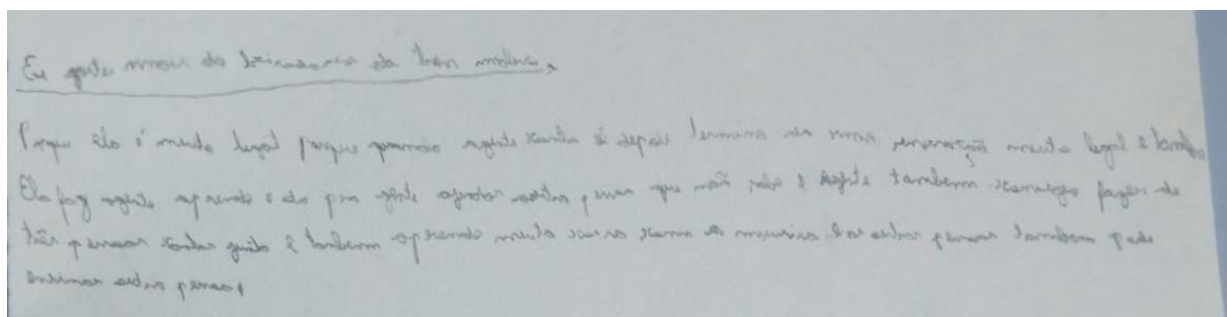


Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei desse projeto. Porque todos nós participamos, ensinamos e aprendemos. A minha brincadeira preferida foi a do: Popeye, Popeye, Popeye foi na feira não sabia o que comprar, comprou uma cadeira para Olivia se sentar, a Olivia se sentou e a cadeira esborrachou, coitadinha da Olivia foi parar no corredor, corredor estava sujo, sujo de poeira, coitadinha da Olivia foi parar na geladeira, geladeira estava suja, suja de mingau, coitadinha da Olivia foi parar no hospital, hospital estava sujo, sujo de remédio, coitadinha da Olivia foi parar no cemitério, cemitério estava sujo, sujo de papel, coitadinha da Olivia foi parar no céu.

Imagem 16 - Impressão sobre o projeto do aluno Antônio



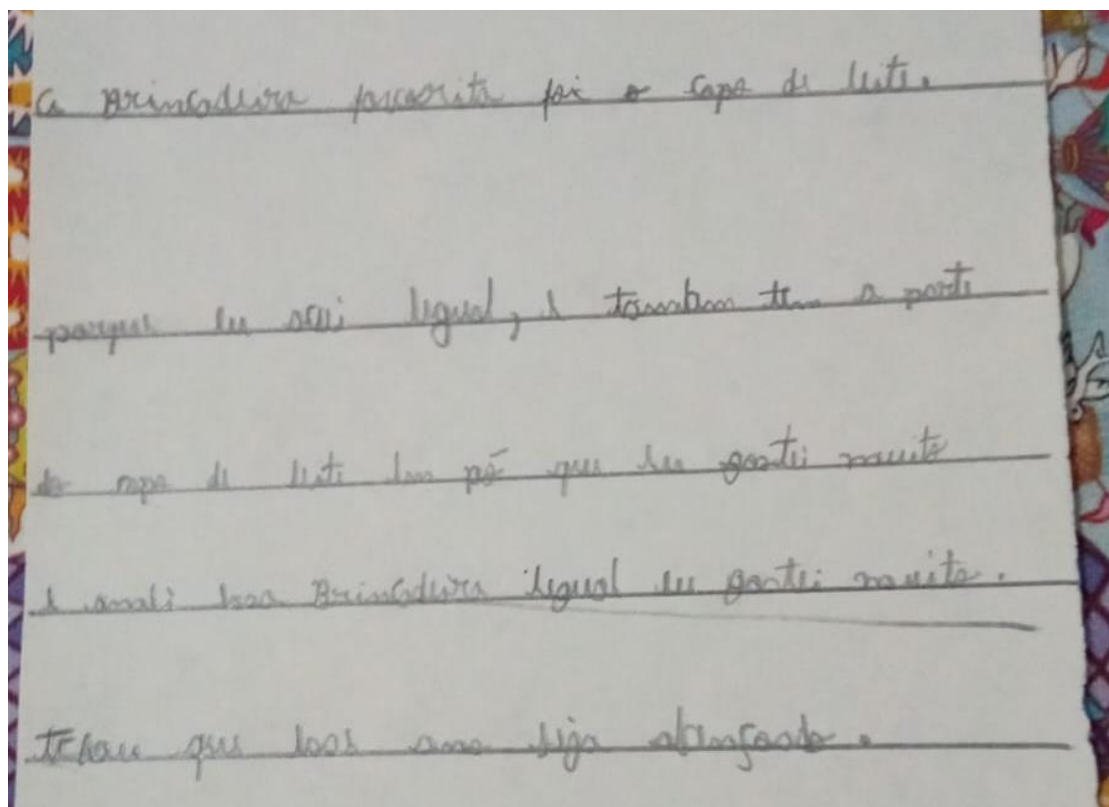
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei mais da brincadeira do trem maluco.

Porque ela é muito legal. Porque quando a gente canta e depois termina dá uma renovação muito legal. E também ela faz a gente aprender e dá pra gente ajudar os outros que não sabem. E a gente também consegue fazer de três pessoas, cantar junto e também aprende muitas coisas com a música. E as outras pessoas também podem ensinar as pessoas.

Imagem 17 - Impressão sobre o projeto do aluno Betinho

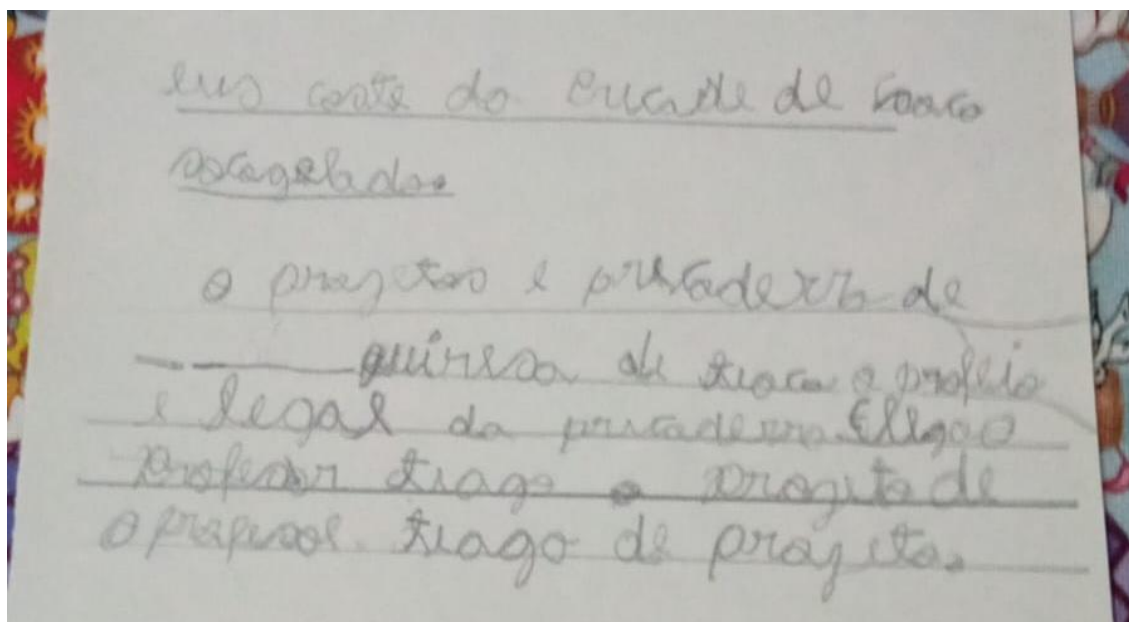


Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

A brincadeira favorita foi o copo de leite. Porque eu achei legal, e também tem a parte do copo de leite em pó que eu gostei muito. Eu amei essa brincadeira legal, eu gostei muito. Tchau que esse ano seja abençoado.

Imagem 18 - Impressão sobre o projeto do aluno Chico



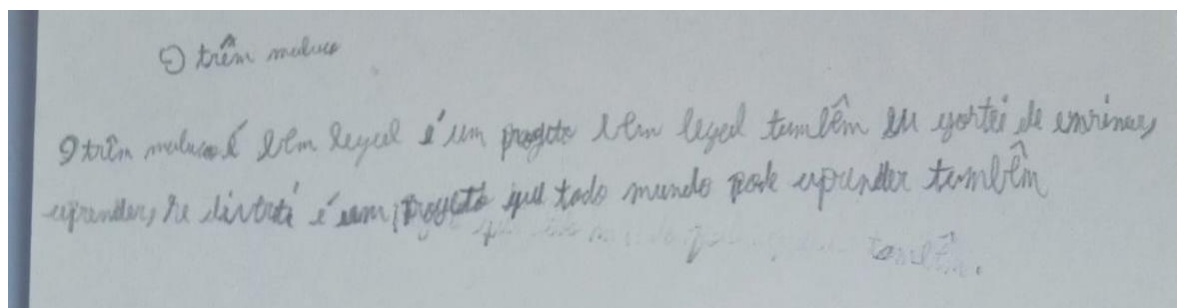
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei da brincadeira copo de leite.

O projeto de brincadeiras de criança, de Tiago o professor é legal da brincadeira. Ele o professor Tiago. Projeto do professor Tiago.

Imagem 19- Impressão sobre o projeto do aluno Moacir



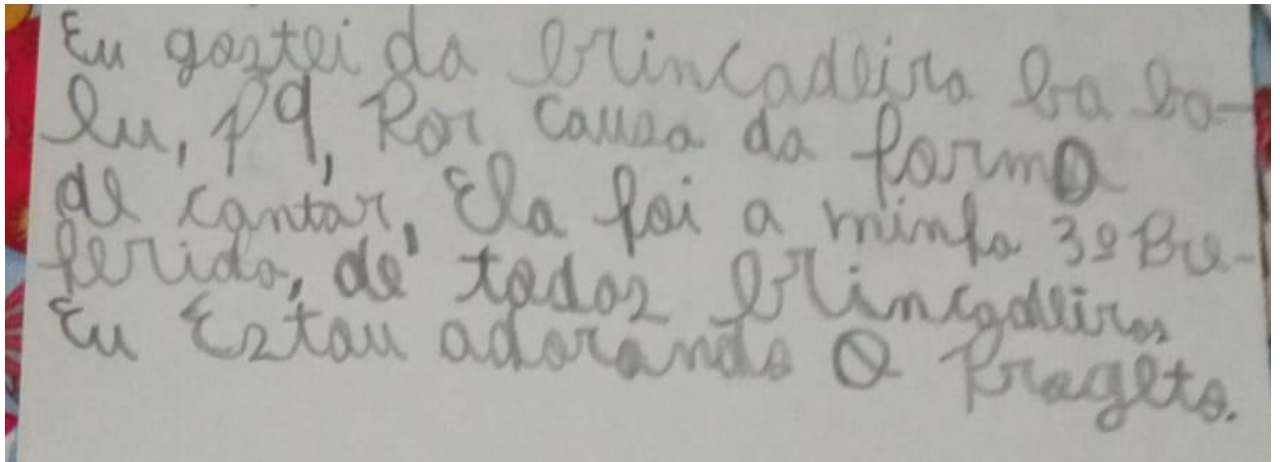
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

O trem maluco.

O trem maluco é bem legal. É um projeto bem legal, também eu gostei de ensinar e aprender, me diverti. É um projeto que todo mundo pode aprender também.

Imagem 20 - Impressão sobre o projeto do aluno Carlos

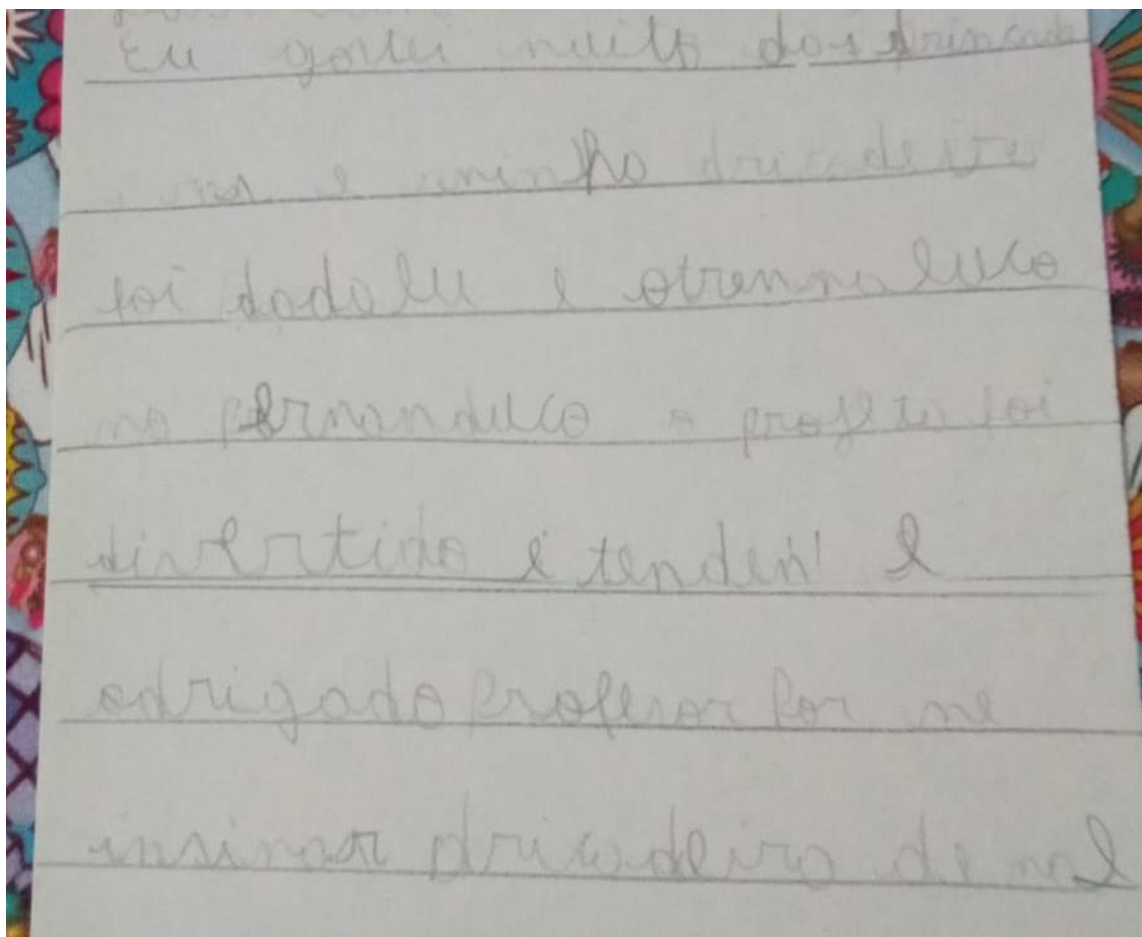


Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei da brincadeira babalu, por causa da forma de cantar, ela foi a minha terceira preferida de todas as brincadeiras. Eu estou adorando o projeto.

Imagem 21 - Impressão sobre o projeto do aluno Luis

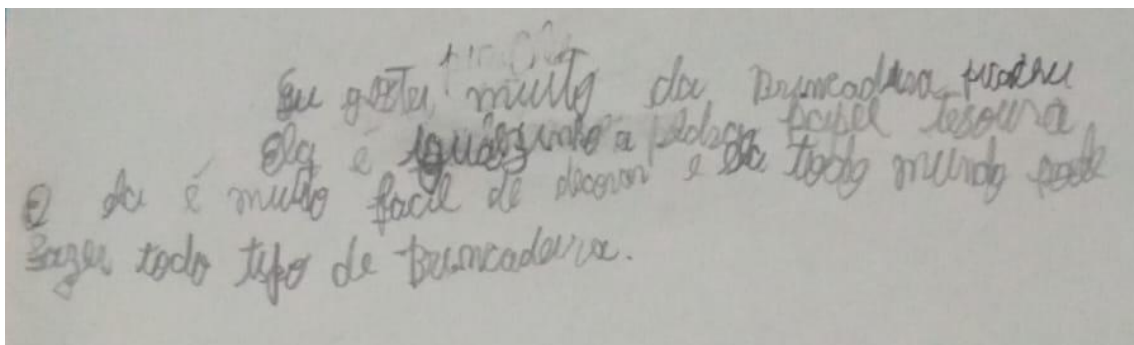


Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei muito das brincadeiras. A minha brincadeira preferida foi babalu e o trem maluco no Pernambuco. O projeto foi divertido e obrigado professor por me ensinar brincadeiras de mãos.

Imagem 22 - Impressão sobre o projeto do aluno Frantz

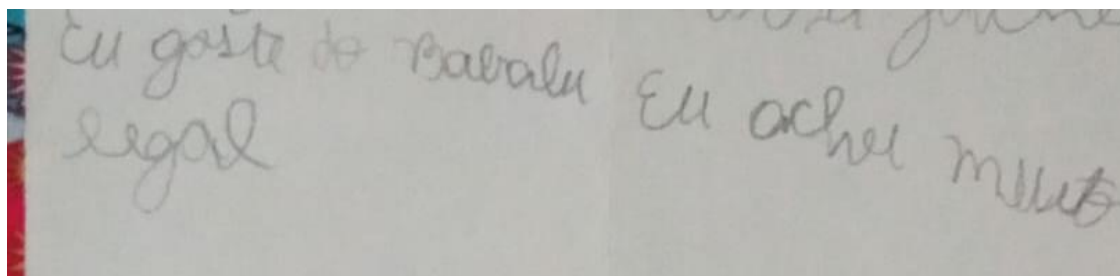


Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei muito da brincadeira pikachu. Ela é igualzinho pedra, papel e tesoura. Ela é muito fácil de decorar. E todo mundo pode fazer todo tipo de brincadeira.

Imagem 23 - Impressão sobre o projeto da aluna Carolina



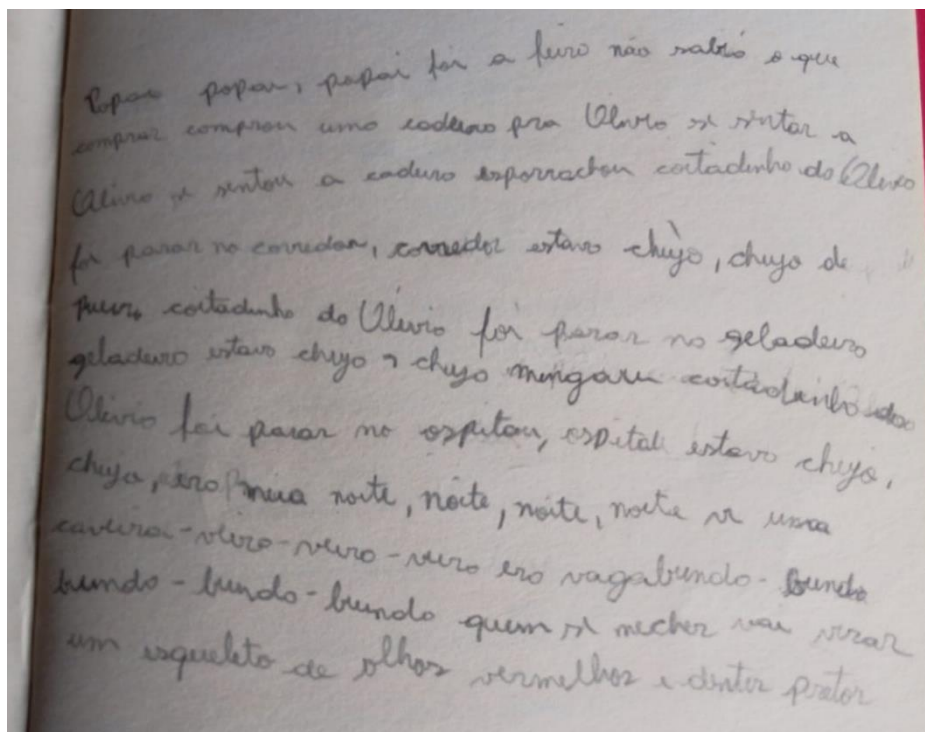
Fonte: Relato dos/as alunos/as transcrito pelo professor-pesquisador

Transcrição:

Eu gostei do babalu, eu achei muito legal.

APÊNDICE F - Registro das brincadeiras apresentadas pelos/as alunos/as no diário de bordo

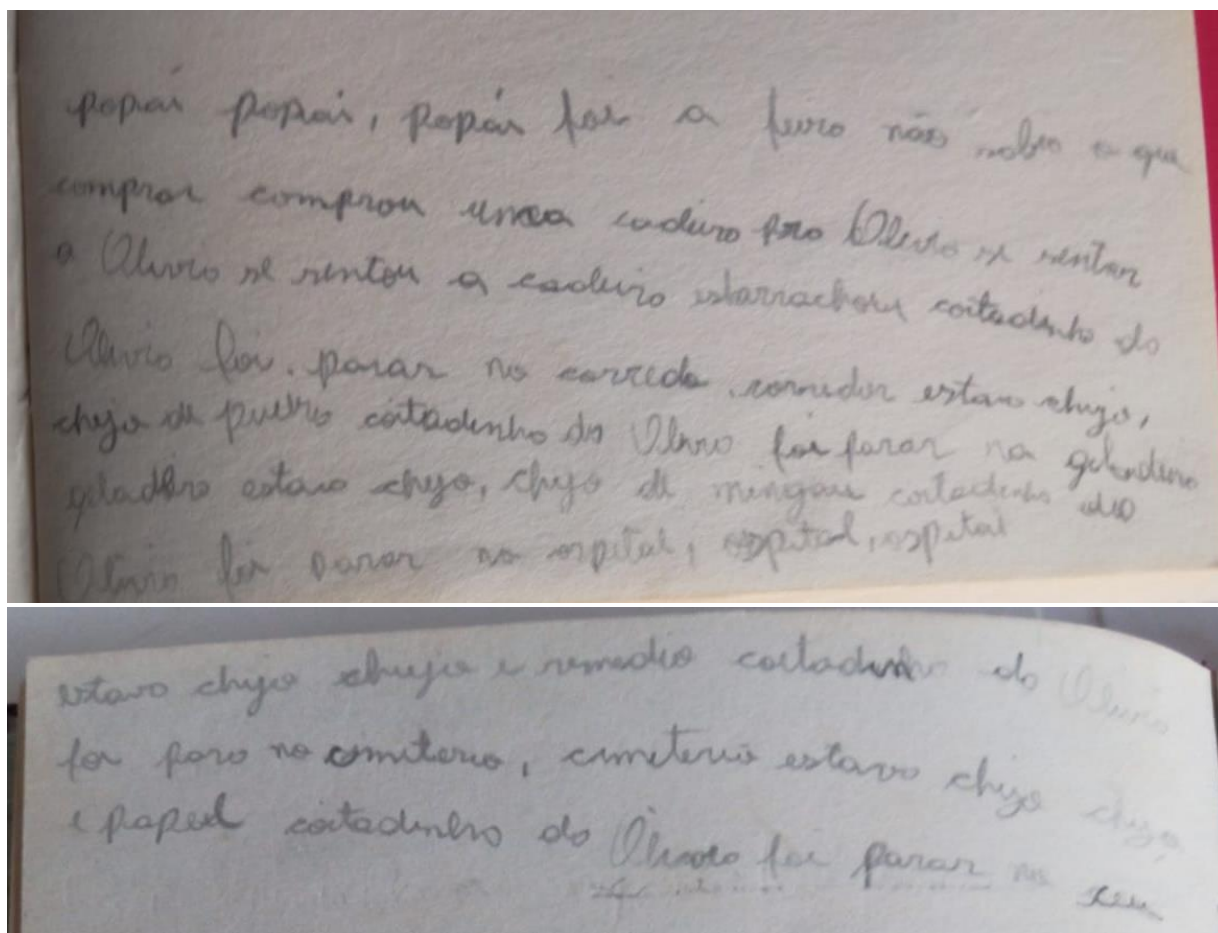
Imagem 24 - Registro em diário de bordo da brincadeira "Popeye", feito pela aluna Dandara



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Popeye foi a feira não sabia o que comprar
Comprou uma cadeira para a Olívia se sentar
A Olívia se sentou, a cadeira esborrachou
Coitadinha da Olívia, foi parar no corredor
Corredor estava sujo, sujo de poeira
Coitadinha da Olívia foi parar na geladeira
Geladeira estava suja, suja de mingau
Coitadinha da Olívia foi parar no hospital
Hospital estava sujo, sujo
Era meia noite, noite, noite, noite
Vi uma caveira, veira, veira, veira
Era vagabunda, bunda, bunda, bunda
Quem se mexer vai virar um esqueleto
De olhos vermelhos e dentes pretos

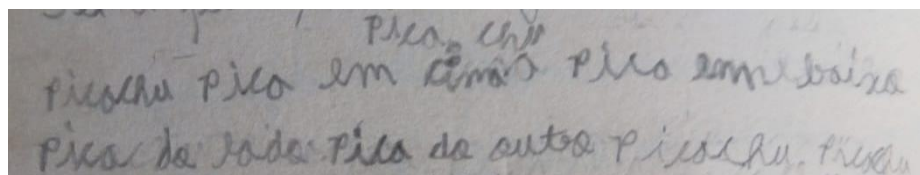
Imagem 25 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Popeye”, uma variação, feito pela aluna Dandara



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Popeye foi a feira não sabia o que comprar
 Comprou uma cadeira para a Olívia se sentar
 A Olívia se sentou, a cadeira esborrachou
 Coitadinha da Olívia, foi parar no corredor
 Corredor estava sujo, sujo de poeira
 Coitadinha da Olívia foi parar na geladeira
 Geladeira estava suja, suja de mingau
 Coitadinha da Olívia foi parar no hospital
 Hospital estava sujo, sujo
 Sujo de remédio
 Coitadinha da Olívia foi parar no cemitério
 Cemitério estava sujo, sujo
 Sujo de papel
 Coitadinha da Olívia foi parar no céu.

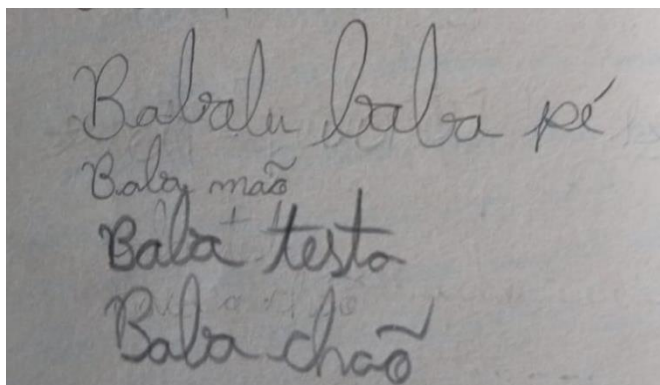
Imagem 26 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Pikachu”, feito pelo aluno Evaristo



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Pikachu
Pika em cima
Pika em baixo
Pika do lado
Pika do outro
Pi-kaaaa-chuuu
Pi-kaaaa-chuuu

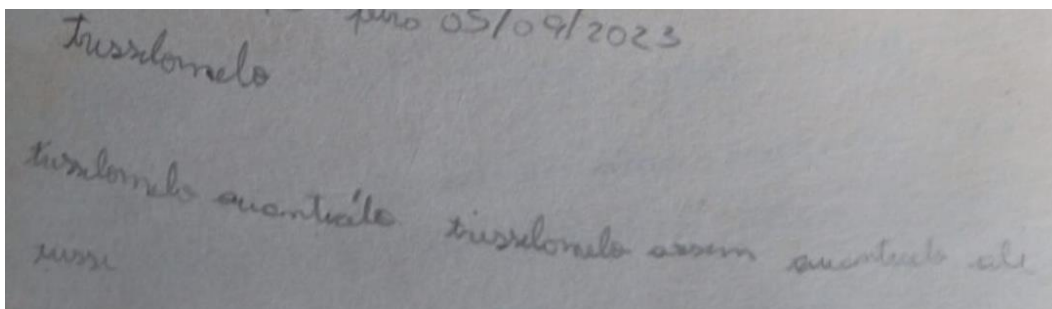
Imagem 27 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Babalu”, feito pela aluna Djamila



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Ba-ba-lu
Baba-pé
Baba-mão
Baba-testa
E baba o chão

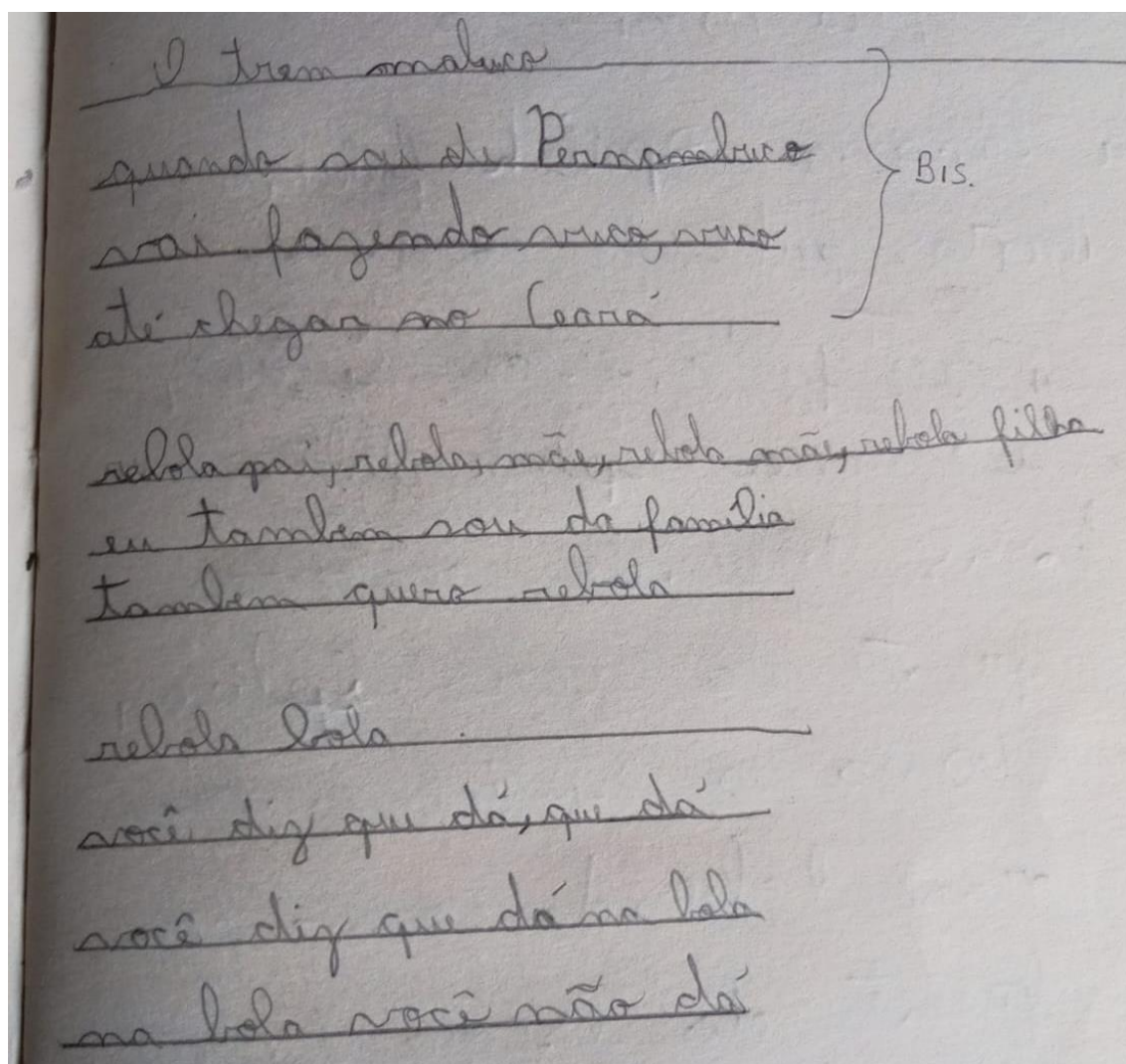
Imagem 28 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Tricilomelo”, feito pela aluna Dandara



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Tricilomelo
Auantchu celo
Tricilomelo si
Auantchu celo si
Trici, trici
Tricilauêi

Imagem 29 - Registro em diário de bordo da brincadeira "O trem maluco", feito pelo aluno Paulo



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

O trem maluco
Quando sai de Pernambuco
vai fazendo vuco, vuco
até chegar no Ceará
Rebola pai, rebola mãe, rebola filha
Eu também sou da família
Também quero rebolar
Rebola, bola
Você diz que dá, que dá
Você diz que dá na bola
Na bola você não dá

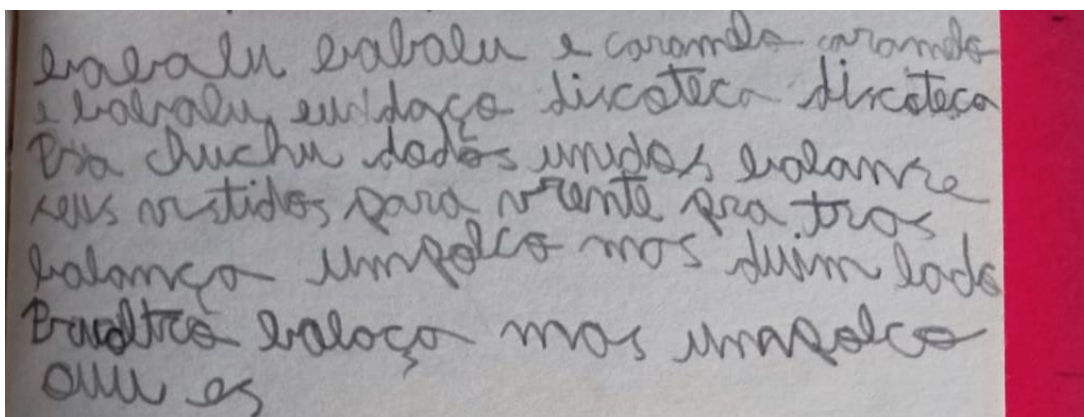
Imagem 30 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Ana banana”, feito pela aluna Lydia

ana banana splish fabiana
24 horas bebendo coca-cola
em frente da escola splish,
ana banana splish fabiana
24 horas bebendo coca-cola
em frente da escola splish,
ana banana splish fabiana
24 horas bebendo coca-cola
em frente da escola splish,
ana banana splish fabiana
24 horas bebendo coca-cola
em frente da escola splish.
ana banana splish fabiana 24
horas bebendo coca-cola em frente
da escola splish.

Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Ana banana
Splish Fabiana
24 horas
bebendo coca-cola
Na frente da escola
Splish...

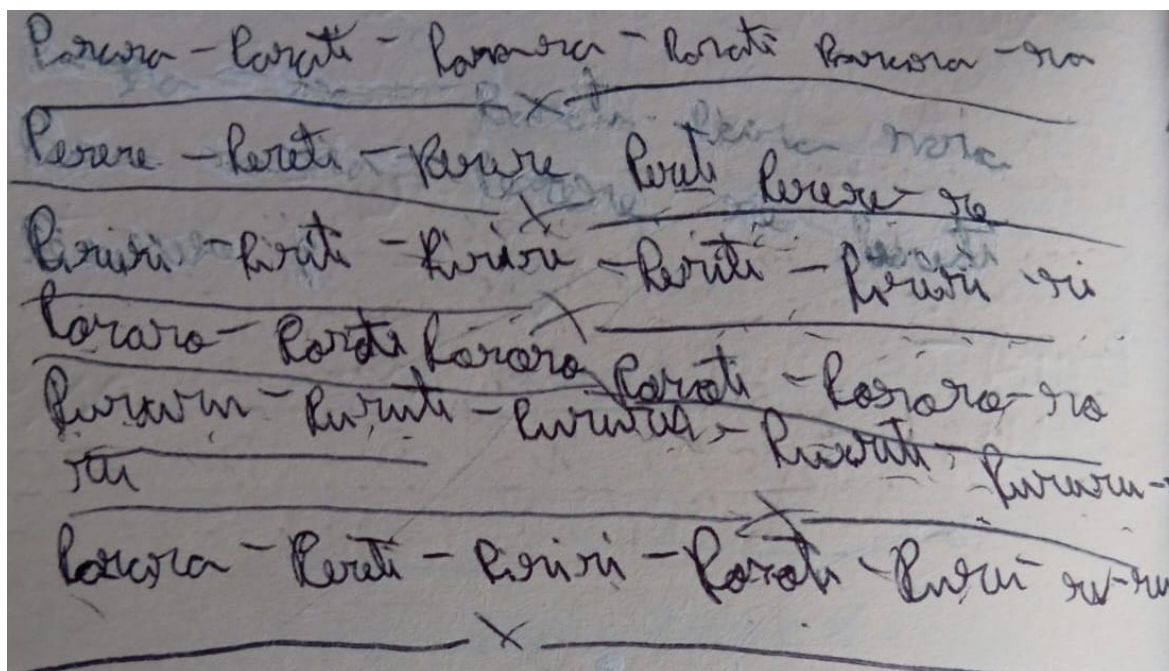
Imagem 31 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Babalu é caramelo”, feito pela aluna Maria



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Babalu
Balalu é caramelo
Caramelo é babalu
Eu danço discoteca
Discoteca pra chuchu
Todos unidos
Balance seus vestidos
Pra frente
Pra trás
Balance um pouco mais
De um lado
“Pro” outro
Balance mais um pouco
Ouuu e...

Imagem 32 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Pararaparati”, feito pela aluna Dandara



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Parara parati, parara parati, parara parati
 Perere pereti, perere pereti, perere pereti
 Piriri piriti, piriri piriti, piriri piriti
 Pororo poroti, pororo poroti, pororo poriti
 Pururu puruti, pururu puruti, pururu puriti
 Parara pereti, piriri poroti, pururu.

Imagem 33 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Meleca”, feito pela aluna Marielle

FUI NA GELADEIRA PEGA
MEU DANONINHO QUANDO EU PERCEBI
TINHA MELECA NO POTINHO
MELECA FUI NO BANHEIRO LAVAR
AS MINHAS MÃOS QUANDO EU PERCEBI
TINHA MELECA NO SABÃO
MELECA FUI NO HOSPITAL
TOMAR UMA INJEÇÃO
QUANDO EU PERCEBI TINHA
MELECA NO COLCHÃO
MELECA
FUI NO CEMITÉRIO

Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

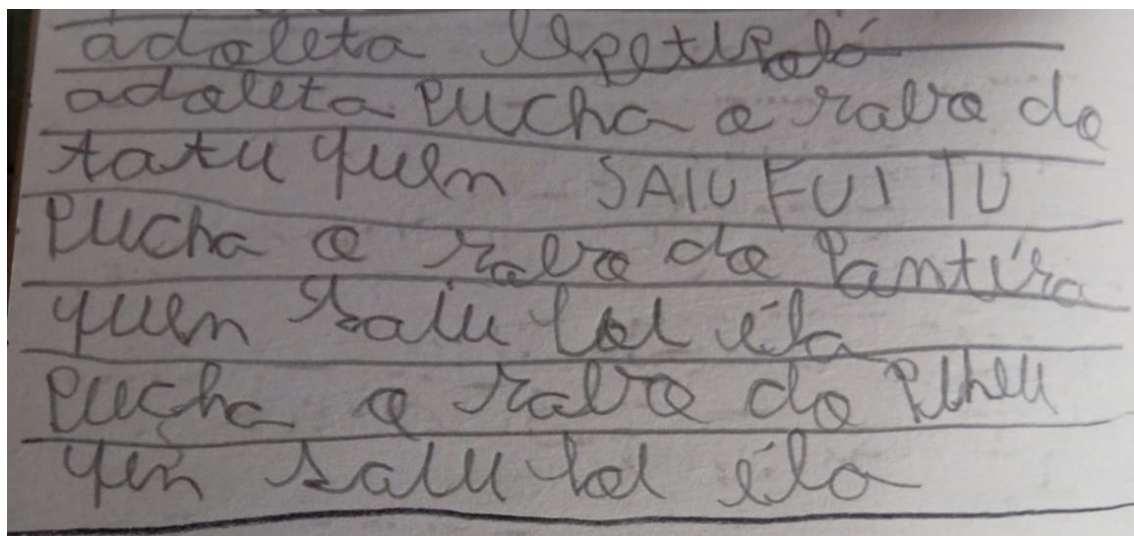
Fui na geladeira pegar meu Danoninho
Quando eu percebi tinha meleca no potinho
Me-le-ca

Fui ao banheiro lavar as minhas mãos
Quando eu percebi tinha meleca no sabão
Me-le-ca

Fui no hospital tomar uma injeção
Quando eu percebi tinha meleca no colchão
Me-le-ca

Fui ao cemitério
Fazer uma macumba
Quando eu percebi tinha meleca na minha bunda
Me-le-ca

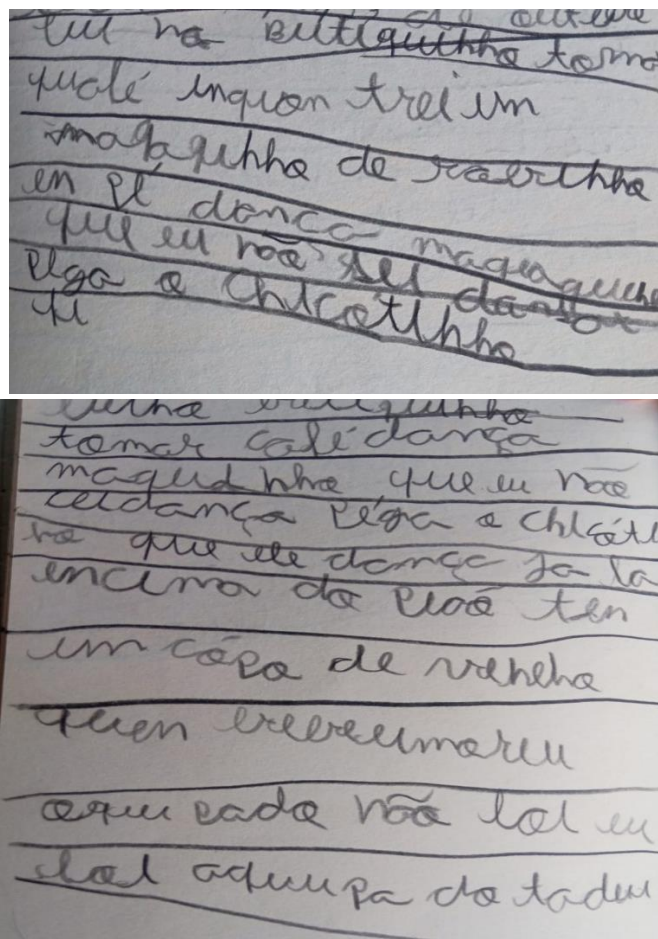
Imagem 34 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Adoleta”, feito pela aluna Marielle



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Adoleta
le peti peti polá
Le café com chocolá
Adoleta
Puxa o rabo do tatu
Quem saiu foi tu
Puxa o rabo da pantera
Quem saiu foi ela
Puxa o rabo do pneu
Quem saiu foi eu.

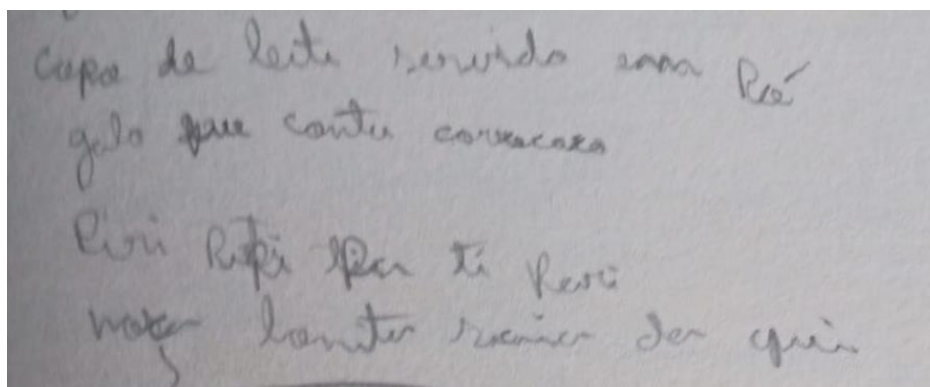
Imagem 35 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Fui ao botequim”, feito pela aluna Marielle



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Fui ao botequim tomar café
 Encontrei um macaquinho de rabinho em pé
 Dança macaquinho que eu não sei dançar
 Pega o chicotinho que ele dança já
 La em cima do piano
 Tem um copo de veneno
 Quem bebeu morreu
 O culpado não fui eu
 A culpa é do Tadeu

Imagem 36 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Copo de leite”, feito pela aluna Marielle



Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Copo de leite servido em pó
Copo de leite servido em pó
Galo que canta
Corococó
Moça bonita saia daqui....

Imagem 37 - Registro em diário de bordo da brincadeira “Bom retiro”, feito pela aluna Zilda

Bonretiro, Bonretiro tem muitos frutos
Tem muitos frutos, amora, uva, manga, pitaiá e
caqui, Bonretiro Bonretiro, tem muitos retiros bonitos,
bonitos Bonretiro, Bonretiro tem uma escola que se
chama mais parecido com, com e nessa escola tem
uma sala do 4º Ano A

Fonte: Registro dos/as alunos/as das brincadeiras transcritas pelo professor-pesquisador

Copo de leite servido em pó
Copo de leite servido em pó
Galo que canta
Corococó
Moça bonita saia daqui....

Apêndice G - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

(Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)

TERMO DE ASSENTIMENTO

BABALU POPEYE FUI A CHINA AONDA VAI FIFI?

Você está sendo convidado para participar da pesquisa:

“Brincadeiras de mãos cantadas nas aulas de Educação Física: acolhendo e divulgando as culturas infantis na escola” para a Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Seus/suas responsáveis permitiram que você participe e vamos explicar como você vai participar:

Em um primeiro momento, você e seus/suas amigos/as vão apresentar as brincadeiras de mãos cantadas que já conhecem.

Vamos vivenciar e experimentar cada uma das brincadeiras.

Em roda, vamos conversar sobre elas. O que você sentiu? Qual você mais gostou? Entre outras perguntinhas.

As crianças que irão participar dessa pesquisa têm entre 09 e 10 anos de idade.

Você não precisa participar da pesquisa **se não quiser**, é um **direito** seu, e não terá nenhum problema se você desistir, nem para você e nem para seus/suas responsáveis.

Esta pesquisa será feita aqui, na nossa escola, a E.m.e.i.e.f. “Professora Maria Aparecida Fernandes Leite”, e para que tudo ocorra da melhor maneira possível, vamos:

- ✚ Filmar as nossas aulas;
- ✚ Vivenciar as brincadeiras de mãos cantadas que já conhecemos e as que ainda vamos conhecer através da pesquisa;
- ✚ Filmar as brincadeiras para criar um jogo de cartas, essas brincadeiras serão disponibilizadas no youtube.

***Você não precisa participar dessa etapa, caso não queira.**

Conversas sobre as brincadeiras;

Tudo que nos acontecer será escrito em um diário, que você poderá ler quando quiser.

Caso você não se sinta bem, fique tranquilo/a! Procure o professor, ele vai te ajudar a se sentir melhor;

Essa nossa pesquisa tem muitas coisas boas a nos oferecer, com ela vamos ampliar nosso conhecimento das brincadeiras de mãos cantadas, vamos também conhecer as diferenças dos jeitos de se brincar, aprender a valorizar, respeitar e acolher. Nós garantimos que ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, para que você se sinta à vontade e nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Tudo será mantido em segredo e só o Professor Tiago saberá destas informações e ela as guardará em um local seguro.

Os resultados desta pesquisa vão ser publicados em revistas e jornais importantes para que outros pesquisadores possam saber o que fizemos, mas sem colocar o seu nome e o nome das crianças que participaram da pesquisa. Podemos até mudar o seu nome, para não saberem que é você.

Essa pesquisa pode conter alguns riscos: Pode ser que você fique com vergonha de brincar, pode ser que você não queira falar na frente de seus/suas amigos/as, tenha medo de colocar sua opinião, que você sinta algum desconforto. Para isso não acontecer e para que você se sinta bem, será criado um ambiente bem legal, você pode falar com o professor em qualquer momento, caso não se sinta bem. Na roda de conversa você pode falar o que você pensa para todos, mas só se você quiser! A sua fala é muito importante, por isso sempre será ouvido.

E, se você tiver alguma dúvida, você pode perguntar para o professor Tiago, seu professor de Educação Física. Se você não quiser assinar logo, você pode levar este documento para casa, conversar com os seus pais e trazer na próxima vez que vier a nossa escola. Seus/suas responsáveis também assinarão um termo parecido e serão esclarecidos/as de tudo o que irá acontecer com você. Queremos que você se sinta o mais seguro/a e confortável possível.

Muito obrigado!

Porto Feliz, _____ de _____ do ano de _____.

Assinatura do Pesquisador

Assinatura da Criança

Apêndice H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE) (Conselho Nacional de Saúde, Resoluções 466/12 e 510/16)

O/a senhor/a está sendo convidado/a para participar de uma pesquisa de Mestrado intitulada “Brincadeiras de mãos cantadas nas aulas de Educação Física: acolhendo e divulgando as culturas infantis na escola” que será desenvolvida por Tiago Ferraz Thomé, RG: 42.682.633-4, matriculado no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), sob a orientação da Profa. Dra. Daniela Bento-Soares, docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Unesp. O objetivo da referida pesquisa é conhecer/mapear a diversidade das brincadeiras de mãos que fazem parte da pluralidade dos jeitos de se brincar de meninos e meninas nas aulas de Educação Física escolar. Os benefícios da pesquisa são: Valorizar a diversidade de conhecimentos sobre o brincar que fazem parte da cultura infantil, ampliar os conhecimentos das brincadeiras de mãos cantadas como conteúdo das aulas de Educação Física escolar, criar um ambiente que possa acolher a diversidade da cultura infantil presente na escola, bem como gerar um sentimento de pertencimento da criança a comunidade escolar.

Caso o/a senhor/a aceite participar desta pesquisa deverá saber que essa pesquisa será desenvolvida e aplicada nesta unidade escolar – E.M.E.I.E.F. Professora Maria Aparecida Fernandes Leite – durante as aulas de Educação Física, pelo professor-pesquisador Tiago Ferraz Thomé, responsável pela turma. O professor irá filmar as aulas e descrever suas impressões em um diário de campo. Tanto os vídeos quanto o diário de campo serão utilizados para posterior análise. Esse material será utilizado para fins única e exclusivamente pedagógicos e poderá ser divulgado em congressos e reuniões científicas, para discussão com a comunidade acadêmica. A identificação das crianças será preservada e o nome e a imagem serão utilizadas apenas para fins de pesquisa. Quando for necessário utilizar vídeos e fotos dos alunos/as, os rostos e vozes serão ocultos com recursos de mídia.

Ressalta-se que em um segundo momento, para criação de um jogo de cartas, com vídeos explicativos sobre as brincadeiras de mãos cantadas, os/as alunos/as serão filmados explicando/vivenciando as brincadeiras de mãos cantadas. Esses vídeos poderão ser divulgados através de um canal no Youtube. Somente serão filmados os/as alunos/as que se sentirem confortáveis e que forem devidamente autorizados a exibição os direitos de imagem pelos responsáveis.

A participação na pesquisa também prevê uma entrevista com um/a ou mais responsáveis pela criança, para conhecer um pouco mais sobre a vida dos/as alunos/as e a origem das brincadeiras de mãos cantadas que realizam. Essas entrevistas serão agendadas de acordo com a disponibilidade das famílias e serão gravadas para posterior análise.

A utilização dos métodos de pesquisa mencionados acima pode gerar riscos, tais como: inibição, medo de expor-se e ser julgado/a ao emitir sua opinião diante do grupo, ou mesmo desconforto físico ou emocional ao vivenciar as brincadeiras de mãos cantadas. Para minimizar esses riscos, pretende-se criar um ambiente acolhedor, valorizar, ouvir e incentivar de maneira individual e em grupo, fazendo uso das rodas de conversa. O/a aluno/a fará uso da fala apenas se quiser, caso se sinta desconfortável pode dirigir-se ao professor a qualquer momento.

A qualquer momento, antes, durante ou após a participação na pesquisa, coloco-me à disposição para esclarecimentos sobre eventuais dúvidas que possam surgir. A participação é voluntária e sua recusa em participar não lhe provocará nenhum dano ou punição. Você poderá se recusar a participar, ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Será garantido o sigilo e a privacidade de sua participação. Os dados coletados são confidenciais e serão utilizados unicamente para fins de pesquisa. Para participar, não haverá nenhuma despesa, bem como, qualquer tipo de remuneração.

A assinatura desse termo autoriza a participação da criança na pesquisa, bem como a participação do responsável pela criança na entrevista.

Se o/a senhor/a se sentir esclarecido sobre a pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o/a a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor/a e a outra com o pesquisador.

Porto Feliz, _____ de _____ do ano de 2023.

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do representante legal

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: Brincadeiras de mãos cantadas nas aulas de Educação Física: acolhendo e divulgando as culturas infantis na escola

Pesquisador Responsável: Tiago Ferraz Thomé

Cargo/função: Professor de educação Física e mestrando do Programa do Mestrado Profissional em Educação Física em rede (PROEF)

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP – Polo de Rio Claro) “Júlio de Mesquita Filho”

Endereço: Av 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro – SP

Dados para Contato Institucional: Fone: (19) 3526-4330 – e-mail: tiago.thome@unesp.br

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Bento-Soares

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP – Polo de Rio Claro) “Júlio de Mesquita Filho”

Cargo/função: Docente do Departamento de Educação Física

Endereço: Av 24 A, 1515, Bela Vista. Cep: 13506-900 – Rio Claro – SP

Dados para Contato Institucional: Fone: (19) 3526-4330 - e-mail: daniela.bento-soares@unesp.br

Dados do/a responsável/representante legal do/a participante:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

CEP-IB/UNESP-CRC
Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP
Telefone: (19) 35269678

Número do parecer: 6.116.781

Apêndice I – Livro digital contando o processo da pesquisa e com as brincadeiras apresentadas, transformadas e criadas pelos/as alunos/as em formato de um jogo de cartas

Quando você brinca, você se esquece de si mesmo e faz parte do todo. Na hora, você não tem consciência disso, você é feliz, vive uma inteireza. Brincar é, para mim, o último reduto de espontaneidade que a humanidade tem.

(Lydia Hortélio, 2019, n. p.)

MÃOS QUE CANTAM:

acolhendo a
diversidade das
culturas infantis na
Educação Física





AGIR
Grupo de Pesquisa em
Atividades Gímnicas e Rítmicas
Unesp Rio Claro



REALIZAÇÃO

**UNESP - Universidade Estadual Paulista
Instituto de Biociências Núcleo Unesp, Rio Claro, SP**

**Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional - ProEF**

ELABORAÇÃO

Prof. Tiago Ferraz Thomé

ORIENTAÇÃO

Profa. Dra. Daniela Bento-Soares

ILUSTRAÇÕES CANVA

Thomé, Tiago Ferraz
T465m Mãos que cantam [recurso eletrônico] : acolhendo a
diversidade das culturas infantis na educação física / Tiago
Ferraz Thomé. - Rio Claro, 2024
39 p. : il.

Produto educacional que acompanha a dissertação do
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede Nacional – ProEF – Universidade Estadual Paulista
(Unesp) – Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Daniela Bento-Soares

1. Brincar. 2. Brincadeiras cantadas. 3. Culturas infantis.
4. Educação física escolar. 5. Escola. I. Título.

796.14

Este livro foi um registro dos
alunos e das alunas do 4º ano A
da EMEIEF “Professora Maria
Aparecida Fernandes Leite”.



Aqui apresento
nosso produto educacional,
marca do ProEF.

Que busca inspirar,
professoras e alunos/as
a conhecer e explorar,
a riqueza do brincar.

Nas páginas deste livro,
com rimas e versos,
conto um pouco do processo.

Cada gesto narrado,
uma lição a trazer,
no brincar de mãos,
a essência de ser.

E lá embaixo
para nos alegrar,
um jogo de cartas,
onde juntos/as
possamos brincar.

***“Brincar é o maior exercício de
liberdade que podemos ter.”***

Lydia Hortélio, 2008



Fonte: Entrevista com Lydia Hortélio, disponível em:
<http://www.memoriasdofuturo.com.br/noticiaaberta/preciso-brincar-para-afirmar-a-vida---lydia-hortelio>

Tricilomelo
Auantchu celo
Tricilomelo si
Auantchu celo si
Trici, trici
Triciláuêi



E foi assim que tudo começou...

Pelo caminho,
escola projeto,
duas meninas de mãos a brincar,
“tricilomelo aunthucelo”.

Ali, meu primeiro encanto,
um universo vibrante a se revelar,
nas notas, nos gestos, a alegria a brotar.
Foi ali que meu coração
à infância, se entregou a amar.



*Sob o céu de saberes,
um universo temático a encontrar,
Paulo Freire, semente que ali plantou,
meninos e meninas a brincar,
no recreio, na entrada, em todo lugar.*



***Entre risos e rimas, encantos a tecer,
Popeye, Babalu, Maria Helena e Pikachu.
Para o saber das crianças acolher,
valorizar cada história,
e com todos/as aprender.***



Com amigostas brincantes,
o saber se expandiu.
Na escola da vida,
cada um/a contribuiu.
Na dança da aprendizagem,
todostas têm lugar,
Amigos, família, TikTok,
YouTube a colaborar.



As brincadeiras de mãos cantadas,
um tesouro atemporal,
viajam pelo tempo,
em um saber ancestral.
Num imenso telefone sem fio
em que meninos e meninas
pelas suas vozes perpetuam
o brincar do seu quintal



Lydia, na Bahia, chama
"menino" de criança.
Sabedoria popular,
de um olhar
que brinca, canta
e encanta.
Com seu "olhar menino"
a gente nunca deixa
de lembrar
quem em nosso âmago
foi nossa criança.



*A aula antidialógica
rouba o lugar de fala
do aluno, da aluna
mais uma voz que se cala.*



No papel, em seus relatos,
alunos e alunas,
gostaram de ensinar,
ver seus saberes compartilhados
todos/as juntos/as a brincar.



*Após brincarem e aprenderem,
o diálogo se inicia,
nas rodas de conversa
o conhecimento se amplia.
Paulo Freire, guia nossas reflexões,
educação que problematiza,
em todas direções.*



Quando eu percebi,
tinha “meleca no chão”,
entre sorrisos e brincar de mãos.
Da diversão à leitura de mundo
respeitar as religiões,
um compromisso profundo.



*No 4º ano A, com os alunos e as alunas a criar,
surgiu um jeito próprio de brincar.
Com criatividade a florescer,
um universo único
a acontecer.*



*Na escrita de si,
reflexão a desvelar,
palavras que revelam
o próprio caminhar.
Entre uma linha e outra,
uma jornada a repensar.*



*A narrativa pessoal,
um mundo a explorar.
Na práxis constante,
moldando meu saber,
transformando a jornada,
fazendo acontecer.*



*Na narrativa do ser,
vislumbro o porvir,
futuridade e utopia
a se entrelaçar, a sorrir.
Nos inéditos viáveis
que a práxis pode gerar,
transformações possíveis
em cada novo olhar.*



BRINCADEIRAS DE MÃOS CANTADAS

Jogo de cartas

4 ano A

OBJETIVO DO JOGO:

BRINCAR, CRIAR E TRANSFORMAR OS JEITOS DE SE BRINCAR DE MÃOS.

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

CARTAS IMPRESSAS COM AS BRINCADEIRAS DE MÃOS; DISPOSITIVO PARA REPRODUZIR O VÍDEO (OPCIONAL).

NÚMERO DE PARTICIPANTES:

2 OU MAIS JOGADORES/AS.

COMO JOGAR:

EMBARALHE AS CARTAS E RETIRE UMA ALEATORIAMENTE, SEM OLHAR. APÓS SELECIONAR A CARTA SOLTE A CRIATIVIDADE E DIVIRTA-SE.

SE VOCÊ PEGAR UMA CARTA COM BRINCADEIRAS DO 4º ANO A, PODE CONSULTAR O QR CODE PARA ENTENDER MELHOR O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE

NÃO HÁ REGRAS FIXAS – SINTA-SE À VONTADE PARA MUDAR AS LETRAS E MOVIMENTOS CONFORME DESEJAR.

SE TIRAR A CARTA "DESAFIO CRIATIVO", A MISSÃO É CRIAR UMA BRINCADEIRA COM O TEMA QUE PREFERIR.

JÁ A CARTA "PESQUISA" PERMITE ESCOLHER AMIGOS/AS OU MEMBROS DA FAMÍLIA PARA APRENDER UMA NOVA BRINCACEIRA. PERGUNTE SE CONHECEM ALGUMA DELAS E COMPARTILHE DURANTE O JOGO.

VAMOS BRINCAR?

POPEYE



POPEYE FOI A FEIRA NÃO SABIA O QUE COMPRAR, COMPROU UMA CADEIRA PARA A OLÍVIA SE SENTAR, A OLÍVIA SE SENTOU, A CADEIRA ESBORRACHOU COITADINHA DA OLÍVIA, FOI PARAR NO CORREDOR, CORREDOR ESTAVA SUJO, SUJO DE POEIRA, COITADINHA DA OLÍVIA FOI PARAR NA GELADEIRA, GELADEIRA ESTAVA SUJA, SUJA DE MINGAU, COITADINHA DA OLÍVIA FOI PARAR NO HOSPITAL, HOSPITAL ESTAVA SUJO, SUJO SUJO DE REMÉDIO, COITADINHA DA OLÍVIA FOI PARAR NO CEMITÉRIO, CEMITÉRIO ESTAVA SUJO, SUJO, SUJO DE PAPEL COITADINHA DA OLÍVIA FOI PARAR NO CÉU.

POPEYE CAVEIRA



**POPEYE FOI A FEIRA NÃO SABIA O QUE
COMPRAR, COMPROU UMA CADEIRA PARA A
OLÍVIA SE SENTAR, A OLÍVIA SE SENTOU, A
CADEIRA ESBORRACHOU, COITADINHA DA
OLÍVIA, FOI PARAR NO CORREDOR
CORREDOR ESTAVA SUJO, SUJO DE POEIRA
COITADINHA DA OLÍVIA FOI PARAR NA
GELADEIRA, GELADEIRA ESTAVA SUJA,
SUJA DE MINGAU, COITADINHA DA OLÍVIA
FOI PARAR NO HOSPITAL, HOSPITAL
ESTAVA SUJO, SUJO DE REMÉDIO,
COITADINHA DA OLÍVIA FOI PARAR NO
CEMITÉRIO. ERA MEIA NOITE, NOITE, NOITE,
NOITE, VI UMA CAVEIRA, VEIRA, VEIRA,
VEIRA**

**ERA VAGABUNDA, BUNDA, BUNDA, BUNDA
QUEM SE MEXER VAI VIRAR UM ESQUELETO
DE OLHOS VERMELHOS E DENTES PRETOS**

BABALU



BABALU

**BALALU É CAMELO
CAMELO É BABALU
EU DANÇO DISCOTECA
DISCOTECA PRA CHUCHU
TODOS UNIDOS
BALANCE SEUS VESTIDOS
PRA FRENTE
PRA TRÁS
BALANCE UM POUCO MAIS
DE UM LADO
“PRO” OUTRO
BALANCE MAIS UM POUCO
OUUU E..**



PIKACHU



PIKACHU

PIKA EM CIMA

PIKA EM BAIXO

PIKA DO LADO

PIKA DO OUTRO

PI-KAAAAA-CHUUU

PI-KAAAAA-CHUUU



MARIA HELENA



**MARIA HELENA FOI AO
CURSO DE BELEZA
E O QUE ELA FEZ?
DOLI, DOLI, DOLI, DOLI, DOLÁ
QUEM FICAR DE PERNA
ABERTA
TEM QUE REBOLAR
DOLI, DOLÁ**



MELECA



**FUI À GELADEIRA PEGAR MEU DANONINHO
QUANDO EU PERCEBI TINHA MELECA NO
POTINHO**

ME-LE-CA

**FUI AO BANHEIRO LAVAR AS MINHAS MÃOS
QUANDO EU PERCEBI TINHA MELECA NO SABÃO**

ME-LE-CA

**FUI AO HOSPITAL TOMAR UMA INJEÇÃO
QUANDO EU PERCEBI TINHA MELECA NO
COLCHÃO**

ME-LE-CA

**FUI AO CEMITÉRIO
NÃO TIVE MEDO ALGUM**

QUANDO EU PERCEBI TINHA MELECA NO

BUMBUM

ME-LE-CA



PARARA PARATI



**PARARA PARATI, PARARA
PARATI, PARARA PARATI
PERERE PERETI, PERERE PERETI,
PERERE PERETI
PIRIRI PIRITI, PIRIRI PIRITI, PIRIRI
PIRITI
PORORO POROTI, PORORO POROTI,
PORORO PORITI
PURURU PURUTI, PURURU PURUTI,
PURURU PURITI
PARARA PERETI, PIRIRI POROTI,
PURURU**



TREM MALUCO



**O TREM MALUCO
QUANDO PASSA EM PERNAMBUCO
VAI FAZENDO
CHIQUE, CHIQUE, CHIQUE
ATÉ CHEGAR NO CEARÁ
REBOLA PAI, MÃE, EU TAMBÉM SOU DA FAMÍLIA
TAMBÉM QUERO REBOLAR
UNI-UNI COCA-COLA
UNI-UNI GUARANÁ
SETE, SETE, SÃO CATORZE
COM MAIS SETE, VINTE UM
TENHO VINTE UM NAMORADOS
CADA DIA EU MATO UM
TCHIBUM**



TRICILOMELO



**TRICILOMELO
AUANTCHU CELO
TRICILOMELO SI
AUANTCHU CELO SI
TRICI, TRICI
TRICILAUÊI**



COPO DE LEITE



COPO DE LEITE SERVIDO EM PÓ
COPO DE LEITE SERVIDO EM PÓ
GALE QUE CANTA
COROCOCÓ
MOÇA BONITA SAIA DAQUI....



FUI AO BOTEQUIM



**FUI AO BOTEQUIM TOMAR CAFÉ
ENCONTREI UM MACAQUINHO DE
RABINHO EM PÉ
DANÇA MACAQUINHO QUE EU NÃO SEI
DANÇAR
DÁ UM ABRAÇO NELE QUE ELE DANÇA
JÁ**

**LÁ EM CIMA DO PIANO
TEM UM COPO DE VENENO
QUEM BEBEU MORREU
O CULPADO NÃO FUI EU
A CULPA É DO TADEU**



BOM RETIRO



**BOM RETIRO, BOM RETIRO
TEM MUITAS FRUTAS
TEM MUITAS FRUTAS
AMORA, UVA, MANGA, PITAYA E CAQUI/
BOM RETIRO, BOM RETIRO...
TEM MUITOS SÍTIOS
BONITOS BONITOS
BOM RETIRO, BOM RETIRO
TEM UMA ESCOLA
QUE SE CHAMA
MARIA APARECIDA...
CIDA/ CIDA/
E NESSA ESCOLA
TEM UMA SALA
DO 4º ANO A**



SUCO GELADO



**SUCO GELADO
CABELO ARREPIADO
QUAL É A LETRA
DO SEU NAMORADO?**

A

B

C

D

E



ANA BANANA



ANA BANANA SPLISH

FABIANA

VINTE E QUATRO HORAS

TOMANDO COCA-COLA

NA FRENTE DA ESCOLA

SPLISH...



ADOLETA



**ADOLETA
LE PETI PETI POLÁ
LE CAFÉ COM CHOCOLÁ
ADOLETA**

**PUXA O RABO DO TATU
QUEM SAIU FOI TU
PUXA O RABO DA PANTERA
QUEM SAIU FOI ELA
PUXA O RABO DO PNEU
QUEM SAIU FOI EU**



CRIE UMA BRINCADEIRA DE MÃOS, SOZINHO/A E/OU COM SEUS/SUAS AMIGOS/AS.

DESAFIO CRIATIVO

NOME DA BRINCADEIRA



PESQUISE UMA BRINCADEIRA COM SEUS/SUAS AMIGOS/AS E/OU FAMILIARES

PESQUISA

NOME DA BRINCADEIRA

[illegible]